



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Ana Paula Jung

**Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da
profissão**

Florianópolis

2022

Ana Paula Jung

**Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da
profissão**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação
em Estudos da Tradução da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Estudos da Tradução.
Orientadora: Profa. Neiva de Aquino Albres, Dra.

Florianópolis

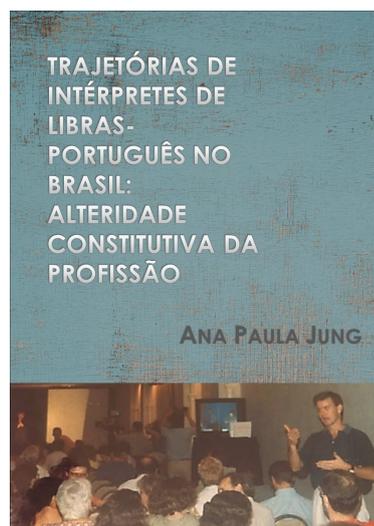
2022

**TRAJETÓRIAS DE
INTÉRPRETES DE
LIBRAS-
PORTUGUÊS NO
BRASIL:
ALTERIDADE
CONSTITUTIVA DA
PROFISSÃO**

ANA PAULA JUNG



Arte da capa: Fotografia de Ricardo Ernani Sander interpretando para os surdos brasileiros membros da Feneis no Congresso "The Deaf Way" em 1989, nos Estados Unidos da América.



Ficha de identificação da obra

Jung, Ana Paula
Trajetórias de intérpretes de Libras-português no
Brasil: alteridade constitutiva da profissão / Ana Paula
Jung ; orientador, Neiva de Aquino Albres, 2022.
132 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. História de Tradutores
Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais e Português. 3.
História Oral. 4. Estudos da Tradução. 5. Estudos da
Interpretação. I. Albres, Neiva de Aquino. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução. III. Título.

Ana Paula Jung

Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da profissão

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Andre Ribeiro Reichert
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Pedro Henrique Witches
Universidade Federal do Espírito Santos (UFES)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Tradução

Profª. Dra. Neiva de Aquino Albres
Orientadora

Florianópolis, 2022.

Este trabalho é dedicado às pessoas cuja presença na minha vida, ontem, hoje e amanhã, são fundamentais, pois constituem quem eu sou: minha família e minhas amizades, colegas e amigos surdas e surdos, colegas e amigos TILS, colegas e amigos de estudo e de trabalho, às alunas e aos alunos e, em especial, a minha grande incentivadora, minha orientadora, professora Neiva.

AGRADECIMENTOS

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida” (Vinicius de Moraes, 1967).

Ao meu pai, Egídio Aloísio Paulo Jung (*in memoriam*), e a minha mãe, Adely Paula Jung, pela vida, pelos valores e aprendizados ensinados através do exemplo. Tenho certeza de que vocês sentem orgulho pela mulher que me tornei.

À minha irmã, Luciane Jung Keller, por todo amor, por todo cuidado comigo e com meus filhos, por tudo que sempre fez por mim! Você sempre foi meu maior exemplo, eu te admiro demais.

Ao meu marido, Osni Leon Silvy, meu parceiro e apoiador, por tanta paciência e amor. Você é minha segurança em todos os momentos e tua presença me trouxe confiança nas horas difíceis.

Aos meus amados filhos: João Marcelo Jung Kruger, Ana Carolina Jung Kruger, Rubem Egídio Jung Kruger e Paolla Leon Silvy. Vocês me motivam, desde sempre, a ser alguém melhor. Cada um de vocês é um presente raro que recebi para amar e cuidar.

À Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis – pelo apoio à essa pesquisa, nas pessoas do ex-presidente, Sr. Francisco Eduardo Coelho da Rocha, cuja participação foi determinante para este estudo, e do atual presidente, Sr. Antônio Campos de Abreu, pelo apoio na localização e no compartilhamento de fontes históricas fundamentais para a pesquisa desenvolvida.

Às e aos TILS Ângela Russo, Geralda Eustáquia Ferreira, Ricardo Sander e Ely Prieto, que de maneira altruísta aceitaram participar das entrevistas que resultaram nesta dissertação de mestrado. Vocês nos permitiram conhecer perspectivas muito importantes da história dos TILS a partir de suas memórias.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Neiva de Aquino Albres, por tudo e por tanto, desde o aceite em orientar meu projeto de pesquisa, até a conclusão desta jornada de estudos, onde por muitas vezes precisei da tua mão, do teu abraço e da tua experiência como pesquisadora.

À todas e todos colegas de estudo, em especial ao Grupo de Pesquisa InterTrads, com quem passei momentos maravilhosos, mas também dividi as angústias da vida acadêmica. Vocês deixaram tudo mais leve e feliz.

Às “manas” Mairla Pereira Pires Costa e Elaine Aparecida de Oliveira, minhas queridas companheiras e confidentes, presentes do mestrado para a vida. Vocês me ajudaram a vencer os desafios do caminho com muita paciência, empatia e alegria.

Ao Prof. Dr. Andre Ribeiro Reichert (Universidade Federal de Santa Catarina) e ao Prof. Dr. Pedro Henrique Witches (Universidade Federal do Espírito Santos) pela participação na banca de defesa, contribuindo para a conclusão deste trabalho com muito rigor, mas, principalmente, com muito afeto e admiração partilhados. Me sinto honrada com a presença de vocês neste momento tão importante da minha história.

À Profa. Dra. Lodenir Karnopp (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), à Profa. Dra. Lucyenne Vieira-Machado (Universidade Federal do Espírito Santo) e ao Prof. Dr. Marcus Vinícius Nascimento (Universidade Federal de São Carlos) pelas pertinentes contribuições que trouxeram na banca de qualificação, possibilitando o refinamento do trabalho desenvolvido ao longo da pesquisa.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução pela oportunidade de realizar os estudos de mestrado em uma instituição que oferece educação pública gratuita, laica e de qualidade.

Aos colegas do Câmpus Palhoça Bilíngue do IFSC e aos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras-português), que ao longo de todo o período de estudos me apoiaram e incentivaram a seguir firme no propósito. Vocês foram extremamente compreensíveis e amorosos comigo, serei sempre grata por todo afeto e preocupação demonstrados.

Às professoras e aos professores com quem tive a alegria de conviver e a oportunidade de aprender. Sou fruto da dedicação, do protagonismo e da resistência de cada uma e cada um de vocês.

Às amigas e amigos da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialmente aos colegas do grupo de pesquisa FORMACCE, pela gentil acolhida em tempos de tão dura realidade que vivemos no contexto pandêmico. Vocês foram os responsáveis por manter o desejo pelo conhecimento e pelo diálogo sempre aceso, ressignificando saberes e abrindo novos horizontes curriculantes em minha caminhada.

Às minhas amigas Gládis Perlin, Luciane Bresciani Lopes, Ana Letícia Gerhardt, Simone Gonçalves de Lima da Silva, Danielli Vieira, Sandra Lúcia Amorim, Eliana Cristina Bär, Fabiane Schüller, Janifer Vargas Tirello, Ivani Voos, Cristina Rocha, Priscila Páris Duarte, Mariângela Pessin, Adriana Somacal, Ester Tominaga, Igrid Augustin, Jandira

Vignalli. Agradeço a vocês e tantas outras mulheres, amigas queridas, que até mesmo quando fisicamente distantes estão sempre comigo e por constantemente me lembrar do quanto sou forte e corajosa frente aos desafios da vida. Somos mulheres de luta e sabemos o valor de cuidarmos umas das outras: nenhuma a menos!

Às e aos colegas TILS com quem pude, em tantas ocasiões, atuar, aprender, compartilhar, me emocionar, sonhar e trabalhar. Esta pesquisa é para vocês, com toda minha admiração.

Às surdas e aos surdos com quem aprendi (e sigo aprendendo!) a língua de sinais, com quem vivo a cultura surda e com quem luto na busca de igualdade de condições, de respeito pela diferença linguística e cultural, de acessibilidade e inclusão, de educação bilíngue (Libras-português). A minha vida pode ser dividida em duas grandes partes: antes e depois da comunidade surda. Cada letra presente nesta dissertação é fruto de tudo o que tenho vivido com vocês desde o ano de 2001, quando passei a dar aula na sala ao lado da turma de surdos e onde tudo começou. Serei eternamente grata.

À todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

Sou uma pessoa que tem uma grande riqueza: pessoas admiráveis andando comigo durante todo o trajeto. Sou muito grata a vocês!

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2010, p. 33).

RESUMO

A presente pesquisa registra narrativas de tradutores intérpretes de língua de sinais (TILS) que estiveram presentes na história dos movimentos surdos do Brasil. Para tanto, foram acessados registros históricos (compreendidos nas décadas de 1980 e 1990) presentes em livros, revistas, artigos e outras publicações correlatas à área de estudo, em registros fotográficos e de vídeo e, principalmente, por meio da realização de entrevistas pautadas nos conceitos da história oral como fonte de análise dos registros históricos, individuais e coletivos, das experiências vivenciadas. Este estudo se desenvolveu pautado na perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, de Bakhtin e o círculo, buscando evocar narrativas que contribuam no registro desta história. Nesse sentido, se propõe a analisar as narrativas dos sujeitos acerca de sua constituição como intérpretes de línguas de sinais na história das comunidades surdas brasileiras, considerando para isso tradutores intérpretes que atuaram a partir dos anos 1980 no país. A presente pesquisa se desenvolveu a partir de três linhas de ação. A primeira delineada a partir da coleta de registros impressos ou disponíveis em meio virtual, que permitiram o resgate da trajetória histórica dos movimentos surdos brasileiros para fins de identificação e delimitação dos TILS atuantes neste contexto. A segunda consiste na realização de entrevistas com os TILS reconhecidos a partir dos fatos históricos, as quais foram pautadas nas orientações da história oral e na realização de entrevistas narrativas que, utilizadas no campo dos Estudos da Tradução, se mostraram importantes estratégias metodológicas para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa e de registro histórico sobre a atuação de TILS. Além disso, a partir da realização das entrevistas, foi possível privilegiar o diálogo e a colaboração entre os participantes envolvidos, considerando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades e, assim, possibilitando a produção do conhecimento sobre a atuação de TILS no contexto histórico delimitado na pesquisa. A terceira e última linha de ação envolveu a realização da análise das narrativas coletadas por meio das entrevistas, que entrelaçadas às imagens e demais documentos coletados na primeira etapa da pesquisa, permitiu reconstituir e recontar parte da história da atuação dos TILS, bem como de sua constituição profissional. Assim, ao acordar as fontes acessamos as memórias do vivido na perspectiva dos participantes que, além de explicitadas em seus relatos, foram contextualizadas a partir dos registros e documentos encontrados na busca por dados históricos. Nesta trajetória de pesquisa foi possível conhecer melhor a história da atuação destes TILS nos anos de 1980 e 1990, valorizando suas experiências e percepções, compreendendo-os enquanto sujeitos históricos e trazendo-lhes maior visibilidade e reconhecimento. Conclui-se que a presente pesquisa contribui para a compreensão de que, para os participantes deste estudo, a constituição dos intérpretes de Libras pioneiros se deu com e nas comunidades surdas, pois era, em grande medida, nestes contextos que os intérpretes eram escolhidos pela confiança e integridade que transmitiam.

Palavras-chave: História de Tradutores Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais e Português; História Oral; Estudos da Tradução; Estudos da Interpretação.

ABSTRACT

This research proposed to record narratives of translators sign language interpreters (TILS) who were present in the history of deaf movements in Brazil. To this end, we accessed historical records in books, journals, articles and other publications related to the study area, in photographic and video records and, especially, through interviews based on the concepts of oral history as a source and analysis of historical records, individual and collective experiences. This study was developed based on the enunciative-discursive perspective of language, proposed by Bakhtin and the circle, seeking to evoke narratives that contribute to the record of this history. In this sense, it proposes to analyze the narratives of individuals about their constitution as sign language interpreters in the history of Brazilian deaf communities, considering for this translators interpreters who worked from the 1980s in the country. This research was developed from three lines of action, the first outlined from the collection of records printed or available in virtual media and that allowed the rescue of the historical trajectory of the Brazilian deaf movements, for the purpose of identification and delimitation of TILS working in this context. The second consisted in conducting interviews with TILS recognized from the historical facts, which were based on the guidelines of oral history and narrative interviews, used in the field of Translation Studies, which proved to be important methodological strategies for the development of this qualitative research and historical record about the performance of TILS. Moreover, the interviews allowed for dialogue and collaboration among the participants involved, considering their experiences, memories, identities and subjectivities, thus enabling the production of knowledge about the work of TILS in the historical context defined in the research. The third and last line of action involved the analysis of the narratives collected through the interviews, which, intertwined with the images and other documents collected in the first stage of the research, allowed us to reconstruct and retell part of the history of TILS' activities, as well as their professional constitution. Thus, when we woke up the sources, we accessed the memories of life from the participants' perspective, which, besides being explicit in their reports, were contextualized based on the records and documents found in the search for historical data. In this research trajectory it was possible to better understand the history of the work of these TILS in the 1980s and 1990s, valuing their experiences and perceptions, understanding them as historical subjects and bringing them greater visibility and recognition. We conclude that this research contributes to the understanding that, for the participants of this study, the constitution of the pioneering TILS happened with and in deaf communities, because it was, to a large extent, in these contexts that the interpreters were chosen for the trust and integrity they conveyed.

Keywords: History of Brazilian Sign Language and Portuguese Translators; Oral History; Translation Studies; Interpretation Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação constante e indissolúvel entre os sujeitos, a história, as linguagens e a língua	41
Figura 2 - Captura de tela do vídeo-convite em Libras enviado ao Sr. Francisco Eduardo Coelho da Rocha (Presidente da Feneis)	52
Figura 3 - Captura de tela do vídeo “20 anos do Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos”, em uma das falas de Carlos Alberto Góes, importante líder surdo brasileiro	54
Figura 4 - Captura de tela do vídeo-convite em Libras enviado ao líder surdo Carlos Alberto Góes	54
Figura 5 - Carta-convite enviada à TILS Ângela Russo, no final do mês de fevereiro de 2020, via correio, para a residência da participante	55
Figura 6 - Captura de tela da fala da Profa. Dra. Liliane Giordani (UFRGS) durante a mesa “Educação de surdos e formação docente – o caso do curso pedagogia bilíngue” no Congresso Virtual da UFBA 2021	60
Figura 7 - Linhas de ação da pesquisa	63
Figura 8 - Foto de Participação de Ricardo Ernani Sander e Antônio Campos de Abreu em evento	75
Figura 9 - Transcrição de excerto da entrevista de Ana Regina de S. Campelo	76
Figura 10 - Capa do livro “Linguagem de Sinais do Brasil”	79
Figura 11 - Álbum de fotografia página 1 (Foto da esquerda pastores na igreja e foto da direita sermão interpretado)	81
Figura 12 - Foto do coral em língua de sinais do colégio Concórdia	82
Figura 13 - Foto de Naomi Horlle Warth com a medalha recebida	83
Figura 14 - Carta convite	86
Figura 15 - Álbum de fotografia página 2 (Foto da esquerda: “retiro” de preparação dos intérpretes; foto da direita: intérpretes no Congresso de 1999)	89
Figura 16 - Cartaz do Congresso de 1999	89
Figura 17 - Álbum de fotografia página 3 (Fotos da esquerda e da direita: professores do curso de intérpretes realizado em parceria pela Feneis e pela UFRGS, em 1997)	90
Figura 18 - Recorte do jornal Correio do Povo	91
Figura 19 - Álbum de fotografia página 4 (Foto da esquerda: participantes brasileiros surdos e ouvintes nos Estados Unidos; foto da direita: tirada dentro de uma das salas do “The Deaf Way 1989”)	93
Figura 20 - Álbum de fotografia página 5 (Foto da esquerda: apresenta a logomarca da entidade; foto da direita: com o TILS Ricardo Sander em frente ao local do congresso de Codas)	96
Figura 21 - Álbum de fotografia página 6 (Foto da esquerda: Geralda em frente à entrada principal de evento realizado pelo NTID em 1990; foto da direita: Geralda interpretando em Seminário Internacional em Belo Horizonte, no ano de 1999)	100
Figura 22 - Comunicado do Congresso (NTID, EUA)	101
Figura 23 - Transcrição de excerto da palestra de Ronice Quadros no Youtube	103
Figura 24 - Palestra de Dennis Cokely no Congresso TILS (2014) na UFSC	104

Figura 25 - Minicurso de Dennis Cokely no Congresso TILS (2014) na UFSC..... 104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões semiestruturadas para a entrevista exploratória com entrevistados surdos	50
Quadro 2 - Questões semiestruturadas para a entrevista temática – TILS identificados na entrevista exploratória	51
Quadro 3 - Dados sobre as entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa	56
Quadro 4 - Biografia de Ely Prieto	68
Quadro 5 - Biografia de Geralda Eustáquia Ferreira	69
Quadro 6 - Biografia de Ricardo Sander	70
Quadro 7 - Biografia de Ângela Russo	71
Quadro 8 - Transcrição de excerto da entrevista de Ângela Russo	72
Quadro 9 - Transcrição de excerto de vídeo de Antônio Campos de Abreu	74
Quadro 10 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto	77
Quadro 11 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto	80
Quadro 12 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto	83
Quadro 13 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto	84
Quadro 14 - Transcrição de excerto da entrevista de Ângela Russo	87
Quadro 15 - Transcrição de excerto da entrevista de Ângela Russo	90
Quadro 16 - Transcrição de excerto da entrevista de Ricardo Ernani Sander	94
Quadro 17 - Transcrição de excerto da entrevista de Geralda Eustáquia Ferreira	97
Quadro 18 - Transcrição de excerto da entrevista de Geralda Eustáquia Ferreira	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASGF	Associação de Surdos da Grande Florianópolis
CBDS	Confederação Brasileira de Desportos do Surdos
CONAE	Conferência Nacional de Educação
FACED	Faculdade de Educação
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
HO	História oral
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
KMM	Escola Estadual Especial Keli Meise Machado
Libras	Língua Brasileira de Sinais
TILS	Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
WTD	<i>World Federation of the Deaf</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 MINHA HISTÓRIA NA COMUNIDADE SURDA	20
1.2 A INTÉRPRETE PARA LÍNGUAS DE SINAIS	22
1.3 A EMERGÊNCIA DO PROBLEMA E OBJETIVOS	25
1.4 QUESTÕES DA PESQUISA	26
1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA	27
2 AS PRÁTICAS DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS E OS MOVIMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS DE SURDOS A PARTIR DOS ANOS 1980	28
2.1 ESTUDOS DA TRADUÇÃO E ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE TRADUTORES E INTÉRPRETES	28
2.2 LUTAS SURDAS E OS TILS	31
2.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	38
3 O SOCIAL E O INDIVIDUAL NA CONSTITUIÇÃO HUMANA.....	39
3.1 BAKHTIN E O CÍRCULO E A PERSPECTIVA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DA LINGUAGEM.....	39
3.2 ALTERIDADE: UM DOS CONCEITOS FUNDANTES DE BAKHTIN E O CÍRCULO	42
3.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	43
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS E O DESPERTAR DAS MEMÓRIAS	45
4.1 A ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA INSCRITA NA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL	45
4.2 O MÉTODO DE HISTÓRIA ORAL E A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS NARRATIVAS	47
4.3 ORDENAÇÃO DAS FASES DE CONTATO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	62
4.3.1 A ANÁLISE.....	63
4.4 COMITÊ DE ÉTICA.....	63
4.5 DESDOBRAMENTOS INUSITADOS DA PESQUISA	64
5 DISCURSOS QUE (RE)CONSTROEM HISTÓRIAS.....	67
5.1 OS SUJEITOS E O CENÁRIO DA PESQUISA	67
5.2 OS PARTICIPANTES E A CONSTITUIÇÃO COMO INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS.....	72
5.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICE	120

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da pesquisa de mestrado que resultou na escrita da presente dissertação teve início no ano de 2019, se constituindo a partir da perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin e do círculo, a qual compreende o sujeito enquanto histórico e socialmente situado. Como a pesquisa foi avançando, atravessada pelas intempéries da vida e da realidade global experienciada ao longo dos anos de 2020 e 2021, tempos pandêmicos e de muitas incertezas e medos, os sujeitos que possibilitaram a construção do presente estudo encontram-se embebidos e tomados pelo tempo sócio-histórico do qual fazem parte.

Da posição de pesquisadora, na qual busquei me colocar durante esse prolongado período da pesquisa, foi possível acessar histórias que emergiram a partir das memórias narradas pelos participantes em relação à sua atuação enquanto tradutores intérpretes de língua de sinais no Brasil, atividade por eles desempenhada em diferentes contextos partir dos anos 1980. Esta posição de pesquisadora, assumida com o ingresso no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, foi paulatinamente constituindo novos significados para minha própria história, principalmente, ao considerar a aproximação com o campo de atuação com a língua de sinais, com a tradução e a interpretação e com a comunidade surda brasileira.

Ao buscar elementos capazes de detalhar e complementar a história da atuação de tradutores intérpretes de Libras, a partir de suas memórias, concordo com Lima (2005) e Rodrigues (2011). Os autores afirmam que quando contamos nossa própria história não o fazemos apenas para os outros, mas a contamos na tentativa de fazer sentido a nós mesmos, pois antes de constituir sentido para os outros, as nossas narrativas produzem a identificação de quem somos, demarcando como chegamos a ser o que somos.

Assim, este estudo biográfico também se constituiu em um encontro (auto)biográfico, no qual as oportunidades que tive, ao longo dos anos de interação junto às comunidades surdas brasileiras e onde vivenciei alguns momentos importantes deste grupo, foram determinantes para o delineamento do interesse de pesquisa e pela escolha do tema. Em um primeiro momento desta trajetória pessoal, pude vivenciar os desafios da prática docente com surdos na educação básica e no ensino superior. Posteriormente, estive presente em momentos significativos para as pautas de luta do movimento surdo organizado, atuando na assessoria de lideranças surdas e como tradutora intérprete de língua de sinais. Neste

contexto, no qual surgem as inquietações motivadoras desta pesquisa, me apoio na afirmação de Silva (2020) quando considera que uma das principais contribuições da

[...] abordagem (auto)biográfica é possibilitar ao sujeito o conhecimento de si que se fundamenta em um modelo epistemológico concebido a partir da produção de narrativas que, entre outros papéis, têm a função de reconstruir o momento já vivido, em um outro tempo e dimensão estrutural, que já não é mais a vivida, mas, sim, a narrada. (SILVA, 2020, p. 03).

Considerando o interesse em desenvolver um estudo de caráter histórico sobre as peculiaridades da atuação dos tradutores intérpretes de Libras que iniciaram nesta atividade a partir dos anos 1980, pretendo trazer à tona elementos que possam complementar e aprofundar outras produções acadêmicas que, antes desta, se propuseram a registrar esse percurso. Para tanto, foi através do contato com alguns pioneiros na atividade de tradução e interpretação em língua de sinais no cenário brasileiro a partir desta época que este estudo pode ser realizado. Acredita-se que desta maneira é possível contribuir com a formação da memória histórica dos profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) e desta área de atuação no Brasil.

1.1 MINHA HISTÓRIA NA COMUNIDADE SURDA

No ano de 2001, na cidade de Torres, Rio Grande do Sul (RS), comecei a trabalhar como professora dos anos iniciais na Escola Estadual de Ensino Fundamental Justino Alberto Tietboehl. Uma escola básica que tinha classes de surdos. Os alunos dessas classes e seus professores se comunicavam em Libras. Era um grupo que, apesar de fazer parte da escola, de certa forma tinha um ritmo e uma organização diferentes tanto do tempo escolar quanto das relações sociais de apoio entre as professoras e os alunos surdos e suas famílias. Não sei se foi a Libras que me chamou a atenção, talvez por sua estética e vivacidade corporal, ou se foi o acolhimento das colegas, em especial da professora Jandira Farias Vignali, que foi a pessoa que me incentivou a mergulhar na área da Educação de Surdos e a quem serei sempre muito grata. Entre tantas coisas, receber um sinal, o meu sinal da comunidade surda e vivenciar os acantonamentos¹, são as duas principais experiências que marcaram o começo da relação com

¹ No Rio Grande do Sul, as escolas de surdos realizavam muitas ações em rede, tanto formativas para os educadores, quanto esportivas e culturais. Uma dessas ações eram os acantonamentos, onde acontecia o encontro de alunos surdos e professores das escolas de surdos do estado, com duração de dois a três dias, no espaço das escolas (ou espaços providenciados por elas), com a participação das famílias e de surdos e TILS da comunidade local, de Associações, da Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul e da Feneis.

a comunidade surda, construindo laços de amizade e me constituindo profissionalmente, primeiro no Rio Grande do Sul e posteriormente em nível nacional.

No ano de 2005 tive a oportunidade de participar de uma formação densa na área da Educação de surdos promovida pela Secretaria Estadual de Educação², inscrita em uma perspectiva socioantropológica, vinculada às pesquisas desenvolvidas a partir Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (Nupes) do professor Carlos Skliar, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esta experiência me possibilitou o encontro com pessoas que foram essenciais em minha formação profissional no que se refere ao campo da educação de surdos: as professoras Adriana da Silva Thoma (*in memoriam*), Maura Corcini Lopes, Liliane Ferrari Giordani, Madalena Klein, entre outras. Foi a partir destes encontros que me insiro e começo a transitar na comunidade surda. Neste ponto, é preciso demarcar o fator determinante para que toda a minha trajetória posterior pudesse ser desencadeada: a imersão linguística e cultural possibilitada a partir da/na/com a língua de sinais e com os surdos. Este encontro com a língua viva só foi possível pela generosidade, pela receptividade, pela paciência e pelo acolhimento de professores, amigos e colegas, surdos e surdas, dos quais não posso deixar de citar Márcia Carpeggiani, Marisol e Jânio Casara, Elisabete Oliveira de Sousa, Nelson Goettert, Cristiane Müller, Rogério Rios Demari, Carine Diesel, Juliane Emmert, Eleonora Scheid, entre tantos outros e tantas outras, citando apenas algumas dessas pessoas que realmente abriram muitas portas, recebendo-me na comunidade surda.

Na metade do ano de 2006, ao término da formação, iniciei minha atividade como professora de surdos, em uma turma multisseriada de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na escola de Torres. No início do ano de 2007 voltei a morar na minha cidade natal, Novo Hamburgo (RS), onde assumi a coordenação pedagógica da Escola Estadual Especial Keli Meise Machado, a escola “KMM” como sinalizamos em Libras, uma instituição voltada ao atendimento educacional de alunos surdos desde a educação infantil até o nono ano do Ensino Fundamental. Este local me possibilitou o encontro com muitas pessoas (colegas educadores, familiares de alunos e parceiros da escola) que marcaram minha vida e que trarei sempre em minhas melhores recordações. Possibilitou também o encontro com a amiga e colega, a

² O Curso de Formação de Professores para a Área da Surdez aconteceu em cumprimento, por parte do Estado, de ações vinculadas às pautas da comunidade surda do final dos anos 1990. Foram 400 horas/aula que ocorreram nas sextas-feiras à noite e nos sábados pela manhã e pela tarde, ao longo de quase um ano. Era dividido em módulos temáticos que eram desenvolvidos por diferentes professores já referências na área, coordenados pela Profa. Dra. Adriana da Silva Thoma e ofertado na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

professora Me. Luciane Bresciani Lopes (UFRGS), com quem compartilho muitas memórias marcantes, além de muito aprendizado enquanto professoras, TILS e agora também como pesquisadoras.

Neste contexto, pude vivenciar as discussões das escolas e classes de surdos do Estado, que à época lutavam contra o fechamento paulatino desses espaços pela gestão pública da educação estadual, principalmente motivados a partir da implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007). É neste cenário que, a partir da proximidade com as discussões, passei a ter participação ativa em discussões nas quais professores e acadêmicos surdos se inserem. Nestas ocasiões, fui assumindo o lugar de uma espécie de “intérprete de confiança” de algumas dessas lideranças surdas.

Desde o início do trabalho com surdos adultos, na turma de EJA, a necessidade de traduzir e interpretar esteve presente. Porém, foi especialmente a partir do meu envolvimento com estas discussões políticas do campo da educação, ocasionado pelo trabalho na escola “KMM”, que passei a atuar efetivamente como TILS.

1.2 A INTÉRPRETE PARA LÍNGUAS DE SINAIS

Com o início do trabalho na escola de surdos, em 2007, o envolvimento com o movimento em defesa das escolas e classes de surdos no Rio Grande do Sul foram possibilitando a aproximação com as discussões e ações da comunidade surda da grande Porto Alegre. O estreitamento de laços, a recorrente retomada das discussões relacionadas à pressão pelo fechamento de escolas e classes de surdos quando dos muitos encontros realizados no estado, foram fatores determinantes para que a atuação como TILS fosse se consolidando. Além das muitas ocasiões envolvendo alunos e colegas professores surdos, nas quais interpretei, no ano de 2007 fui convidada para interpretar na Especialização em Pedagogia da Arte, cujas aulas aconteciam à noite no prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). Neste mesmo ano cursei uma disciplina como “aluna especial” sobre Educação de Surdos, ministrada pela professora Dra. Lodenir Karnopp, onde conheci alguns colegas e amigos surdos que me possibilitaram o aprendizado ainda mais aprofundado da Libras, na convivência e no uso da língua. Em uma das primeiras aulas da professora “Lode”, assisti pela primeira vez a atuação da TILS Ângela Russo e fiquei impressionada, encantada com a qualidade de sua sinalização, de sua atuação.

Foram nessas experiências vivenciadas na UFRGS que conheci meu grande amigo, Andre Ribeiro Reichert, que posteriormente foi também membro da banca de conclusão do curso de Especialização em Gestão Pública pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Conheci também a amiga Carolina Hessel Silveira, com quem trabalhei como TILS em uma Instituição de Ensino da capital gaúcha. Nessa mesma época conheci os professores Augusto Schallemberg, Ana Luiza Caldas e Carlos Martins, com quem trabalhei como TILS na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Este foi um tempo de muitos aprendizados. Na época, houve também a mobilização dos TILS gaúchos que buscavam meios de fortalecer a profissão, culminando com a consolidação da Associação Gaúcha de Intérpretes de Línguas de Sinais, a AGILS, da qual participei da assembleia de criação ocorrida no ano de 2007, evento, aliás, que é citado nas entrevistas de Ângela Russo e Ricardo Sander, participantes deste estudo.

A partir das relações de amizade que foram se estabelecendo, tanto àquelas construídas na escola KMM e no contato com outras escolas de surdos pelo estado do Rio Grande do Sul, quanto as que foram se constituindo no convívio acadêmico, passei a trabalhar como TILS em diferentes espaços, eventos e ocasiões nas quais tal atividade era demandada. Em uma dessas atuações vivenciei alguns dos momentos mais marcantes para minha trajetória pessoal, quando acompanhei os amigos e colegas professores Cristian Alexandre Strack e Cláudio Henrique Nunes Mourão que, na condição de delegados eleitos na Conferência Estadual de Educação (2009), foram escolhidos para representar o Estado na Conferência Nacional de Educação (CONAE) em Brasília³, no ano de 2010. A partir da participação nesta Conferência, que motivou a mobilização da comunidade surda brasileira na defesa da educação bilíngue (Libras-português), muitas ações foram sendo efetivadas junto ao poder público nos estados, como também movimentos nacionais.

Neste contexto, comecei a atuar junto a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis - RS), na época dirigida pelo líder surdo Francisco Eduardo Coelho da Rocha, e posteriormente junto à Diretoria de Políticas Educacionais da Feneis (nacional), à época representada pela professora Dra. Patrícia Luiza Ferreira Rezende (INES). Neste mesmo período, a partir do convite do professor Gustavo Perazzollo, atuei como TILS e como assessora de diretoria da Confederação Brasileira de Desportos do Surdos (CBDS).

³ A experiência dos delegados Cristian Strack e Cacau Mourão na etapa nacional da CONAE (2010) foi registrada no formato de documentário e pode ser assistida em: <https://youtu.be/deLpn25WcvE>.

Foram anos de intensas articulações políticas das entidades junto ao poder público, realizando manifestações diversas, audiências públicas nos estados e no Distrito Federal, além da criação do “Setembro Azul”, um movimento de valorização da cultura surda e da língua brasileira de sinais e em prol das escolas bilíngues de surdos, envolvendo todo o território nacional.

No ano de 2013, eu e meus três filhos, João, Ana e Rubem, mudamos para Santa Catarina. E neste mesmo ano comecei a atuar como TILS em situações pontuais, a partir de indicação de alguns amigos surdos que demandavam por este serviço na cidade de Florianópolis. Em uma dessas demandas conheci a professora e líder surda Sandra Amorim, então presidente da Associação de Surdos da Grande Florianópolis (ASGF). Em poucos meses, esta Associação me contratou e passei a atuar como TILS da entidade, me envolvendo em diferentes projetos e ações da entidade. Novamente fui presenteada com a oportunidade de conviver e de aprender muito com surdos e surdas com quem trabalhei por quase dois anos.

Florianópolis me possibilitou o reencontro com o amigo André Reichert, uma das pessoas que mais me ajudou na adaptação à cidade, além de confiar a mim a responsabilidade de acompanhá-lo como TILS nos estudos de doutoramento. Foi por intermédio dele que outros trabalhos como TILS foram surgindo, nos quais estive com pesquisadores surdos em suas pesquisas de Mestrado e de Doutorado. A partir dessa amizade também conheci a professora Dra. Gládis T. T. Perlin, mulher surda, professora e pesquisadora da UFSC, com quem pude, a partir dos laços de trabalho, construir laços de amizade, de afeto, de admiração e de muito aprendizado. Ao longo de dois anos, uma vez por semana, eu a encontrava em seu apartamento para trabalhar com em suas necessidades pessoais e profissionais para as quais era preciso do serviço de interpretação de/para Libras.

Neste cenário, motivada por tantos encontros com pessoas que foram e que são muito importantes na minha trajetória, e incentivada por estes amigos próximos, participei, no ano de 2015, da seleção de professores efetivos para a ocupação de vagas específicas no Câmpus Palhoça Bilíngue do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Assumi o cargo de docente na área de Pedagogia Bilíngue em fevereiro de 2016, atuando na formação de professores no curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras-Português) e na formação de tradutores e intérpretes no par linguístico Libras-Português nos diferentes cursos e projetos desta área desenvolvidos pelo Câmpus Palhoça Bilíngue. Como professora do IFSC novamente me encontro fortemente conectada à comunidade surda e entre tantas pessoas importantes na caminhada, a amizade e a parceria com a colega Simone Gonçalves de Lima da Silva, professora surda, precisa ser ressaltada e registrada.

Desta forma, na atuação como professora e como TILS variados aspectos deste campo da atuação foram constituindo-se temas de interesse de estudo e com isso fui me aproximando de questões ligadas à trajetória histórica de tradutores intérpretes de Libras: nas questões práticas da atuação, nas discussões sobre as políticas de formação, nas questões relacionadas ao reconhecimento da profissão e às condições de atuação. Neste encontro com a formação de TILS, proporcionada pelos desafios profissionais, me deparei com a necessidade de buscar pela produção acadêmica sobre a história dos TILS no Brasil, sobre as trajetórias profissionais e sobre as características da atuação daqueles que vieram antes de mim.

1.3 A EMERGÊNCIA DO PROBLEMA E OBJETIVOS

Ao colocar em evidência o papel dos TILS que atuaram junto às comunidades surdas no Brasil a partir dos anos 1980, percebemos o quanto a emergência destes profissionais vai se consolidando ao mesmo tempo em que os representantes destas comunidades assumiam cada vez mais o papel de protagonistas de sua própria trajetória histórica. Neste sentido, é possível inferir que a profissionalização do TILS no Brasil acontece na mesma medida em que a língua brasileira de sinais ganha força, visibilidade e reconhecimento no país. Assim como afirma Brito (2013), não se pode perder de vista

essa historicidade da questão da língua de sinais, pois ela marca aquilo que, na luta dos indivíduos surdos usuários da língua de sinais, diz respeito à defesa, à valorização e ao reconhecimento da sua língua natural. (BRITO, 2013, p. 29).

No que se refere aos múltiplos aspectos que constituem a historicidade da questão da língua de sinais, também a emergência do TILS se evidencia, especialmente, pelo fato de que quanto mais os movimentos surdos se inserem nas pautas políticas, e assim reafirmam seus direitos, mais se faz necessária a atuação de profissionais “de confiança” junto à essas lideranças surdas.

A partir do contexto no qual se constitui a pesquisa, este estudo se propõe a analisar as narrativas dos sujeitos acerca de sua constituição como intérpretes de línguas de sinais na história das comunidades surdas brasileiras, considerando para isso tradutores intérpretes que atuaram a partir dos anos 1980 no país. Desdobram-se deste objetivo principal os seguintes objetivos específicos:

- Identificar TILS que atuaram junto às comunidades surdas no Brasil a partir dos anos 1980;
- Registrar as memórias narradas por esses TILS em relação a sua atuação como tradutor e intérprete de Libras-português;
- Selecionar episódios narrados reconstruindo a história a partir de experiências dos TILS;
- Analisar as narrativas dos participantes da pesquisa sobre as experiências vivenciadas e como estas experiências influenciam a constituição profissional desses sujeitos.

1.4 QUESTÕES DA PESQUISA

Partindo desse contexto, o problema de pesquisa se consolidou por meio da seguinte questão: Quais fatos e lembranças são enunciados por TILS que atuaram junto às comunidades surdas brasileiras a partir dos anos 1980, quando estimulados a narrar as memórias do vivido? Além disso, como essas memórias podem contribuir para a ampliação do conhecimento da história que constitui estes profissionais?

Com base neste questionamento, a presente pesquisa foi se desenhando. Uma das hipóteses levantadas é a de que os TILS que atuaram em momentos relevantes da história dos movimentos surdos no cenário nacional, a partir da década de 1980, teriam experiências importantes a relatar, possibilitando ampliar o conhecimento que se tem sobre estas vivências e fornecendo importantes registros para a construção da memória histórica deste campo de atuação. A partir das narrativas dos participantes esperava-se chegar à compreensão da importância social e política dos TILS, especialmente em marcos históricos das lutas surdas. Neste sentido, uma das questões que merece destaque a partir da realização deste estudo diz respeito a percepção de que os participantes da pesquisa assumiram, em muitos dos fatos relatados, diferentes papéis no desempenho de suas atividades como TILS: em um dado momento realizavam a interpretação de Libras para o português falado (quando a liderança surda produzia enunciados em Libras); em outro momento realizava a interpretação para Libras (a partir da língua portuguesa); por vezes eram os TILS que realizavam os registros escritos (em português) dos debates e deliberações de coletivos surdos; ou, ainda, eram estes sujeitos em posição fronteira que assumiam a responsabilidade de contextualizar e mediar situações típicas de uma ou de outra cultura (surda e/ou ouvinte).

1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA

Esta dissertação está organizada a partir de uma breve introdução, na qual narro as memórias que me constituem como parte das comunidades surdas brasileiras. Seguida pela apresentação da emergência do problema, dos objetivos do estudo e das questões da pesquisa.

O capítulo dois trata de uma revisão de literatura sobre a história da participação de TILS em movimentos sociais das comunidades surdas no Brasil, buscando evidenciar estudos desenvolvidos por autores que tem se dedicado a esse tema. Já no capítulo três apresentamos a fundamentação teórica que sustenta a pesquisa, a qual está pautada, principalmente, em autores que trabalham com a perspectiva dialógica (ou enunciativo discursiva), proveniente dos estudos de Bakhtin e do círculo.

No capítulo quatro são descritos os procedimentos metodológicos desta pesquisa, que é de cunho qualitativo. A partir de um estudo de caso descritivo-analítico, apresentamos como foi realizado o presente estudo. No quinto capítulo desenvolvemos a análise dos discursos, propondo a construção de uma escrita narrativa que parte do presente para o passado, evidenciando os fios que compõem o tecido da história a partir das memórias narradas. Por fim, no capítulo seis apresentamos as considerações finais desta dissertação.

2 AS PRÁTICAS DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS E OS MOVIMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS DE SURDOS A PARTIR DOS ANOS 1980

Neste capítulo, temos como objetivo desenvolver uma revisão de literatura sobre a história dos tradutores e intérpretes. Primeiramente, apresentamos a consolidação da história da tradução como linha de pesquisa. Em seguida, propomos uma breve contextualização sobre a história dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais no Brasil, tendo como base pesquisadores dos Estudos da Tradução (QUADROS, 2004; RAMOS, 2004; BRITO, 2013; CARNEIRO, 2017; WITCHES; MORAIS, 2021) problematizando os efeitos dessa articulação entre TILS e surdos na esteira da história.

2.1 ESTUDOS DA TRADUÇÃO E ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE TRADUTORES E INTÉRPRETES

O ofício de tradutor é muito antigo. Possivelmente desde que diferentes povos, com distintas culturas e línguas precisaram comunicar-se entre si. A história da tradução como uma linha de pesquisa vem se constituindo e ganhando espaço nos Estudos da Tradução. Nesse sentido, “a história pode ser narrada a partir de um marco temporal, a partir de fatos vividos com base em registros históricos e memórias ou a partir das investigações produzidas sobre o tema” (ALBRES, 2020, p. 371). Conforme Pym (1998), a

[h]istória da tradução (“historiografia” é um termo menos bonito para a mesma coisa) é um conjunto de discursos que apresenta as mudanças que ocorreram ou que foram ativamente impedidas no campo da tradução. Seu campo inclui ações e agentes que motivam as traduções (ou não traduções), os efeitos das traduções (ou não traduções), teorias sobre a tradução e um longo etcetera dos fenômenos causalmente relatados. (PYM, 1998, p. 5).

Sobre as teorias da tradução ou estudos desenvolvidos sobre a tradução, um dos principais dilemas que segue até os dias atuais, diz respeito a seguinte questão: deve o tradutor traduzir o texto palavra por palavra ou deve fazê-lo pelo sentido, na busca de contemplar no texto de chegada as mesmas informações presentes no texto de partida? Ao longo da história da tradução ora a atividade tradutória estava fortemente pautada nesta perspectiva de literalidade do texto original, ora assumia papel protagonista na reescrita pelo sentido.

A história que cerca os caminhos da tradução enquanto atividade humana tem sido objeto de reflexão por parte de um significativo número de pesquisadores. Dentre estes, escolhi resgatar brevemente alguns escritos de George Steiner, nos quais o autor apresenta como os períodos históricos são concebidos em seu ponto de vista. Esta se trata de uma escolha dentre as muitas possíveis, sendo que outros autores se debruçam sobre esta temática da historicidade da tradução e, portanto, não deve ser considerada como a única existente.

No livro *Depois de Babel* (2005), mesmo apresentando quatro grandes períodos da história da tradução, o próprio Steiner alerta o leitor para que compreenda que as linhas divisórias da história não devem ser consideradas, de modo algum, de maneira fixa ou absoluta. Segundo o autor, o início do primeiro período é marcado pelo preceito de Cícero, datado de 46 a.C., no qual há a recomendação de que, nos processos de tradução, o foco não seja traduzir palavra por palavra. Este primeiro período, o mais longo, prossegue até meados de 1790 e apresenta, em seu decorrer, vários nomes de tradutores que, de alguma maneira, tiveram importância para a área a partir dos textos que traduziram e dos registros deste processo. Steiner (2005) cita Horácio, Hölderlin, São Jerônimo, Flório, entre outros. O autor destaca ainda outros tradutores que produziram importantes textos teóricos neste primeiro grande período, como Leonardo Bruni, na Itália, por volta de 1420 e Pierre-Daniel Huet na França em 1680. O que se observa neste primeiro período é que a principal característica das reflexões sobre a tradução está no fato de que a maioria delas se constituiu a partir da observação do próprio processo individual de tradução. O segundo período apresentado por Steiner (2005), que tem início entre os anos de 1792 a 1813, é

[...] marcado pela teoria e a investigação hermenêutica. A questão da natureza da tradução é posicionada no interior das teorias mais gerais da linguagem e da mente. O tema adquire um vocabulário e um estatuto metodológico próprios, distanciados das exigências e singularidades de um dado texto. A abordagem hermenêutica [...] dá ao tema da tradução um aspecto francamente filosófico. O intercâmbio entre teoria e necessidade prática teve evidentemente continuidade. Devemos a esse intercâmbio muitos dos mais reveladores relatos sobre a atividade do tradutor e sobre suas relações entre as línguas. (STEINER, 2005, p. 260).

O autor afirma que este foi um período marcado pela teorização do ato tradutório, cuja definição se fortaleceu dentro de uma linha “poético-filosófica” (STEINER, 2005), resultando em uma “historiografia da tradução”. O primeiro grande nome deste período foi Friedrich Schleiermacher, seguido por A. W. Schlegel e Humboldt. Além destes, Steiner aponta Goethe, Schopenhauer e Walter Benjamin, entre outros, como nomes significativos para esta

mudança de perspectiva, saindo de uma característica empírica para um período no qual a reflexão teórica ganha força e passa a registrar o percurso e as ideias dos tradutores.

O terceiro período apresentado por George Steiner está impresso no contexto da modernidade. Data, aproximadamente, de 1940 a circulação dos primeiros trabalhos que tratam sobre tradução automática, sendo que “estudiosos e críticos russos e tchecos, herdeiros do movimento formalista, aplicam a teoria linguística e estatística à tradução” (STEINER, 2005, p. 260). Neste período, cuja exploração do ato tradutório foi intensa e muitas vezes colaborativa, observa-se que a

[...] linguística estrutural e a teoria da informação são introduzidas na discussão do intercâmbio entre línguas. Tradutores profissionais criam sociedades internacionais e proliferam revistas dedicadas integralmente ou com bastante frequência a assuntos de tradução. (STEINER, 2005, p. 260).

Finalmente, o quarto e último período da historicidade da tradução proposto por Steiner ocorre a partir dos anos de 1960, após a realização de dois grandes simpósios, ambos nos Estados Unidos, sendo um na Universidade Harvard em 1959 e o outro na Universidade do Texas, em 1961. Entretanto, o autor aponta para o fato de que ainda em nossos dias vivenciamos muitos dos aspectos emergentes do período antecedente a este. Para Steiner, vivemos hoje este quarto período, no qual a

[...] filologia clássica e a literatura comparada, a estatística lexical e a etnografia, a sociologia dos níveis de fala, a retórica formal, a poética e o estudo da gramática se combinam num esforço para se clarificar o ato de traduzir e o processo da ‘vida entre línguas’. (STEINER, 2005, p. 261).

No campo dos estudos da tradução, tanto a história como objeto de estudo (STEINER, 2005; BERMAN, 2013), quanto a presença dos tradutores no desenrolar da história (DESLILE; WOODSWORTH, 1998), são temas que vem contribuindo para a consolidação da linha historiográfica deste campo. No Brasil, alguns pesquisadores tomam esse objeto para si, dentre os quais podemos citar Wyler (2003) e Silva-Reis e Bagno (2016), que contribuem para o fortalecimento desta historiografia da tradução no cenário nacional. Na sessão seguinte, apresentamos alguns autores que tratam da história da tradução e da interpretação no Brasil, com enfoque nos estudos que envolvem as línguas de sinais, buscando esboçar um panorama inicial destes estudos.

2.2 LUTAS SURDAS E OS TILS

A escola é um dos principais espaços públicos de convivência social nos quais se observa a guarda e a conservação de registros históricos. No Brasil, tem-se o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) como referência no ensino e “guardião” de documentos que também registram a presença de intérpretes de língua de sinais. Witches e Morais (2021) analisam documentos e discutem o antagonismo entre o uso da língua de sinais e a sua condenação na educação de surdos, além de como esses efeitos ideológicos influenciaram a vida das pessoas surdas nos séculos XIX e XX. Por outro lado, apesar da proibição de uso da língua de sinais em ambientes educacionais, ela resistiu nas mãos dos surdos e de pessoas ouvintes que assumiam a tarefa de mediação linguística. Conforme descrevem Witches e Morais (2021), os achados da pesquisa realizada nos registros históricos levam a compreensão de que a interpretação de língua de sinais, em contextos de interpretação comunitária, precede qualquer outro contexto.

Ao longo da história dos surdos pode-se dizer que a presença de pessoas que ocupavam o lugar de “tradutores intérpretes” sempre existiu, assumindo um papel fundamental no sentido de possibilitar que a comunicação e a compreensão de sentidos ocorressem entre surdos e ouvintes. Sabe-se que familiares, amigos, professores e outras pessoas, geralmente de forma voluntariosa e quase sempre assistencial, por muito tempo assumiram este papel de mediação (COKELY, 2005). Mesmo que não seja possível identificar o momento exato na história em que se inicia a atuação de intérpretes, conforme nos aponta Pereira (2008), uma vez que povos de diferentes línguas precisaram se comunicar, esta atividade certamente passou a existir. Considerando o caso das pessoas surdas, a autora completa dizendo que

existem hipóteses de que a interpretação surgiu no meio familiar foi, aos poucos, se estendendo aos professores de crianças surdas e ao âmbito religioso. Com o passar do tempo, o fortalecimento dos movimentos sociais e políticos das comunidades surdas e o reconhecimento legal das línguas de sinais surgiu, finalmente, o ILS profissional. (PEREIRA, 2008, p.138).

No Brasil, assim como em outros países, os avanços no que se refere aos direitos das pessoas surdas e, dentre estes, o direito à acessibilidade por meio da interpretação em/de/para língua de sinais, são conquistados na medida em que a comunidade surda se mobiliza de forma organizada, ao mesmo tempo que este grupo avança nos níveis de escolarização e,

consequentemente, de participação política. A partir deste contexto organizado das lutas surdas brasileiras, a atuação dos intérpretes se constitui não mais na perspectiva “assistencialista”, assumida em um primeiro momento nos contextos familiares e religiosos. Silva (2012) ressalta a importância do contexto religioso para o fortalecimento do uso e da difusão da língua de sinais no país, apontando a contribuição o Padre Eugênio Oates, autor do dicionário “Linguagem das Mãos” (1969), e do Monsenhor Vicente Penido Burnier, ambos vinculados à religião católica, a partir dos anos 1950.

A “ampla atuação de agentes com trajetória religiosa protestante” (SILVA, 2011, p. 89) também se destaca no contexto dos primeiros movimentos de interpretação em/de/para a língua de sinais, no qual a Igreja Evangélica Luterana do Brasil e sua relação com a Escola Especial Concórdia⁴ protagonizam importantes avanços no campo educacional com estudantes surdos, bem como no uso da língua de sinais por professores e familiares destes estudantes. O Colégio Concórdia é a principal referência que conecta três dos quatro TILS participantes desta pesquisa, Ângela Russo, Ricardo Sander e Ely Prieto. Destes, Ricardo e Ely eram estudantes seminaristas quando iniciaram seu contato com a língua de sinais, atuando como professores de Ensino Religioso no colégio e como pastores na comunidade, interpretando as cerimônias religiosas para a comunidade surda local. Geralmente, os mesmos sujeitos que atuavam como TILS em espaços religiosos participavam em outros espaços na luta pelo reconhecimento da língua de sinais e dos surdos como pessoas capazes de gerir sua própria vida.

Ao problematizarmos a atuação dos TILS em movimentos sociais de luta por direitos linguísticos, educacionais e sociais parece evidente seu trabalho na mediação entre ouvintes e surdos. Contudo, estudos apontam um pertencimento maior em comparação ao trabalho dos intérpretes de línguas orais, o que se dá, em grande medida, nesta relação estreita de estar ao alcance das vistas, onde “[...] olhar e ser olhado é fundamental para a constituição do intérprete uma vez que o universo do surdo se faz no movimento do olhar” (MASUTTI, 2007, p. 101). Para Carneiro (2017), o

⁴ O Centro Educacional para o atendimento de Deficientes Auditivos foi idealizado pela Sra. Naomi Warth em Porto Alegre, iniciando suas atividades no ano de 1966. Inicialmente alocada no porão da igreja da comunidade onde o esposo da Sra. Naomi, Martin C. Warth, atuava como pastor, esta instituição foi referência no campo da educação de surdos, trazendo para o Brasil o método da comunicação total na década dos anos 1980 e, posteriormente, defendendo a educação bilíngue de surdos, recebendo estudantes surdos de todo ao Brasil. Por falta de recursos para manter a escola em funcionamento, teve suas atividades encerradas em dezembro de 2020, causando grande comoção na comunidade surda.

modelo do distanciamento e da imparcialidade que serve bem para os intérpretes de línguas orais de conferências não se coaduna com o papel do intérprete de línguas de sinais junto à comunidade. Muitas vezes o intérprete de língua de sinais que atua profissionalmente para um surdo é o mesmo que, mais tarde, vai estar com ele em algum evento social da comunidade e que pode até ser seu amigo pessoal. (CARNEIRO, 2017, p. 14).

O aspecto da proximidade do TILS com o público surdo é considerado um dos principais diferenciais quando se trata de comparar a atuação do profissional da área de tradução interpretação de línguas de sinais com os profissionais de línguas orais. Neste caso, esta característica é apontada como essencial para que os TILS consigam desenvolver suas habilidades tradutórias e interpretativas de maneira mais adequada, com mais qualidade e propriedade. Ao resgatar Santos (2010), Carneiro (2017) reforça que o surgimento dos TILS brasileiros se deu, essencialmente, em três instâncias:

(1) no seio da família, devido à existência de cônjuges, irmãos, pais ou filhos surdos (sendo valorizados e respeitados especialmente os CODAs – Child of Deaf Adults, isto é os filhos ouvintes de pais surdos que aprenderam língua de sinais em casa, como primeira língua), (2) nas igrejas, principalmente evangélicas, pela criação de cursos de Libras para a comunidade e necessidade de interpretação nos cultos, e (3) em cursos livres organizados pelas associações de surdos e/ou pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). (CARNEIRO, 2017, p. 7-8).

É possível que a proximidade dos TILS com seu público principal, as pessoas surdas, bem como as origens de sua atuação destacadas por Santos (2010) e Carneiro (2017), sejam fatores que influenciaram para que o grupo destes profissionais não seja ainda reconhecido com o mesmo status que tradutores e intérpretes de línguas orais o são. Neste sentido, Carneiro (2017) destaca que

[e]nquanto a interpretação de línguas orais ganhou reconhecimento profissional em ambientes de conferências, a atividade da interpretação de línguas de sinais foi se tornando uma profissão nos ambientes comunitários (assistência médica, jurídica e em outros serviços públicos a surdos). Dessa forma, os intérpretes de línguas de sinais, tradicionalmente, se acostumaram antes a trabalhar em ambientes dialógicos e interativos do que com interpretação simultânea unidirecional, típica da interpretação de línguas orais. (CARNEIRO, 2017, p. 6).

O recente reconhecimento da profissão de tradutor intérprete de Libras vem possibilitando a quebra destes paradigmas quanto à atuação destes profissionais que, passo a passo, têm conquistado espaço não somente em ambientes de atuação comunitária, mas também em espaços acadêmicos, de conferência e em produções audiovisuais.

O contexto educacional voltado aos estudantes surdos é também um espaço privilegiado onde a circulação da língua de sinais propiciou o desenvolvimento da Libras e, conseqüentemente, a atuação de intérpretes. O estado do Rio de Janeiro, cuja capital é berço do Instituto Nacional de Educação de Surdos⁵ (INES), tem notório destaque na história do movimento surdo. Segundo Ramos (2004), no ano de 1977 alguns

profissionais ouvintes ligados à área da surdez fundaram a FENEIDA – Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo, com sede no Rio de Janeiro. Anos depois, alguns surdos passaram a se interessar pela entidade, participando de seus encontros e da então recém- fundada Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos. (RAMOS, 2004, p. 2).

A FENEIDA surge a partir do “desejo de se fundar uma associação a nível nacional” (RAMOS, 2004, p. 3) e aconteceu a partir do que a autora relata constar em ata de reunião realizada na data de 23 de junho de 1977, no INES. Apesar do trabalho engajado dos envolvidos na criação da entidade, o fato de a diretoria ser composta por ouvintes, sem representação surda, foi fator determinante para que após dez anos de existência, na data de 16 de maio de 1987, fosse realizada a assembleia geral que culminaria no fechamento da FENEIDA.

Nesta mesma ocasião, um grupo de lideranças surdas propõe e a assembleia delibera pela criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Feneis (RAMOS, 2004). Nos fios que tecem os bordados da história, é interessante observar que a intérprete responsável pelo registro escrito da ata de criação da entidade foi Geralda Ferreira (que atuava na educação de surdos em Minas Gerais à época e estava no Rio de Janeiro participando de uma formação, com duração de um ano, no INES), outra participante entrevistada na pesquisa. Ainda segundo Ramos (2004, p. 9), no ano de 1988, aconteceu no Rio de Janeiro o “I Encontro Nacional dos Intérpretes em Língua de Sinais”, atividade organizada pela Feneis com “verbas repassadas pela CORDE - Coordenadoria para Integração de Pessoas Portadoras de Deficiência”.

A interação das pessoas que atuavam como TILS com as demandas de surdos e surdas por acessibilidade comunicativa nos diferentes espaços sociais possivelmente impulsionou a necessidade de aprimorar sua atividade. Assim, a atuação na tradução e interpretação envolvendo a língua de sinais, que naturalmente iniciou-se nas relações familiares, passando

⁵ No Brasil, segundo Rocha (2008), o INES foi criado no ano de 1857 na cidade do Rio de Janeiro, então denominado de Imperial Instituto de Surdos-Mudos. Esta é uma instituição de referência no campo da educação de surdos até os dias atuais, vinculada ao Ministério da Educação (<https://www.gov.br/ines/pt-br>).

pelos contextos religioso e educacional, foi paulatinamente sendo pressionada no sentido da qualificação, propiciando movimentos de avanço no sentido da profissionalização dos TILS. É possível, portanto, depreender que os avanços da profissionalização ocorrem na mesma medida em que o TILS se fez presente nas conquistas dos movimentos surdos organizados. Carneiro (2017), ao tratar das diferenças do status conferido aos tradutores e intérpretes de línguas orais e aos TILS, aponta que não apenas no Brasil, mas em um contexto mundial, os avanços nas conquistas de direitos pelo segmento das pessoas surdas propiciaram o avanço na própria compreensão deste profissional antes visto numa perspectiva equivocada, desvalorizada.

Foi basicamente a reboque das lutas da comunidade surda para ter seus direitos assegurados que a legislação referente a direitos humanos foi se modificando a partir da década de 1980 e 1990 em vários países do mundo, reforçando assim os direitos das minorias linguísticas, inclusive dos surdos. A ideia de que o intérprete era um ajudante foi se modificando paulatinamente, na mesma proporção em que a luta pela acessibilidade foi se reforçando. A principal consequência desse processo foi o fato de que a interpretação passou a ser encarada como uma profissão de pleno direito, e não mais como ajuda ou ‘quebra-galho’. (CARNEIRO, 2017, p. 14).

Conforme Carneiro (2017), com o passar do tempo, na mesma medida em que as pessoas surdas se mobilizam e asseguram a efetivação de direitos, a exigência de maior qualificação na atuação dos intérpretes passa a ser naturalmente demandada.

No decorrer dos anos seguintes observa-se a realização de diversos encontros e momentos de formação voltados aos intérpretes de Libras. Quadros (2021) cita que no ano de 1997 acontece, no Rio Grande do Sul, a primeira formação de intérpretes certificada por uma instituição de ensino superior, organizada pela Feneis em parceria com o Nuppes (UFRGS). Neste curso, Ricardo Sander era um dos formadores e Ângela Russo cursista. Entre outras oportunidades que foram surgindo, os TILS formados por este curso atuaram no evento acadêmico V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, sendo remunerados por esta atividade. Este evento foi também um momento de manifesto da comunidade surda brasileira, que elaborou um documento com diretrizes para a educação de surdos no Brasil e realizou uma passeata pelas ruas da capital gaúcha.

Na década dos anos 2000 percebem-se significativos avanços nas pautas reivindicadas pelo movimento surdo brasileiro. Além disso, ampliam-se as pesquisas e as publicações acadêmicas relacionadas à educação de surdos na perspectiva socioantropológica, ao status linguístico das línguas de sinais no país e, por consequência, os estudos sobre tradução e interpretação envolvendo a Libras e o português. Dentre as reivindicações está a colocação de

intérpretes educacionais nos espaços escolares e acadêmicos. Segundo Lemos e Carneiro (2021), a Feneis, em parceria com as Secretarias de Educação dos Estados e com o Ministério da Educação (MEC), realizou muitos cursos de formação de intérpretes educacionais, entre os anos 2001 e 2008. Alguns desses cursos foram ministrados por Ângela Russo, participante desta pesquisa.

Neste contexto, é publicada, no ano de 2002, a Lei nº 10.436, responsável por reconhecer a Libras como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas no Brasil, e cuja regulamentação se deu no ano de 2005 através da publicação do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2002; 2005). Este Decreto, entre outras providências, institui a criação de cursos de graduação voltados para a formação de tradutores e intérpretes de Libras-português, provendo os meios legais necessários para a qualificação profissional defendida por Quadros (2004) em sua publicação “O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa”. Este livro, financiado pela Secretaria de Educação Especial do MEC através do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, é a primeira publicação nacional que aborda as especificidades da atuação do “tradutor intérprete de língua brasileira de sinais”, profissão que finalmente passa a ser reconhecida com a publicação da Lei Nº 12.319/2010 (BRASIL, 2010).

As comunidades surdas brasileiras, ao se organizarem e agirem em prol das lutas pela garantia de direitos, dentre estes, o de reconhecimento da Libras, ao mesmo tempo em que demandaram a presença de TILS nas articulações de bastidores e nas ações de mobilização, acabaram por motivar seu desenvolvimento e tensionar por sua profissionalização. Ao contextualizar sua pesquisa de doutorado no que se refere aos movimentos surdos organizados, Brito (2013) corrobora para a compreensão destas inter-relações que se estabelecem neste contexto ao afirmar que

Esses diversos atores sociais, ao interagirem em dado ambiente sócio-histórico, criaram um campo de relacionamentos em que construíram e compartilharam uma dada identidade coletiva, que evoluiu da afirmação de valor da comunicação em sinais para a integração das pessoas surdas na vida social como verdadeiros cidadãos à afirmação do estatuto de língua à língua de sinais e dos surdos como uma minoria linguística e cultural. Essa mudança capital no significado atribuído pelos atores sociais à língua de sinais e à surdez se deveu à própria jornada de conscientização pessoal de muitos militantes surdos e no intercâmbio de conhecimentos e experiências destes com intelectuais, principalmente linguistas da língua de sinais e estudiosos da educação bilíngue para surdos. Foi esta identidade coletiva – de surdos usuários da Libras – que deu significado às ações coletivas do movimento. (BRITO, 2013, p. 30).

Para Brito (2013), a natureza coletiva de onde circulava a língua de sinais configurou-se no terreno fértil para as mobilizações surdas. Podemos ampliar essa constatação, afirmando que foi também neste contexto que a emergência de TILS, cada vez mais competentes, passou a ser uma necessidade apontada pelo coletivo surdo e demandada pela sociedade em geral, incorrendo também na busca pela qualificação e consequente profissionalização. Partindo destas constatações, é possível perceber que, no Brasil, a participação ativa de TILS em momentos da história das comunidades surdas, principalmente a partir dos anos 1980, foi (e continua sendo) fundamental para a promoção da acessibilidade às pessoas surdas, no sentido de possibilitar a este grupo o acesso aos conhecimentos e às informações que circulam por meio da língua portuguesa falada e escrita. Ainda, também se fazem imprescindíveis ao interpretar para o português a língua brasileira de sinais utilizada pelas comunidades surdas. Os TILS, em sua maioria ouvintes, encontram-se situados dentro deste coletivo sinalizante no qual atuam. É por meio da atividade tradutória e interpretativa que os TILS são considerados membros das comunidades surdas. Segundo Strobel (2008, p. 29), as comunidades surdas “não [são] só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes – membros da família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham os mesmos interesses em comum”.

Mesmo que seja possível de imediato perceber a relevância deste profissional nesse contexto político e social, pela natureza da atuação do TILS, o discurso que circula nas comunidades surda é o de que o TILS deve resguardar convicções e opiniões pessoais na busca constante por manter a máxima neutralidade no ato tradutório e interpretativo (mesmo que este, obviamente, seja um objetivo inalcançável). Por muito tempo se assumiu uma posição que buscava quase que uma invisibilidade frente aos desdobramentos marcantes da história dos surdos, uma vez que sua presença e atuação acontecem para que os surdos sejam protagonistas.

Neste sentido, coloca-se o intérprete como uma peça-chave para as relações na medida em que é “um participante de uma interação entre surdos e ouvintes a quem cabe organizar essa interação, devendo respeitar as intenções dos participantes dela, em sua condição de ponte entre sujeitos que pretendem comunicar-se nessa interação” (SOBRAL, 2008. p. 133). A atuação do TILS pressupõe uma posição mediadora, na qual deve respeitar o projeto discursivo dos interlocutores sem o seu apagamento, visto que faz parte dessa relação.

2.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos os movimentos sociais das comunidades surdas e a participação de TILS. Ainda, sintetizamos os estudos de Steiner (2005) sobre os períodos históricos dos tradutores e finalizamos com autores que tratam da história dos TILS.

3 O SOCIAL E O INDIVIDUAL NA CONSTITUIÇÃO HUMANA

Um estudo que parte de narrativas de vidas exige, primeiramente, um estudo sobre enunciação. O primeiro é necessário, porque, antes de analisar discursos, temos de saber como os estudos enunciativo-discursivos passam a figurar nos estudos da linguagem. Para estudar a enunciação, recorreremos principalmente a Bakhtin (2011), assim como a Brait (2008), a Medvedev (2012), Magalhães e Oliveira (2011), Volóchinov (2017) e a Brait e Nunes (2018).

3.1 BAKHTIN E O CÍRCULO E A PERSPECTIVA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DA LINGUAGEM

A teoria bakhtiniana da enunciação apresenta uma complexa rede de conceitos inter-relacionados que possibilitam olhar para a existência humana e, conseqüentemente, para suas criações, sob diferentes vieses de compreensão do sujeito. No pensamento de Bakhtin e do Círculo⁶, densamente desenvolvido nas produções deste grupo de pensadores que viveu na conturbada Rússia dos anos 1920 e 1930, um dos aspectos centrais compreende o sujeito como constituído pelo encontro com o outro. Neste sentido, é possível afirmar que nós nascemos, vivemos e morremos nesta relação com o outro. Para Brait e Nunes (2018), autores dessa perspectiva ampliam o que já se tinha pensado no campo da linguística, pois

desenham uma concepção dialógica de linguagem, assim como as possibilidades de seu enfrentamento a partir da busca de um método sociológico/dialógico singular e/ou de uma poética da prosa, construindo conhecimento linguístico, literário, filosófico, sinalizando as fronteiras que permeiam existência e cultura, ideologia do cotidiano e ideologia sistematizada, vivência e ciência, vida e arte, elegendo o diálogo (ideias e pontos de vista entre ao menos duas consciências em tensão) como sustentáculo dessa perspectiva. (BRAIT; NUNES, 2018, p. 146).

Segundo Bakhtin (2003), o que vejo do outro o completa, pois tenho lugar extralocalizado em relação a ele. [é justamente] O que o outro vê de mim me completa, pois ele possui posição extralocalizada em relação a mim [só o outro vê quando se trata de mim] e é nesse movimento que nos constituímos um frente ao outro. Quem me dá acabamento,

⁶ Utilizamos a expressão “Bakhtin e o Círculo” por compreender que as produções e pensamentos do que chamamos de “perspectiva enunciativo-discursiva” advém de um grupo de pensadores russos que, no início do século XX, preocupavam-se com a linguagem, cultura, arte como o ser humano se constituía no mundo, tendo como seus integrantes mais relevantes para os estudos da linguagem os escritores M. Bakhtin, P. Medvedev e V. Volochinov.

portanto, é sempre o outro, porque o outro tem visão completa de mim, como dito anteriormente.

Na concepção bakhtiniana, é essa extraposição diante do outro, é neste distanciamento que temos do eu para o outro, é deste lugar exotópico, diferente em relação ao outro, que nós, sujeito sociais, somos tomados em nossa completude. O que nós vemos do outro é muito mais completo porque tenho visão da totalidade que ele mesmo não consegue ter de si. É esse olhar e essa percepção do outro que me constitui o tempo todo e me dá acabamento. Somos constituídos de acabamentos em constantes transformações. Uma vida e significação em movimento. Para Bakhtin, o sujeito está sempre em constituição.

O conhecimento do homem, esse ser social, se dá pela arte, ciência, cultura, vida. É pelo viés das ligações feitas via arte que, tanto Bakhtin quanto os autores que se filiam a esta perspectiva, nos levaram “pela mão” para refletir e compreender os aspectos mais profundos da linguagem na arte. Assim, nas palavras que circularam por nossos encontros e estudos com os textos propostos em diferentes disciplinas cursadas ao longo do mestrado e no grupo de pesquisa, foi possível perceber o caráter abstrato da teoria. Contudo, quando vemos essa teoria refletida, refratada na vida, no cotidiano e na cultura, ela ganha sentido.

O círculo, em especial Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, tomavam a linguagem como uma ponte entre o “eu” e o “outro”. Ela (a linguagem) precisa dos dois polos, do eu e do outro, por isso mesmo ela é pensada como uma atividade relacional, uma produção interacional, legitimamente humana. Neste sentido, Bakhtin ressalta a

complexidade do ato bilateral de conhecer a penetração. O ativismo do cognoscente e o ativismo do que se abre (dialogicidade). A capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir a si mesmo. Aqui estamos diante da expressão e do conhecimento (compreensão) da expressão. A complexa dialética do interior e do exterior. O indivíduo não tem apenas meio ambiente, tem também horizonte próprio. A interação <?> do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos *de expressão* (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro. [...] O reflexo de mim mesmo no outro. [...] A memória [...]. (BAKHTIN, 2017a, p. 58).

Nossa vida humana, nossos desejos, nossos modos de nos relacionarmos uns com os outros, diferem de história para história de vida. Divergem a partir do ponto de vista do eu, do outro, dos outros. Desse modo, retornamos ao ponto fulcral da incompletude humana. Eu somente serei completo pelo acabamento que o outro pode me dar.

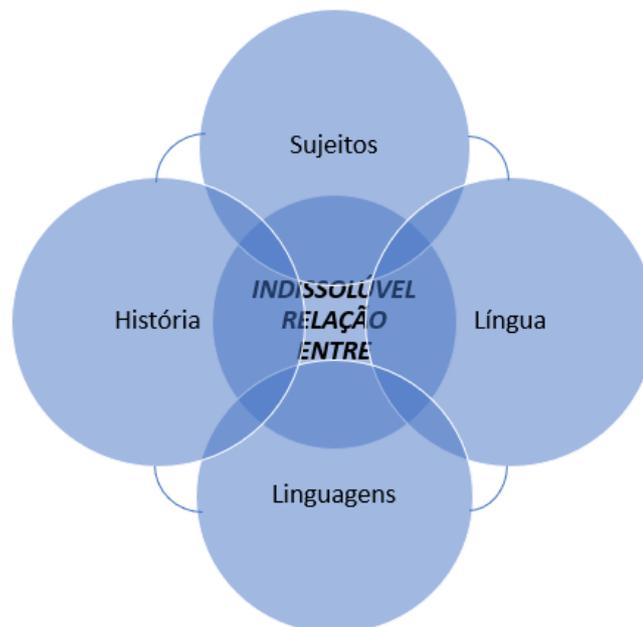
Nessas relações que fomos estabelecendo em nosso círculo acadêmico, no encontro com essas outras vozes, foi se construindo também a noção bakhtiniana de que tudo o que

significamos, o fazemos não a partir do nada, do vazio, da inexistência, do prévio, pois algo já estava lá, dado. Embora, nem sempre tenhamos consciência, tudo o que falamos, escrevemos, pensamos e como nos comportamos, sempre parte de outras vozes que vieram antes de nós, de outras palavras, sejam elas ditas ou insinuadas.

É nessa linha do entendimento do conceito de grande tempo (encontro entre passado, presente e futuro) de Bakhtin que tudo acontece, em que podemos dimensionar aspectos históricos. Obviamente, do lugar no qual estamos posicionados axiologicamente, podemos ter a compreensão de que existiu um passado, de que vivemos um presente e de que há um futuro possível [a depender do modo como encaminhamos o presente, não?]. Para Bakhtin, tudo está neste grande tempo que vivemos. A partir deste entendimento, encontra-se o conceito bakhtiniano de “cronotopia”.

Assim como podemos entender o homem ou uma obra sua através do tempo histórico e espaço social no qual estão inseridos [o homem e sua produção], ou seja, todo objeto discursivo e estético é histórico, assim como é social e cultural. O pensamento bakhtiniano, indubitavelmente, apresenta clara compreensão do que está envolvido neste processo de existência do homem social:

Figura 1 - Relação constante e indissolúvel entre os sujeitos, a história, as linguagens e a língua



Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de Brait (2008, p. 10).

Na obra “Estética da criação verbal”, escrita por Bakhtin e publicada pela primeira vez em 1979, após sua morte. Entre tantos pontos a serem destacados, um em especial nos chama a atenção: a questão do vivenciamento. As vivências que são dos outros, as vivências que são nossas, aquilo que nos impressiona, que nos toca, que faz de nós sujeitos comprometidos e responsáveis no mundo em que vivemos consiste em experienciar a vida, ser partícipe dela como ato cognitivo, estético e ético.

Na perspectiva dialógica de Bakhtin e o Círculo, cabe ressaltar que sempre existe em qualquer ato uma atmosfera axiológica valorada. Se eu sou um autor, eu não faço cópias da realidade. Sempre haverá uma posição axiológica, uma posição valorada, [ética, estética, histórica e] social e politicamente constituída. Posições valoradas, nas quais nós, que somos seres expressivos e falantes, nos constituímos.

A forma como passeamos pelo pensamento de Bakhtin e do Círculo, olhando para a palavra na vida e na arte, nos toca profundamente. Por essa razão, há motivação em pensar em uma forma de manter a palavra circulando entre nós, tendo por base a experiência extraordinária que vivemos no cotidiano. Nesse sentido, a partir desses princípios, no tópico a seguir tratamos mais especificamente do conceito de alteridade.

3.2 ALTERIDADE: UM DOS CONCEITOS FUNDANTES DE BAKHTIN E O CÍRCULO

Discutir a questão da alteridade no campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação e de sua relevância para o estudo da constituição dos profissionais tradutores e intérpretes em práticas históricas e sociais nas quais a linguagem é essencial, não apenas como material de trabalho, mas também como elemento da cultura que constitui os sujeitos. Esta seção apresenta uma revisão das formas de relação com a alteridade à luz da contribuição de autores de Bakhtin e o Círculo.

Para Bakhtin e o Círculo, a questão da alteridade é tema fundante. Foi abordada desde os primeiros escritos de seus pensadores, emergindo a discussão no bojo de reflexões sobre o que seria uma arquitetura do mundo da vida, o mundo concreto, “mundo de nomes próprios”, que se organiza e é vivenciado em torno dos centros de valores do eu e do outro, em três dimensões, quais sejam, eu para mim, eu para o outro e o outro para mim (BAKHTIN, 2010). Medviédev (2012, p. 195) ressalta ainda que “cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante”. Nesse sentido,

a construção dos valores de uma dada sociedade, comunidade, grupo social, em qualquer das esferas da atividade humana, não são inventados, nem produtos de construções abstratas. Surgem dos diversos tipos de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos no mundo da vida, constituindo-se em matéria prima para a construção dos valores que organizam os sistemas complexos do chamado mundo da cultura, nas esferas científicas, políticas, da arte entre outras. (OLIVEIRA, 2018, p. 172).

O conceito de “alteridade”, numa perspectiva bakhtiniana, está intimamente ligado à concepção de constituição do sujeito. Conforme expressam Magalhães e Oliveira (2011, p. 105), é “na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem, em um processo que não surge de suas próprias consciências, mas de relações sócio-historicamente situadas”. Nessa perspectiva, nada acontece fora do contexto no qual o sujeito está inserido. O indivíduo se constitui e se transforma sempre pela relação com o outro. Assim, a

[...] relação de alteridade, nessa perspectiva, organiza-se a partir de uma dinâmica complexa entre o pessoal e o social, que só pode ser compreendida no contexto de mútuas e contínuas relações, o que possibilita a produção de novas reorganizações a partir do compartilhamento de sentidos e significados. (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p. 106).

Desta forma, os autores afirmam ainda que a

relação eu-outro-outros, em contextos sócio-histórico-culturais, cria a possibilidade da ampliação dos horizontes dos sujeitos, no desdobramento dos lugares enunciativos, na multiplicidade de vozes, na configuração da polifonia entre o que é dito e o como se diz [...]. (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p. 106).

Compreendemos que “alteridade”, a partir desta conceituação bakhtiniana, trata do sujeito. Este é constituído socialmente em um determinado contexto histórico e político, que se molda e se constrói a partir de suas relações com o outro e com os outros, de maneira dialógica.

3.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, vimos que o estudo do enunciado-discurso se tornou possível dentro da linguística apenas no século XX. Bakhtin e o Círculo contribuem significativamente para se romper uma visão reducionista de língua que até então existia, passando a figurar nos estudos o enunciado, os sujeitos, suas histórias e construções de sentidos únicas e singulares.

Também mencionamos que Bakhtin e o Círculo desenvolveram diversos conceitos. Contudo, neste trabalho de mestrado, debruçamos mais sobre o conceito de “alteridade”. Pode-se dizer que a noção de alteridade é sempre na conexão entre “eu e o outro”. Esse outro, na verdade, são muitos “outros”, muitas pessoas que passam por nossas vidas e que significam para nós, conosco e por nós. Uma vez apresentada a noção de alteridade, podemos passar, no próximo capítulo, para a apresentação de como essa perspectiva teórica nos ajudou a desenhar a metodologia da pesquisa e conseqüentemente a análise dos discursos dos participantes, conhecidos como alguns dos TILS “pioneiros” do Brasil.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS E O DESPERTAR DAS MEMÓRIAS

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas. (THOMPSON, 1998, p. 337).

Nesta sessão detalharemos o delineamento metodológico da pesquisa, a qual optamos por apresentar da seguinte maneira: em 4.1 apresentamos a orientação teórico-metodológica inscrita em abordagem histórico-cultural; em 4.2 abordamos o método de história oral; a seção 4.3 trata dos participantes e a ordenação das fases da pesquisa; em 4.4 discutimos a construção das entrevistas e a formação do *corpus* (discursos); e, por fim, em 4.5 expomos a proposta de análise dos discursos.

4.1 A ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA INSCRITA NA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

A existência humana se dá a partir das relações que se estabelecem entre sujeitos em determinadas condições sociais, culturais e políticas de um dado contexto histórico. Conforme afirma Freitas (1994, p. 87), o sujeito não se constitui apenas a partir de fenômenos internos ou, ainda, muito menos, sua constituição se reduz apenas a um reflexo passivo do meio. Para a autora, ele, o sujeito, se constitui na relação com o outro e com o meio e, portanto, “fora das condições sócio-econômicas objetivas, fora de uma sociedade”, não há possibilidade nenhuma de existência. A pesquisadora completa dizendo que somente “como membro de um grupo social, de uma classe, é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural” (FREITAS, 1996, p. 127).

Com base em uma visão não fragmentada da realidade e que parte da perspectiva histórica na qual se compreende o homem como um conjunto de relações sociais (FREITAS, 1994, p. 157), emerge a necessidade de buscar elementos que possibilitassem compreender os contextos nos quais TILS e surdos interagiam. Neste sentido, a pesquisa realizada a partir desta compreensão da existência dialógica dos sujeitos e da história enquanto construção social e, portanto, coletiva, da realidade, mostra que é possível apreender que há uma forma outra de relacionar-se, possibilitando que seja estabelecida uma relação entre sujeitos, e não apenas uma interação sujeito-objeto. A autora reforça esta percepção ao afirmar que

De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva dialógica. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação. O homem não pode ser apenas objeto de uma explicação produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve ser também compreendido, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto dialógico. (FREITAS, 2002, p. 24/25).

Concebendo a pesquisa a partir de uma perspectiva dialógica, Freitas (2003, p. 6) afirma que na abordagem histórico-dialética “pesquisador e pesquisado são partes integrantes do processo investigativo e nele se ressignificam”. Segundo ela, neste direcionamento metodológico, se faz necessário que a produção do conhecimento seja concretizada a partir da descrição detalhada, complementada pela explicação, onde se enfatiza “a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico, no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social” (FREITAS, 2003, p. 6). Desta forma, ainda apoiada em Freitas (2003), compreendo que a perspectiva sócio-histórica pode representar

um caminho significativo para uma forma outra de produzir conhecimento no campo das ciências humanas. Considerarei ainda que essa perspectiva teórica traz implicações que se refletem nas características processuais e éticas do fazer pesquisa em ciências humanas exigindo uma coerência do pesquisador na concepção e uso dos instrumentos metodológicos para a coleta e análise de dados bem como na construção dos textos com a discussão dos achados. (FREITAS, 2003, p. 5).

A perspectiva sócio-histórica, segundo Freitas (2003) possibilita esta necessária interrelação entre pesquisador e pesquisado, compreendendo-os enquanto sujeitos sociais, sem, contudo, apagar ou negar suas singularidades. Pautada nesta visão crítica, foi possível encontrar suporte para o desenvolvimento desta pesquisa, partindo da compreensão dos sujeitos enquanto parte de um todo, interconectados, onde o fazer pesquisa se dá de maneira coletiva e colaborativa entre os atores envolvidos. Desta forma, Freitas (2003) ressalta que

No paradigma positivista o pesquisador se coloca numa situação de isenção diante da realidade, enquanto no paradigma interpretativista o pesquisador se detém em olhar a realidade e construir dela uma interpretação. Diferentemente, no paradigma crítico existe da parte do pesquisador um compromisso com a transformação da realidade. Essa é a posição da perspectiva sócio-histórica: compreensão que se realiza no encontro entre sujeitos Encontro que tensiona e que faz emergir as contradições. Encontro que leva a um comprometimento, uma vez que ser no mundo compromete. Fazer pesquisa pois, não é um ato solitário e individual. É antes de tudo um ato responsável. (FREITAS, 2003, p. 10).

A realização deste estudo, portanto, se pauta na abordagem qualitativa para a realização de pesquisa em ciências humanas, uma vez que pode ser compreendida como um tipo de pesquisa que produz conhecimento sobre grupos sociais. Esta abordagem se utiliza de modelos interpretativos de pesquisa e permite a combinação de técnicas como, por exemplo, a observação, a entrevista, a história de vida, a análise de documentos, vídeos, fotos, testes psicológicos, dentre outros (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para Lakatos e Marconi (2010), a abordagem qualitativa desenvolve pesquisas que tem como propósito analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano em contextos específicos. É possível, portanto, afirmar que em pesquisas qualitativas se produz análises detalhadas sobre as ações dos sujeitos, enfatizando os processos e os significados destas ações.

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, portanto, se caracterizam por uma abordagem qualitativa, sendo que a realização de entrevistas se mostrou como o meio mais adequado para acordar as fontes. Desta feita, ao se dispor a entrar em contato com histórias de vida através das memórias dos sujeitos, a realização das entrevistas envolveu a utilização de técnicas de registro videogravadas, encontros nos quais utilizamos conhecimentos relacionados ao método da história oral, cuja descrição é apresentada na próxima seção.

4.2 O MÉTODO DE HISTÓRIA ORAL E A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS NARRATIVAS

A história que se constitui na relação dos sujeitos, em momento e contexto específicos, é narrada de diferentes perspectivas. Assim, conforme afirma Lopes (2017, p. 15), as narrativas “não constituem o passado em si, mas aquilo que os ‘informantes’ (re)constróem desse passado.” Para a autora, uma vez que somos “sujeitos dos discursos, temos a possibilidade de organizar as memórias e (re)contá-las de maneira que façam sentido nas trajetórias” (LOPES, 2017, p. 15). Neste mesmo sentido,

[t]empo e memória, portanto, constituem-se elementos de um único processo, são pontes de ligação, elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento. A memória, por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram os tempos de sua vida. (DELGADO, 2010, p. 38).

Considerando o desejo de “percorrer os tempos da vida”, partimos em busca de elementos que possibilitassem o contato com as memórias dos sujeitos da pesquisa. Neste sentido, a utilização do método de história oral se mostrou uma opção eficiente para embasar o desenvolvimento da pesquisa, em especial no que se refere a realização das entrevistas. A história oral, conforme Delgado (2010), se mostra como

um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartilhamento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.* (DELGADO, 2010, p. 16 [destaque do autor]).

Na realização de entrevistas, por meio da metodologia da história oral, torna-se possível o registro de “sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje” (DELGADO, 2010). Ao optar pela organização metodológica proposta pela história oral como meio de ter contato com as lembranças dos TILS, de acordo com Alberti (2005), é preciso ter clareza de que, sendo um método de pesquisa, ela não se configura em “um fim em si mesma”, mas sim, apresenta-se enquanto um “meio de conhecimento”. Dessa forma, “seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica” (ALBERTI, 2005, p. 29).

Um aspecto interessante a ressaltar quanto se opta pela história oral é o de que nesta metodologia só é possível desenvolver estudos que abordem temas relativamente recentes, uma vez que será preciso acessar memórias que são possíveis, aos participantes, de serem guardadas e recontadas. Neste sentido, Alberti (2005) afirma que a história oral

só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance. Com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não tão recentes, mas a realização de entrevistas pressupõe o estudo de acontecimentos e/ou conjunturas ocorridos num espaço de aproximadamente 50 anos. (ALBERTI, 2005, p. 21).

Sendo esta uma pesquisa cuja intensão é a de resgatar as memórias dos TILS, a metodologia da história oral, portanto, teve papel fundamental para o desenvolvimento deste estudo, possibilitando o contato com as lembranças dos participantes e remetendo aos episódios vivenciados pelos TILS ao longo de suas trajetórias. Para a realização das

entrevistas, inicialmente elaboramos um conjunto de questões, a partir das quais imaginamos ser possível ordenar e organizar as informações evocadas no despertar das fontes, das memórias dos TILS.

Durante a fase inicial dos estudos, encontramos orientações pertinentes, especialmente no campo da história oral. Dentre elas, destacamos a necessidade de elaboração de um roteiro com questões que fossem comuns aos participantes. Neste sentido, segundo Alberti (2005),

Como primeiro passo, cabe fazer constar no roteiro geral uma cronologia minuciosa dos acontecimentos ocorridos no período que se quer investigar e considerados relevantes em relação aos objetivos do estudo. Ao mesmo tempo convém acrescentar a essa cronologia informações relativas às análises dos autores consultados, julgadas procedentes e significativas para o estudo, bem como remeter para documentos-chaves considerados representativos de determinados itens arrolados. Reunindo tais dados no roteiro geral, ter-se-á uma visão abrangente e ao mesmo tempo aprofundada daquilo que já se sabe do objeto de estudo e daquilo que se quer saber através das entrevistas. (ALBERTI, 2005, p. 83).

Naquele momento do estudo, desenvolvemos um conjunto de questões que deveriam ser perguntadas aos participantes da pesquisa. Tinha-se a intenção de realizar pelo menos uma entrevista exploratória com um ou mais representantes surdos que, participantes de entidade representativa das comunidades surdas no Brasil, pudessem nos fornecer pistas sobre TILS e sobre as formas de atuação desses sujeitos que interpretaram no contexto nacional a partir dos anos 1980. Além desta entrevista exploratória, pretendia-se realizar entrevistas com os TILS identificados a partir desse primeiro movimento da pesquisa na direção das memórias dos participantes.

Elaboramos dois roteiros de perguntas, um para a realização de entrevistas exploratórias com sujeitos surdos e outro para o desenvolvimento de entrevistas temáticas, estas voltadas para os TILS. As perguntas de ambos os roteiros foram elaboradas a partir de seis grupos de questões, sendo que os dois primeiros grupos dizem respeito às experiências e percepções pessoais, enquanto os outros quatro grupos apresentam questões sobre aspectos da atuação dos intérpretes.

As entrevistas temáticas foram realizadas individualmente com os TILS identificados na fase exploratória, como partícipes ativos nos eventos históricos propostos pelo recorte da pesquisa. Já no caso das entrevistas exploratórias voltadas aos surdos de referência na comunidade surda brasileira, que antecederão as entrevistas com os TILS, estas poderão ser realizadas tanto individualmente quanto em pequenos grupos. Nesta aproximação com o campo dos Estudos da Tradução, em um primeiro

momento, acreditava-se que entrevistas semiestruturadas poderiam dar o suporte necessário ao encontro com os fatos.

O roteiro de perguntas desenvolvido para ser aplicado com um ou mais representantes surdos pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1 - Questões semiestruturadas para a entrevista exploratória com entrevistados surdos

Tema	Perguntas
Experiência	1. Conte sobre sua história de vida, especialmente no que se refere às experiências como membro da comunidade surda. 2. Qual sua participação nos movimentos surdos?
Percepções pessoais	3. Dentre os eventos históricos dos movimentos surdos delimitados pela pesquisa nos quais você esteve presente, quais foram mais marcantes e importantes em seu ponto de vista? Por quê? 4. Conte um pouco de sua percepção a respeito destes eventos, que situações e diferentes espaços de interação, diferentes frentes políticas e que você percebia que tinham TILS engajados nestas atividades e qual tua percepção da participação deste TILS nestes eventos
Sobre a interpretação	5. Nos eventos históricos relatados na questão anterior, quem foram as pessoas que atuaram TILS, possibilitando a interação comunicativa entre as línguas envolvidas?
Papeis dos TILS nos eventos	6. Nos eventos históricos citados, na sua opinião, qual foi o papel assumido pelos sujeitos que neles atuaram como TILS? Nestes eventos, qual a função do intérprete? Como você acha que deve ser a relação entre o intérprete e o surdo? Você acha que nestes eventos o intérprete é um pouco mais do que só intérprete?
Competências linguísticas e políticas dos TILS	7. Considerando os TILS identificados na questão 5, você poderia identificar: a) quem foram os TILS que estiveram em evidência, ocupando o “palco” ou o espaço reservado para interpretar o decorrer destes marcos históricos; b) quem foram os TILS que estiveram no trabalho de assessoramento aos surdos, servindo de forma extremamente próxima aos interesses desse coletivo organizado. 8. Nestes dois grupos, quais são os aspectos linguísticos e políticos evidenciados em sua participação nos eventos históricos dos movimentos surdos?
Outras informações relevantes	9. Em relação a temática da pesquisa, você teria outras informações ou contribuições relevantes que gostaria de registrar? Se você pudesse deixar alguma dica para os intérpretes novatos ou em formação, o que você diria para eles?

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Elaboramos também um roteiro de questões que deveriam ser aplicadas aos TILS entrevistados. No entanto, a dinâmica do desenvolvimento da pesquisa, no que se refere a realização das entrevistas, nos mostrou que seria necessário reavaliar a forma de como estas seriam efetivamente desenvolvidas. De toda forma, a construção do roteiro de perguntas possibilitou a organização de ideias a partir de hipóteses que foram sendo elaboradas quando se realizou o exercício reflexivo sobre as possíveis experiências dos

TILS. As perguntas presentes no roteiro inicialmente elaborado para as entrevistas com os TILS estão expressas no Quadro 2.

Quadro 2 - Questões semiestruturadas para a entrevista temática – TILS identificados na entrevista exploratória

Tema	Perguntas
Experiência	1. Conte sobre sua história de vida, especialmente no que se refere às experiências como membro da comunidade surda. 2. Qual sua participação nos movimentos surdos?
Percepções pessoais	3. Dentre os eventos históricos dos movimentos surdos delimitados pela pesquisa nos quais você esteve presente, quais foram mais marcantes e importantes em seu ponto de vista? Quais as memórias afetivas emocionais você guarda destes momentos e por quê? O que te levou a participar ou se envolver nesse trabalho de interpretação dos movimentos sociais dos surdos?
Sobre a interpretação	4. Em relação aos eventos históricos relatados na questão anterior: a) Além de você, quem foram as pessoas que atuaram TILS, possibilitando a interação comunicativa entre as línguas envolvidas? b) Havia algum tipo de preparação para esta atuação? c) Estes profissionais atuavam voluntariamente ou recebiam remuneração por seu trabalho? d) Como vocês se dividiam? Trabalhavam em equipe? Relate um pouco como esse trabalho foi vivido. e) O que você aprendeu nesses eventos?
Papéis dos TILS nos eventos	5. Nos eventos históricos citados, na sua opinião, qual foi o papel assumido pelos sujeitos que neles atuaram como TILS? 6. Explique que tipo de atividade era desenvolvida na dinâmica discursiva. 7. Você lembra de fatos ou momentos marcantes vivenciados “nos bastidores” de sua atuação? Gostaria de contá-los?
Competências linguísticas e políticas dos TILS	8. Considerando os TILS identificados na questão 4, você poderia identificar: a) quem foram os TILS que estiveram em evidência, ocupando o “palco” ou o espaço reservado para interpretar o decorrer destes marcos históricos; b) quem foram os TILS que estiveram trabalhando de assessoramento aos surdos, servindo de forma extremamente próxima aos interesses desde coletivo organizado. 9. Considerando os TILS que atuaram tanto nestes dois grupos, quais são os aspectos linguísticos e políticos evidenciados em sua participação nos eventos históricos dos movimentos surdos?
Outras informações relevantes	10. Em relação a temática da pesquisa, você teria outras informações ou contribuições relevantes que gostaria de registrar? Se você pudesse deixar alguma dica para os intérpretes novatos ou em formação, o que você diria para eles?

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Inicialmente, prevíamos a realização de entrevistas exploratórias com mais de um participante surdo, que aconteceriam de modo presencial, podendo ocorrer de forma individualizada ou em grupos. Duas destas entrevistas chegaram a ser agendadas para março de 2020 e seriam realizadas na cidade de Porto Alegre (RS). Em se tratando de uma pesquisa que busca compreender fenômenos históricos vivenciados pelos TILS que atuaram junto às comunidades surdas no país a partir dos anos 1980, era necessário recorrer aos protagonistas dos movimentos sociais surdos. Segundo Alberti (2005, p.

31), “a escolha dos entrevistados é, em primeiro lugar, guiada pelos objetivos da pesquisa. [...] É no contexto de formulação da pesquisa, durante a elaboração de seu projeto, portanto, que aparece a pergunta ‘quem entrevistar?’”. Foi dessa forma que aconteceu com a pesquisa proposta.

Estabelecemos um primeiro contato com a Feneis, iniciando o processo de “acordar as fontes (Bachelard)” (MACEDO, 2004, p. 33). Enviamos um e-mail para o presidente da entidade à época, Sr. Francisco Eduardo Coelho da Rocha, que prontamente atendeu o convite e aceitou participar desta pesquisa. O Sr. Francisco Rocha foi um dos líderes que estiveram à frente das ações dos movimentos surdos que marcaram os anos de 2010 a 2014, dentre os quais se destacam a participação dos surdos na etapa nacional da CONAE, realizada em março e abril de 2010, em Brasília. Este evento resultou na organização do Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda (2011), das quais se desdobram várias ações que passam a compor o denominado “Setembro Azul”, mês de valorização da pessoa surda e de sua diferença cultural e linguística, bem como de reconhecimento e de fortalecimento das línguas de sinais. Após receber o aceite do Sr. Francisco Rocha, enviamos por e-mail o vídeo-convite em Libras, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) desta pesquisa (Apêndice A).

Figura 2 - Captura de tela do vídeo-convite em Libras enviado ao Sr. Francisco Eduardo Coelho da Rocha (Presidente da Feneis)



Fonte: Produzido pela autora para esta pesquisa (2022).

Durante a fase exploratória da pesquisa, dentre as fontes acessadas (revistas da Feneis e do INES, documentários em vídeo, livros, capítulos e artigos, conteúdos disponíveis em repositórios institucionais de escolas e universidades, como também publicações disponíveis em perfis de surdos e de TILS nas redes sociais, entre outros), a identificação dos possíveis participantes da pesquisa começou a ser delimitada nos passos iniciais do presente estudo. Ao mesmo tempo que cursava as disciplinas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, iniciou-se um empenhado trabalho de busca por referências presentes nestas diferentes fontes, viabilizando também a identificação de TILS que atuaram a partir dos anos 1980 junto aos movimentos surdos no Brasil.

Um dos conteúdos que acessamos (e que nos possibilitou encontrar uma das “pontas de fio” que formam esse grande “rombo” da história) foi elaborado pelo projeto “Conhecendo a UFRGS”, que é composto por uma série de conteúdos que abordam temas relacionados à Universidade Federal do Rio Grande Sul. O vídeo em questão, intitulado “20 anos do Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos”, aborda aspectos da realização deste evento, ressaltando sua relevância histórica e conceitual para o campo da educação de surdos e da tradução e interpretação em língua de sinais no Brasil.

Além disso, a partir das falas dos entrevistados, algumas primeiras definições foram tomando forma. Um dos entrevistados pela equipe que produziu este documentário foi o Sr. Carlos Alberto Góes, um dos líderes surdos que esteve à frente de importantes movimentos das lutas surdas no cenário nacional, a exemplo do encerramento das atividades da Feneida e a criação da Feneis. Nos chamou a atenção quando, entre outras considerações, Carlos Alberto relata em seu depoimento que a presença de “intérpretes de língua de sinais era um sonho para os surdos” (em 07min e 48s), referindo-se ao momento histórico no qual o Congresso de 1999 aconteceu e reafirmando a importância da presença dos TILS junto às comunidades surdas, nos diferentes espaços de interação social. Além do Sr. Carlos Alberto Góes, o documentário citado traz a participação da Profa. Dra. Gládis T. T. Perlin, docente aposentada da UFSC e primeira surda sinalizante a obter o título de doutora no Brasil. A referida produção também contou com a participação da TILS Ângela Russo, tradutora e intérprete efetiva da UFRGS e que interpretou no par linguístico Libras-português durante o evento de 1999, apontando-nos direções possíveis a seguir.

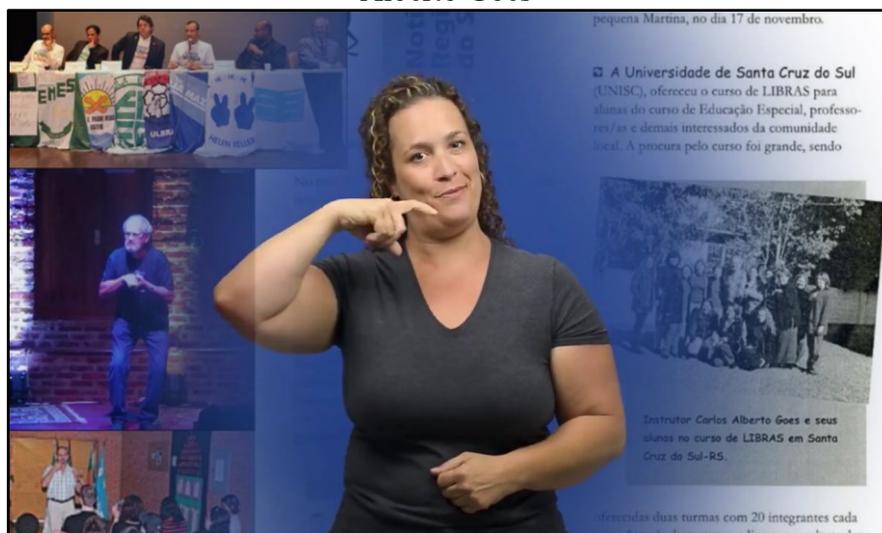
Figura 3 - Captura de tela do vídeo “20 anos do Congresso Latino-Americano de Educação Bilingue para Surdos”, em uma das falas de Carlos Alberto Góes, importante líder surdo brasileiro



Fonte: Imagem extraída do vídeo institucional da UFRGS (2019)⁷.

A partir dos conteúdos acessados, além do convite ao então diretor da Feneis, buscamos também o contato com o Sr. Carlos Alberto Góes, convidando-o a participar da pesquisa, enviando por e-mail o vídeo-convite em Libras, como se pode ver na imagem a seguir.

Figura 4 - Captura de tela do vídeo-convite em Libras enviado ao líder surdo Carlos Alberto Góes⁸



Fonte: Produzido pela autora para esta pesquisa (2022).

⁷ Disponível em: http://videos.ufrgs.br:8888/transcoded/http/videos.ufrgs.br/ufrgstv/conhecendo-a-ufrgs/20-anos-do-congresso-latino-americano-de-educacao-bilingue-para-surdos-tttt/video_file/mp4-high/conhecendo-a-ufrgs-congresso-latino-americano-de.mp4.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a2T0JtDfZZA>.

Além dos vídeo-convites em Libras enviados para os participantes surdos selecionados para a fase exploratória da pesquisa, a primeira dos quatro TILS participantes, Ângela Russo, recebeu uma carta-convite via correio, cujo conteúdo pode ser visto na imagem a seguir.

Figura 5 - Carta-convite enviada à TILS Ângela Russo, no final do mês de fevereiro de 2020, via correio, para a residência da participante



Fonte: Produzido pela autora para esta pesquisa (2022).

Apesar de toda a preparação inicial de elaboração dos convites aos participantes, na data marcada para a realização destas primeiras entrevistas, para as quais estava previsto o deslocamento aéreo de Florianópolis (SC) para Porto Alegre (RS), ocorreu o primeiro *lockdown* decorrente da pandemia da Covid-19, o que ocasionou o fechamento das divisas entre os estados, bem como a suspensão dos voos comerciais nacionais e internacionais. O cenário pandêmico demandou novas escolhas e algumas adaptações, que foram fundamentais para a continuidade dos estudos propostos pela pesquisa.

As restrições que passaram a fazer parte da rotina de todos com o avanço da contaminação pelo novo coronavírus, no ano de 2020, impuseram também à pesquisa algumas limitações. Estes desafios precisariam ser transpostos. Passamos a estudar formas de realização das entrevistas (agora sem o contato presencial) e, no caso dos TILS participantes, também sem o envio de novas cartas-convite físicas pelo correio. No decorrer deste processo de adaptação do planejamento, outro aspecto que se evidenciou foi a necessidade de realizar as entrevistas por meio de encontro virtuais, com o apoio de recursos tecnológicos tais como as ferramentas de videochamadas do *WhatsApp*, as salas de reunião do *Google Meet* e do *Zoom Meeting*, e o estúdio de transmissão do *Streamyard* (plataforma que possibilita a gravação através da

transmissão ao vivo para contas do *Youtube*). As entrevistas, após realizadas, foram transcritas para a língua portuguesa escrita.

Em relação à realização das entrevistas exploratórias, apesar da compreensão de que são muitos os líderes surdos, homens e mulheres, que tiveram e têm papel protagonista nas lutas da comunidade surda, e uma vez que se colocavam diversos limites por conta da pandemia, definimos que realizaríamos apenas uma entrevista exploratória com um representante de entidade nacional dos surdos, o presidente da Feneis. Esta entrevista exploratória ocorreu de maneira virtual, com a utilização de serviços de conferência remota (Quadro 3 – Dados sobre as entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa). Aliado a isso, a entrevista desenvolvida com o Sr. Francisco da Rocha possibilitou a identificação de TILS que atuaram no Brasil a partir dos anos 1980, tais como Ângela Russo, Ely Prieto, Ricardo Sander e Geralda Ferreira, que foram indicados pelo primeiro entrevistado posteriormente aceitaram o convite para participar da pesquisa. Neste aspecto, conforme explicita Alberti (2005), a escolha dos entrevistados

não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2005, p. 31-32).

Para a formação do corpus, foram gravadas doze entrevistas. A primeira delas foi realizada com o participante surdo, em tomada única, e as demais com os quatro TILS participantes deste estudo, conforme descrito no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 - Dados sobre as entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa

Data	Entrevistado(a)	Tomada	Duração	Recurso utilizado
16/05/2020	Francisco Eduardo Coelho da Rocha	Única	01:41:35	Zoom Meeting
03/06/2020	Ângela Russo	1ª	02:07:03	Google Meet
08/06/2020	Ângela Russo	2ª	01:04:52	Google Meet
24/10/2020	Ricardo Ernani Sander	1ª	01:23:35	Zoom Meeting
04/11/2020	Ricardo Ernani Sander	2ª	01:23:29	Zoom Meeting
28/11/2020	Ricardo Ernani Sander	3ª	01:02:35	Zoom Meeting
09/12/2020	Ricardo Ernani Sander	4ª	01:18:05	Zoom Meeting
05/04/2021	Ricardo Ernani Sander	5ª	01:29:03	Zoom Meeting
25/11/2020	Geralda Eustáquia Ferreira	1ª	01:31:19	Streamyard
09/12/2020	Geralda Eustáquia Ferreira	2ª	01:34:54	Streamyard
19/12/2020	Geralda Eustáquia Ferreira	3ª	01:50:37	Streamyard
25/05/2021	Ely Prieto	Única	01:33:50	Zoom Meeting

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No total, foram gravadas 18h e 47s de conteúdo proveniente da realização das entrevistas com os participantes. Thompson (1992, p. 281) alerta para os cuidados que se deve tomar em relação ao armazenamento das informações coletadas, em especial do material bruto que é produzido na captação das entrevistas. Esta preocupação está intimamente ligada com a percepção de que este material, que ora serve de base para a análise de uma pesquisadora e de sua professora orientadora, pode ser futuramente requerido por outros pesquisadores, por outros enfoques de pesquisa. Por isso, a importância de escolher uma forma eficaz de catalogação do material coletado, bem como de adequado armazenamento. Quando publicada, a obra do autor alertava para os cuidados com os locais de armazenamento, que à época eram as fitas de áudio e os rolos de vídeo. Considerando que atualmente são diversas as possibilidades de armazenamento em espaços virtuais, organizamos os arquivos com as entrevistas concedidas em pasta compartilhada no *Google Drive*, bem como através de *upload* dos arquivos com as gravações em canal do *Youtube*, no formato “não listado” (onde somente com o *link* é possível acessar o conteúdo). Optamos por não disponibilizar publicamente as gravações na íntegra por considerar que há relatos que são de ordem pessoal dos entrevistados e que sua divulgação poderia ser algo inconveniente.

No que tange a questão de registro, Thompson (1992) adverte para o necessário resguardo das questões de direitos autorais e de uso de imagem e áudio de entrevistas. O autor ressalta que além da documentação padrão utilizada nas pesquisas (no caso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), um documento complementar desta natureza deve ser produzido pelo pesquisador e disponibilizado aos entrevistados, que por sua vez devem assiná-lo. Considerando a relevância deste aspecto, elaboramos um segundo documento que foi enviado para os participantes da pesquisa, no qual explicitamente os entrevistados atestam ciência e autorizam o uso de sua imagem, áudio e quaisquer outros elementos registrados no decorrer das entrevistas virtuais (Apêndice B).

A entrevista, como instrumento de pesquisa, é “uma opção política que fazemos diante do perfil de pesquisador que pretendemos construir e do modo como pretendemos lidar com a alteridade” (ROCHA; DAHER; SANT’ANNA, 2004, p. 17). Neste sentido, é a partir da realização das entrevistas com os participantes que desejamos contribuir com a composição de acervo histórico sobre o campo de atuação de TILS no Brasil, registrando as memórias do vivido e sua relação com fatos

históricos, levando em conta a multiplicidade de olhares e percepções, compreendendo esta ação como a construção coletiva de novos textos sobre esta história. Principalmente, tendo clareza de que ao considerar

o dito pelo entrevistado como uma versão daquilo que lhe é solicitado informar, [...] afasta-se da ideia de coleta de uma verdade absoluta, fidedigna ou oculta, e assume a necessidade de buscar nas práticas discursivas o processo, o movimento, o sentido, fazendo com que a entrevista seja o lugar no qual se constroem possíveis versões de realidade. [...] seu ponto de vista teórico rompe com a generalizada crença da correspondência entre o dito e a verdade. (ROCHA; DAHER; SANT'ANNA, 2004, p. 5).

Registrar as lembranças que emergem nas narrativas dos sujeitos é uma forma de possibilitar que diferentes vozes se complementem na composição da história sobre a atuação dos TILS no Brasil a partir dos anos 1980. Esses registros visam corroborar com a compreensão de que a história se constrói a partir de muitos fatos, muitas vozes, por diferentes sujeitos com percepções distintas. Deixamos de lado qualquer tentativa de apontar para a existência de uma verdade absoluta, mas sim, nos valemos dos múltiplos olhares e vozes para reconstruir a história.

No decorrer da realização da entrevista exploratória com o presidente da Feneis, assim como no desenvolvimento da primeira entrevista com a TILS Ângela Russo, foi possível perceber que, ao realizar a primeira e a segunda perguntas do roteiro prévio que havíamos elaborado, os participantes desencadeavam uma sequência temporal de fatos e memórias. Neste processo de enunciação das lembranças, as demais perguntas do roteiro foram respondidas naturalmente. Assim, reformulamos a proposição inicial de realizar entrevistas semiestruturadas com um número maior de perguntas, passando a utilizar as questões iniciais dos temas iniciais dos dois roteiros, “Experiência” e “Percepções Pessoais”, a partir das quais os participantes evocavam as memórias, narrando-as de maneira muito detalhada e encadeada, abordando inclusive assuntos presentes nos demais temas e perguntas que estavam nos roteiros prévios da entrevista semiestruturada.

Percebemos, nesse movimento da pesquisa, que a entrevista narrativa estaria mais adequada ao processo que foi se corporificando no decorrer da realização das entrevistas. Isso porque a entrevista narrativa tem como ponto de partida um conjunto mais condensado de questões norteadoras, que são disparadoras das memórias e percepções dos entrevistados, motivando os sujeitos da pesquisa a relatar suas experiências e histórias. Corroborando com os propósitos de pesquisa, o

desenvolvimento destas entrevistas, denominadas narrativas, encontra aporte em autoras como Silveira (2011) e Paraíso (2012), pesquisadoras do campo dos Estudos Culturais em Educação, em que também encontramos afinidade com as intenções investigativas.

Por outro lado, a escolha por esta linha metodológica se dá na medida em que é possível observar que, na atualidade, já existe produção acadêmica sobre os TILS e sua presença na história das comunidades surdas, mas também se observa que é necessário acessar esses relatos e narrativas que emergem da memória dos sujeitos. Através dos registros realizados nesta pesquisa, acreditamos que é possível reconstituir a história, construindo sentido também para as novas gerações de TILS, pois, conforme Bobbio (1997), quando rememoramos o vivido é que

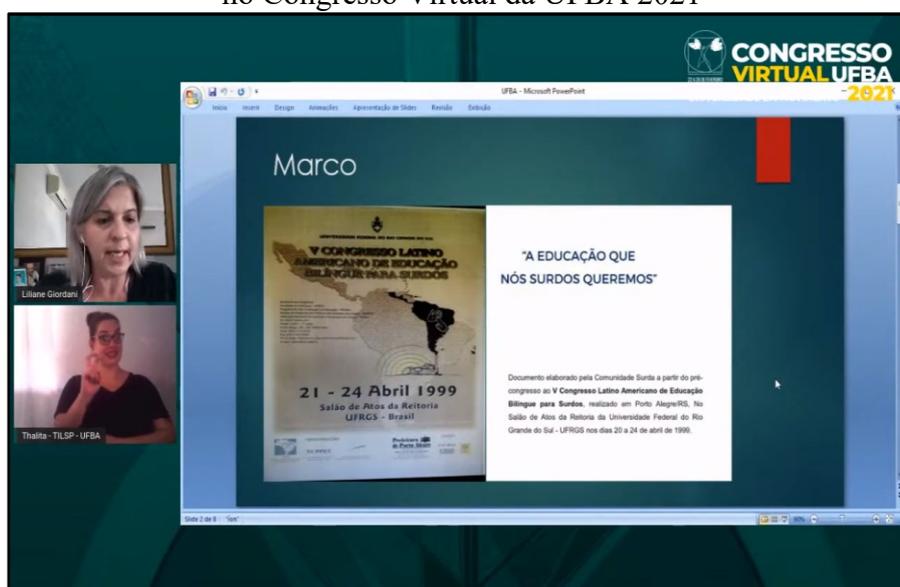
re encontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos [...] se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade. (BOBBIO, 1997, p. 30-31).

Na proposição de uso de uma metodologia narrativa de entrevistas, percebe-se que, para além dos limites de uma entrevista estruturada, nesta concepção é possível recontar as experiências de uma forma mais ampla e livre para o entrevistado, sendo uma das ferramentas metodológicas utilizadas nos percursos possíveis da história oral. Neste sentido, as perguntas disparadoras têm o papel de provocar a enunciação das memórias pelo sujeito, implicando a história oral como fonte capaz de construir documentos a partir das narrativas dos sujeitos. Este exercício possibilitou, no âmbito da pesquisa, construir um entendimento mais detalhado dos fatos vivenciados pelos TILS participantes.

Como preparação para as entrevistas, realizamos um trabalho prévio de busca por referências históricas que possibilitassem contextualizar o momento social e político. Nesta preparação, elaboramos o Quadro 22 (Apêndice D) com possíveis marcos históricos a partir dos anos 1980 no Brasil, nos quais a presença de TILS poderia ser evidenciada. A busca de imagens presentes em publicações, bem como de textos, relatos e outros documentos e fontes históricas disponíveis foi de grande relevância, pois, conforme afirma Alberti (2005), é fundamental a realização de consultas às fontes que estejam disponíveis sobre o tema antes de chegar no momento das entrevistas propriamente ditas.

Ao longo do período de realização das entrevistas e dos estudos relacionados à pesquisa, acessamos outros conteúdos que se correlacionam com as narrativas históricas. Foi o que ocorreu durante a transmissão da mesa temática “Educação de surdos e formação docente – o caso do curso de pedagogia bilíngue online”⁹, na qual a Profa. Dra. Liliane Ferrari Giordani (UFRGS) destacou a importância do 5º Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue de 1999 (evento que havíamos listado no Quadro 22, antes de iniciarmos a fase das entrevistas) no cenário nacional.

Figura 6 - Captura de tela da fala da Profa. Dra. Liliane Giordani (UFRGS) durante a mesa “Educação de surdos e formação docente – o caso do curso pedagogia bilíngue” no Congresso Virtual da UFBA 2021



Fonte: UFBA (2021)¹⁰.

Na mesa, a autora afirma que este evento foi “[...] um marco na história [...] uma projeção importante dada no acontecimento do 5º Congresso de Educação Bilíngue da América Latina que aconteceu [...] em 99”. Se referindo à Declaração de Salamanca, a professora relembra que foi a partir dela que

[...] se movimenta uma ação política e social das representações da educação de surdos, para militar por um espaço de escola de surdos e que culmina nesse grande evento em Porto Alegre, na Universidade Federal de Rio Grande do Sul, que reuniu em torno de 1.200 pessoas, sendo que 700 delas

⁹ A mesa citada aconteceu na data de 23/02/2021, da qual participei como professora do IFSC e coordenadora do Polo de Apoio Presencial do curso do INES. Além da Profa. Dra. Liliane Ferrari Giordani, também participaram da atividade a Profa. Dra. Elizabeth Reis Teixeira (UFBA), a Profa. Dra. Maria Joaquina Nogueira da Silva (UEPA) e a Profa. Dra. Waléria Batista da Silva Vaz Mendes (IFG). A mesa na íntegra pode ser assistida em https://www.youtube.com/watch?v=2fm_1921z3w.

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2fm_1921z3w.

eram pessoas surdas, o que pra nós é uma representação extremamente importante e que produz um documento até hoje referência, que é o documento “A educação que nós surdos queremos¹¹ [...]”. (GIORDANI, 2021).

Com isso, realizamos um esforço inicial de delimitação dos participantes da pesquisa. Organizamos uma listagem prévia de TILS, com a qual elaboramos o Quadro 23 (Apêndice E), elencando nomes de TILS a partir de nossos conhecimentos prévios, uma vez que listamos profissionais cujo reconhecimento circula na comunidade surda brasileira. Nesta lista também foram incluídos nomes de TILS que foram identificados a partir de levantamento de intérpretes presentes em registros fotográficos históricos (JUNG; ALBRES, 2019).

Neste sentido, se faz necessário destacar que os sujeitos elencados no Quadro 23 (Apêndice E) representam parte dos TILS que presenciaram a construção da história dos movimentos surdos brasileiros e que certamente existem muitos outros nomes que, em suas comunidades, em dados momentos históricos e sociais, tiveram importante participação neste contexto. Este fato inclusive se confirma quando, a partir do desenvolvimento do presente estudo e da realização das entrevistas, desdobra-se um projeto externo que tem por objetivo registrar a história dos TILS através da realização de *lives* mensais (Apêndice F) e que será apresentado a seguir, como um desdobramento inusitado da pesquisa.

A partir da realização da etapa exploratória, passamos à etapa de aproximação e contato com os TILS que se destacaram nas memórias narradas pelo presidente da Feneis, dentre os quais foram identificados os nomes de Ely Prieto, Ricardo Sander e Ângela Russo. Este foi um momento crucial para a delimitação dos sujeitos da pesquisa, haja vista que os nomes citados haviam sido previamente listados junto a outros colegas TILS em delimitação proposta ainda no projeto inicial desta pesquisa (Apêndice E).

A TILS Ângela Russo foi a primeira entrevistada. Dentre muitos nomes e situações relatados nas duas tomadas de entrevistas realizadas, o nome de Geralda Ferreira veio à tona. Este nome inclusive foi destacado pela entrevistada por conta da relevância do trabalho de Geralda como TILS nos anos de 1990. Foi também a entrevistada Ângela que disponibilizou os contatos dos outros participantes: Ricardo e Ely. Após a realização dos dois encontros com Ângela, seguiram-se as entrevistas com

¹¹ Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/documento_a_educacao_que_nos_surdos. Acesso em: 03 jan. 2023.

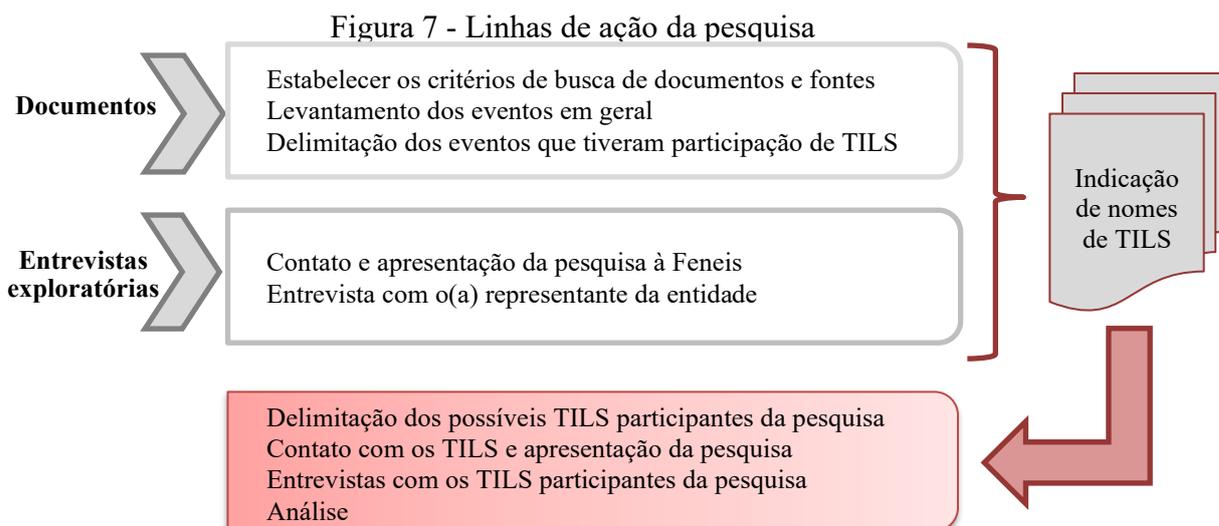
Ricardo Sander e pouco tempo depois, com Geralda. O último participante foi Ely Prieto, com quem foi realizado um único encontro para a realização da entrevista.

4.3 ORDENAÇÃO DAS FASES DE CONTATO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O desenvolvimento da pesquisa, inicialmente, partiu de uma listagem prévia, desenvolvida pela autora com apoio da orientadora dos estudos de mestrado. Uma vez identificados estes potenciais participantes da pesquisa, em dezembro de 2019, a versão final do projeto de pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC, após a necessidade de ajustes e alterações indicados pelo próprio CEPSH. A aprovação do projeto aconteceu em fevereiro de 2020, com a publicação do parecer nº 3.853.341 do CEPSH-UFSC.

A primeira ação foi o contato por e-mail com a diretoria nacional da Feneis, verificando a disponibilidade da entidade em colaborar com o estudo proposto, o que foi confirmado a partir da assinatura de uma carta de anuência por parte presidente. Após o aceite, realizamos os contatos necessários para que fossem dados todos os esclarecimentos sobre a pesquisa, seus objetivos e sobre os documentos que viabilizaram a participação dos sujeitos: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Autorização de Uso de Imagem e Som. Esta forma de encaminhamento também foi aplicada aos demais participantes, visto que a impossibilidade de encontros presenciais para a realização das entrevistas imprimiu outras formas de colocar em prática o rigor necessário à efetivação deste estudo acadêmico.

Desta maneira, a presente pesquisa foi desenvolvida a partir de três linhas de ação, sendo a primeira delas a busca de registros que possibilitem contextualizar a trajetória histórica dos movimentos surdos brasileiros e da atuação dos TILS. A segunda linha de ação consistiu na realização da entrevista exploratória com o presidente da Feneis, na qual os sujeitos da pesquisa emergem a partir das memórias narradas pelo entrevistado surdo. Por fim, a terceira linha de ação, na qual as entrevistas com os TILS participantes foram desenvolvidas efetivamente. Concluídas as etapas anteriores, nesta terceira parte do estudo realizamos a análise das narrativas coletadas, considerando também os documentos e outras informações históricas com as quais entramos em contato ao longo do estudo. As linhas de ação estão descritas visualmente na Figura 7.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

4.3.1 A ANÁLISE

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural, a análise levou em conta as cenas vividas e os discursos dos sujeitos entrevistados. Não prevemos categorias de forma antecipada, as análises foram elaboradas a partir do vivido, em outras palavras, emergiram dos discursos. Contudo, buscamos as evidências sobre o trabalho dos TILS nos contextos históricos levantados.

4.4 COMITÊ DE ÉTICA

De acordo com a Resolução 466/2012 em seu Capítulo V: “Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”. No caso do estudo desenvolvido, os participantes desta pesquisa passarão por entrevista que serão filmadas. Consideramos que os participantes podem sentir um certo desconforto do decorrer da gravação das entrevistas, que podem ser de naturezas diversas: por estarem sendo gravados; por estarem frente a uma situação de rememorar lembranças, lidando com emoções; por sentir cansaço pelo tempo destinado à entrevista; entre outras. Além disso, o foco dessa pesquisa é extrair diferentes experiências dos intérpretes, o que pode ocasionar recordações positivas e negativas do vivido. Alguns questionamentos do roteiro de entrevista podem, de alguma maneira, deixar os entrevistados constrangidos,

inclusive ocasionando que algumas questões da entrevista ou até mesmo a entrevista como um todo não seja respondida. Estes aspectos todos foram elencados como possíveis inconvenientes durante a realização do estudo.

A pesquisa, por sua vez, se consolidou com o intuito de beneficiar o coletivo de sujeitos que atua na área de tradução e interpretação em língua brasileira de sinais e língua portuguesa, bem como os próprios beneficiados destes serviços, em especial os sujeitos surdos, uma vez que perspectivas importantes de sua história poderão ser resgatadas. Os sujeitos beneficiados com esta pesquisa podem ser os próprios entrevistados, cuja história é resgatada, assim como outros profissionais TILS, estudantes, professores e pesquisadores que se interessem na temática, pois a partir da descrição e análise desta pesquisa podem recorrer ao registro da história. Ainda, tradutores e intérpretes podem se beneficiar com os fatos relevantes relacionados a história desta profissão, à valorização do seu papel fundamental na promoção da acessibilidade comunicativa entre surdos e ouvintes no cenário nacional, entre outros.

4.5 DESDOBRAMENTOS INUSITADOS DA PESQUISA

No decorrer dos encontros nos quais realizávamos a gravação das entrevistas, Ricardo Sander e Geralda Ferreira foram retomando o contato e a amizade de longa data. Esse reencontro, em grande parte motivado pelo desenrolar da pesquisa, motivou em ambos o desejo de reencontrar também estas outras vozes que os constituíram como TILS. É deste desejo que tem início o “Rodas de Conversa Entre TILS” (Apêndice F), projeto de extensão desenvolvidos em parceria pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campo Mourão, instituição em que Ricardo Sander é docente e pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Câmpus Palhoça Bilíngue, instituição em que eu sou docente. Este projeto consiste na realização de *lives* transmitidas pelo *YouTube*, no último sábado de cada mês, em média com uma hora e quinze minutos de duração, nas quais convidadas e convidados narram suas histórias junto às comunidades surdas como TILS, em determinado tempo de suas vidas.

Para desenvolver esta ação de resgate da memória dos TILS no Brasil, o projeto que foi cadastrado no sistema de registro da UTFPR. Ainda, conta com a participação de TILS que atuam na interpretação das *lives* e que, voluntariamente, de diferentes lugares do país, se mobilizam para que tanto surdos quanto ouvintes possam assistir os conteúdos que se constituem no decorrer de cada encontro. Além dos TILS,

Ricardo e Geralda também estão presentes junto às e aos convidados, mediando a conversa. Nos bastidores, operando a plataforma do *Streamyard* e realizando a interação com o público que acontece em tempo real pelo *chat* da transmissão no *Youtube*, estou eu, Ana Paula, dando o suporte técnico para que o conteúdo seja desenvolvido com muito zelo e qualidade.

A realização de pesquisa no campo das ciências humanas é algo muito impressionante, pois não é possível determinar a dimensão ou rumo que sua pesquisa pode tomar. Ao mesmo tempo que isso pode ser assustador, é também instigante. Neste sentido, a tomada de consciência se dá na medida em que se compreende que

[...] não pode haver nas pesquisas qualitativas um termo final último formulado como modelo preciso, porque tudo o que é qualidade é sempre resultante de fluxos intencionais complexos e flutuantes, suscetíveis a mudanças inesperadas, caracterizando a necessidade de uma definição específica do campo das qualidades que se apresentam em sentido, isto é, que se encontram estruturadas em infinitas ramificações intencionais já condicionadas e reunidas em feixes que consolidam novas individualizações. (GALEFFI, 2009, p. 36).

No caso deste desdobramento inusitado da pesquisa de mestrado, havia algo que de início tínhamos consciência, eu e minha orientadora, que é a impossibilidade de ter uma abrangência ampla, completa ou fechada dos participantes, que de fato trariam os elementos para a constituição do *corpus*. Porém, tínhamos também certa frustração frente a essa realidade que a limitação quantitativa nos impunha: a de não poder ouvir e registrar “todas” as vozes. Neste caso, o inusitado nos trouxe a possibilidade da continuidade deste resgate que iniciamos com os quatro TILS participantes deste estudo.

Até o presente momento foram realizadas doze entrevistas, que estão disponíveis no canal do *Youtube* onde as *lives* são transmitidas (Apêndice F). A realização destes encontros em uma plataforma livre e de fácil acesso a muitos usuários possibilita que estas memórias, bem como os conhecimentos e experiências acumulados pelos TILS sejam amplamente difundidos. Acredita-se que desta forma as novas gerações de profissionais TILS possam ter contato com os cenários e realidades do início da atividade que hoje estas novas gerações exercem. É possível ainda conhecer os desafios, perceber os avanços (conquistados com muito esforço), percebendo as diferenças e semelhanças entre o passado e o presente, entre outras tantas possibilidades de interação com essas vozes que são registradas. Concordando com as afirmações de Macedo (2009), esta potente ramificação da pesquisa se mostra como

[...] um momento extremamente fecundo que é a reflexão sobre a construção do conhecimento que implica a pesquisa; nestes termos, critério e densidade agregam-se para proporcionar à pesquisa o rigor e a qualidade que desejamos. Ademais, permitem que a pesquisa forje uma interessante possibilidade formativa sobre a própria história da produção do conhecimento e suas omissões, que permeia todo um passado irrefletido de nos colocarmos diante das práticas de investigação. (MACEDO, 2009, p. 92).

Como um legado que permanece para as novas gerações, os registros históricos propiciados pela realização das *lives* com TILS também se configuram como possibilidade formativa, uma vez que se assume proveniente do lugar de onde emergem as práticas de investigação no campo dos estudos históricos sobre a atuação de TILS no contexto brasileiro.

5 DISCURSOS QUE (RE)CONSTROEM HISTÓRIAS

Neste capítulo, tratamos da relação eu e o outro analisada sob a perspectiva de Bakhtin e o Círculo. Construir uma descrição, análise e interpretação de narrativas articulando visões, histórias, sentimentos, afetos e fatos é algo bastante desafiador. É preciso destacar que na perspectiva dialógica, a história é fundamental para a constituição dos sujeitos. Assim, as histórias de vida dos TILS e dos outros (surdos ou ouvintes) os constituíram.

Apresentamos a análise alinhando as diferentes perspectivas do “constituir-se intérprete”, em que selecionamos os discursos que narram os modos como os intérpretes foram sendo nomeados intérpretes, aprendendo a interpretar e formando-se empiricamente. Para a análise correlacionamos os discursos dos entrevistados com documentos da época, fotos, recortes de jornais, folders de eventos, citações de livros, entrevistas, entre outros. Assim, para principiarmos a nossa análise, na seção 5.1) apresentamos o cenário da pesquisa e os sujeitos entrevistados; na seção 5.2) os excertos sobre a sua constituição como intérpretes.

5.1 OS SUJEITOS E O CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2020 e 2022. Nestes anos, cresceu significativamente a visibilidade da Libras e das comunidades surdas pelas conquistas políticas (BRASIL, 2021), pelo desenvolvimento da tecnologia. Além disso, no período de pandemia, a Libras se fez presente em *lives*, congressos, palestras e em comunicados oficiais e não oficiais (ALBRES; SANTIAGO, 2021).

Assim, as entrevistas foram desenvolvidas em um período muito sensível em que tanto os participantes quanto a pesquisadora estavam em distanciamento social. Ainda, atarefados pelas novas demandas, pois atuam como professores ou intérpretes em meio a educação emergencial desenvolvida na modalidade remota, o que conduziu a mudanças drásticas nos modos de organização da agenda pessoal. Apesar desse fato, os participantes foram bem solícitos ao convite.

Como já mencionado, os intérpretes entrevistados foram Ângela Russo, Ely Prieto, Ricardo Ernani Sander e Geralda Eustáquia Ferreira. Todos foram indicados pelo diretor da Feneis ou pelos próprios intérpretes (participantes da pesquisa) como nomes de TILS que poderiam contribuir com esta pesquisa histórica sobre os intérpretes no Brasil. A seguir apresentamos uma pequena biografia dos intérpretes.

Quadro 4 - Biografia de Ely Prieto

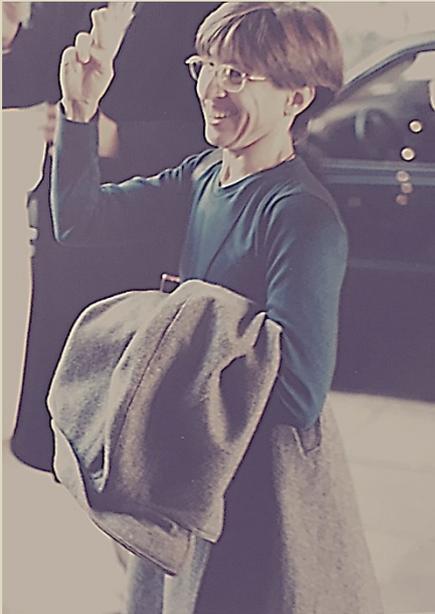
	<p>Nascido em Santos, São Paulo, em 2 de janeiro de 1959, Ely tem descendência espanhola por parte do pai (seus avós paternos imigraram da Espanha para o Brasil) e, por parte da mãe, sua origem é portuguesa. É casado com Miriam Schmidt Prieto, com quem tem dois filhos: Filipe e Natália.</p> <p>Ely foi aluno do curso de Teologia do Seminário Concórdia de Porto Alegre, (RS), no ano de 1979. A Escola Especial Concórdia para surdos ficava localizada no campus do Seminário, o que proporcionava seu contato constante com os alunos surdos diariamente. Essa proximidade fez com que se interessasse pelo tema, levando-o a participar de um curso de língua de sinais básico da “<i>American Sign Language</i>”. Pouco tempo depois, Ely começou a dar aulas de religião para alunos surdos na Escola Especial Concórdia e a participar do Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS). Iniciou seus estudos em São Vicente (SP), e posteriormente em Nova Iguaçu (RJ). Mudou-se para São Leopoldo (RS), onde completou o Ensino Médio no Instituto Concórdia (em um curso preparatório para o Seminário). Depois, Ely mudou-se para Porto Alegre (RS), onde cursou Teologia, no Seminário Concórdia. Estudou por quatro anos no curso superior de Psicologia (PUC/RS), mas não concluiu essa formação. Retornou aos estudos na ULBRA (RS), onde realizou a integralização do curso de Teologia, em 2016, conquistando o título de Bacharel em Teologia. Complementou sua formação nos Estados Unidos, realizando estudos de aperfeiçoamento em Ministério Especiais (no Concordia Seminary, St. Louis, em 1984), Mestrado em Teologia, (no <i>Concordia Theological Seminary, Fort Wayne</i>, em 1993) e Doutorado em Ministério (pelo <i>Concordia Seminary</i>, em St. Louis, no ano de 2009). Vivendo há muitos anos nos Estados Unidos, Ely atualmente trabalha no <i>Concordia Seminary</i>, em St. Louis, no Departamento de Teologia Prática como Professor Adjunto de Teologia Prática, além de ser Deão Adjunto para o Ministério Urbano e Transcultural, ocupando uma cadeira na Fundação Luterana de Ministério Urbano e Transcultural.</p>
--	--

**ELY
PRIETO**

Fonte: Produzido pela autora a partir da autobiografia de Ely Prieto¹² (2022).

¹² Os participantes da pesquisa disponibilizaram fotos, documentos e a escrita pessoal de sua biografia, assim como cederam as entrevistas. Este e os próximos quadros foram produzidos a partir da escrita elaborada pelos próprios participantes.

Quadro 5 - Biografia de Geralda Eustáquia Ferreira



**GERALDA
EUSTÁQUIA
FERREIRA**

Nascida em Belo Horizonte (MG) no dia 28 de julho de 1956, filha de pai cozinheiro e mãe lavadeira, oriundos de Ouro Preto (MG). Os pais, recém-casados, mudaram-se para a capital mineira e a mãe fazia questão de ver os filhos "encaminhados no estudo". Assim, Geralda cursou o magistério no Instituto de Educação de Minas Gerais e foi professora até 1977, quando entrou para a Universidade FUMEC (1982), onde cursou Psicologia.

Posteriormente fez especialização em Educação de Surdos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos - Rio de Janeiro/RJ INES/RJ (1986), concluiu o curso de pós-graduação em Psicologia da Educação pela UEMG e o curso de pós-graduação em Educação Especial pela UFMS, além dos estudos de mestrado em Educação pela Universidade de La Habana, em Cuba.

Especialização em Psicologia da Educação - Centro de Extensão do Instituto de Educação de Minas Gerais - BH/Mg (1987). Aperfeiçoamento em Educação Precoce - Universidade da Costa Rica - São José/Costa Rica (1988); Aperfeiçoamento em Psicologia da Educação - Associação Nacional de Psicólogos de Portugal - Lisboa/Portugal (1989); Aperfeiçoamento em Surdez - NTID *National Technical Institute for the Deaf* - Nova Iorque - USA (1990); Aperfeiçoamento em Neurologia - CICLO-CEAP Centro de Estudos Avançados de Psicologia - BH/MG (2001). Mestrado em Psicopedagogia pela Universidade Presidente Antônio Carlos Bom Despacho/MG (2000/2002)

Geralda atuou como psicóloga pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, sendo servidora pública estadual até 2008, quando se aposentou. Em Minas Gerais, Geralda teve relevante trabalho como TILS, especialmente devido a sua dedicação à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) e na Federação Estadual das APAEs, instituições onde atuou de 1986 até 2002, mesmo ano de conclusão do mestrado.

Atualmente, Geralda não atua mais como TILS e vive na cidade de Caeté, no interior de Minas Gerais, a aproximadamente 56km da capital Belo Horizonte.

Quadro 6 - Biografia de Ricardo Sander



**RICARDO
ERNANI
SANDER**

Ricardo nasceu em Santa Cruz do Sul (RS), mas sua família vem da Serra Gaúcha, da cidade de Canela. De origem alemã, a primeira língua e a cultura preservada em casa eram alemãs. Quando a família se mudou para a região de Santa Cruz do Sul, localizada em uma região de colonização alemã, seus pais não tiveram dificuldades em continuar as tradições de origem. O pai de Ricardo era professor e se formou em Pedagogia no Seminário Concórdia, em 1939, em Porto Alegre. Neste mesmo local se formaram outras pessoas da família, entre cunhados, irmãos e sobrinhos, bem como o próprio Ricardo, que cursou o Ensino Médio em São Leopoldo, na grande Porto Alegre, entre os anos de 1977 e 1979, vindo a cursar Teologia no Seminário Concórdia, já no ano de 1984.

Nos anos de 1985 e 1986 Ricardo teve uma oportunidade de estudos nos Estados Unidos, no Seminário Concórdia de Saint Louis, no mesmo local onde atualmente o colega Ely Prieto é professor. Nesta época, nos Estados Unidos, também participou de um curso na Universidade Gallaudet (que, na época, ainda era “College”). Quando retornou ao Brasil trabalhou na Escola Especial Concórdia para surdos, de Porto Alegre, onde atuou por muitos anos (até 1995). Quando saiu desta escola, Ricardo foi para Sapiiranga, na função de diretor da Escola Luterana São Mateus, uma escola que também tinha atendimento para alunos surdos, onde permaneceu até 2001.

Em 1997, Ricardo se forma em Pedagogia pela FEEVALE, em Novo Hamburgo. Posteriormente a saída da direção da Escola São Mateus, mudou-se para São Paulo (estudava na USP e trabalhava numa universidade particular como TILS no curso Engenharia das Telecomunicações, por cinco anos, para um surdo usuário da Libras, um trabalho para o qual foi indicado pela Feneis/SP).

Seus estudos de mestrado foram desenvolvidos na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e de doutorado pela Universidade do Estado de São Paulo (UNESP de Marília).

Atualmente, Ricardo reside em Maringá (PR) e atua como professor efetivo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no campus de Campo Mourão, como professor de Libras.

Quadro 7 - Biografia de Ângela Russo



**ÂNGELA
RUSSO**

A TILS Ângela Russo é gaúcha, nascida em Porto Alegre no ano de 1970. De pai italiano e mãe brasileira, Ângela contou que o primeiro contato que teve com uma amiga surda foi no bairro Partenon, onde morava na infância. Possui graduação em Pedagogia Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995), graduação em Pedagogia Séries Iniciais pela mesma universidade (2002).

Mestre em Educação pela UFRGS, onde atualmente é servidora como tradutora e intérprete de Libras e português em atuação no Núcleo de Inclusão e Acessibilidade – Incluir – como TILS.

Uma Intérprete muito engajada com o processo de gestão democrática na capital do Rio Grande do Sul, trabalhando ativamente em diversas etapas do Orçamento Participativo (OP) e em outros eventos de grande relevância para a comunidade surda, como as edições da Bienal e do Fórum Social Mundial.

Atua como intérprete de Libras para as disciplinas do Mestrado e Doutorado do Programa de Pós Graduação em Informática da Educação e do Programa de Pós Graduação da Educação da UFRGS, bem como em eventos e bancas de defesa. Paralelamente desenvolve traduções e interpretações na esfera artístico cultural, desde peças teatrais a cinema.

No Rio Grande do Sul foi uma das principais articuladoras da criação da Associação Gaúcha de Intérpretes de Língua de Sinais (AGILS) e da Federação Brasileira de Profissionais Intérpretes e Guia Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS). Além do ativismo pela profissionalização e do reconhecimento da atividade dos TILS no Brasil, Ângela tem lugar de destaque na formação destes profissionais, de norte a sul do Brasil, sendo reconhecida nacionalmente.

Atualmente, além de se dedicar ao trabalho na UFRGS, Ângela participa de diversos projetos que envolvem acessibilidade em Libras, atuando no cenário de produção cultural de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, além de atuar ativamente para tornar acessíveis em Libras, por conta própria, diferentes conteúdos que circulam nas redes sociais e que são de utilidade pública, como conteúdos relacionados à pandemia de Covid-19 e combate à “fake news”.

Fonte: Produzido pela autora a partir da autobiografia de Ângela Russo (2022).

5.2 OS PARTICIPANTES E A CONSTITUIÇÃO COMO INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS

Iniciaremos por Ângela Russo, participante que concedeu a primeira entrevista, desencadeando muitos nomes e cenas da história. Para a escrita deste capítulo, alinhavamos os discursos relacionando temáticas, eventos e episódios similares mencionados pelos entrevistados. Dessa forma, não seguimos uma apresentação por ordem de entrevistados separadamente, mas, através do entrelaçamento desses discursos, fomos reconstruindo fatos históricos a partir das perspectivas dos diferentes sujeitos. Em entrevista, Ângela nos conta o seu primeiro contato com um intérprete, Ely Prieto. A seguir, apresentamos o excerto da entrevista e a imagem de Ângela apresentando o sinal desse intérprete, sua referência como profissional nos anos de 1990.

Quadro 8 - Transcrição de excerto da entrevista de Ângela Russo

Lá no Concordia tinha o pastor Ely Pietro, não sei se você já ouviu falar sobre ele. O Ely Prieto foi uma pessoa bastante ... uma referência para mim, porque eu acompanhava as falas dele com os alunos surdos e eu dizia .. Nossa! Um dia eu vou sinalizar como ele. (risos). E é interessante que muitas vezes não é lembrado, acho que o Tiago Coimbra falou dele na pesquisa de mestrado. Acho que teve um relato da professora Ana Regina Campello sobre a importância do Ely assim em um evento, acho que foi antes de 99. Lá na década de 1980. Então, uma pessoa importante que a gente não pode deixar de lado, de falar sobre ele. Né!?

Fonte: Entrevista TILS Ângela Russo - Tomada 1 - 03.06.2020 - Vídeo 1 13:04.

Ângela menciona que, nesse período dos anos de 1990, muitos acontecimentos em diferentes frentes despontaram. Em 1996 criou-se a lei de Libras da cidade de Porto Alegre (RS). Em 1997 os surdos participaram do orçamento participativo da cidade, demandando interpretação simultânea em assembleias com o objetivo de dar mais visibilidade para os surdos, a Libras e para os intérpretes. No mesmo ano, ocorreu também o primeiro curso de formação dos intérpretes do Rio Grande do Sul oferecido pela parceria entre UFRGS e Feneis.

Nesse ano, a entrevistada também conseguiu seu primeiro emprego no mesmo mês que terminou o curso de intérprete. Mesmo ano de criação do escritório da Feneis.

Ângela preocupa-se em mencionar o nome de Ely Prieto e destaca a importância de termos referências, de como aprendemos uns com os outros e que cada pessoa tem sua singularidade. Para endossar a sua indicação, cita um trabalho acadêmico referenciando a pesquisa de Tiago Coimbra Nogueira e o discurso de Ana Regina Campelo, uma pessoa surda líder da comunidade surda brasileira. Mergulhadas nessas tramas discursivas, buscamos o material citado por Ângela na entrevista, tanto a dissertação (NOGUEIRA, 2016) quanto o vídeo da entrevista com Ana Regina Campelo disponível no canal do *Youtube* da Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (Acatils).

Com essas narrativas, é possível apreender como “os discursos se constituem formando-se, no entanto, como uma materialidade própria: enquanto signo no e pelo qual se reflete e refrata-se a nossa existência em formação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106). Evidencia-se que o discurso de Ângela é composto de suas vivências, suas experiências e história, mas também dos discursos de outros.

[E]ssa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95).

O autor retrata quanto o signo não vive apenas na consciência individual. Constatamos que diferentes sujeitos pertencentes às comunidades surdas do Brasil indicam sujeitos desenvolvendo a atividade de intérpretes figurando como apoio para os surdos. Dessa forma, relacionando a história da Ângela com outras narrativas que circulam na comunidade surda, podemos citar as memórias de Antônio Campos de Abreu, presidente atual da Feneis e líder da comunidade surda, como apresentado a seguir. Em vídeo postado em sua página pessoal e pública, Antônio Campos narra sobre “Brasil vídeo Intérprete de Língua de Sinais”, postado no dia 26 de julho de 2015. Apresentamos a imagem de Antônio produzindo o sinal pessoal dos dois primeiros intérpretes que teve contato no Brasil, os considerando personagens históricos, seguido da tradução de excerto do seu discurso.

Quadro 9 - Transcrição de excerto de vídeo de Antônio Campos de Abreu



ELY PRIETO

RICARDO SANDER

Um dia eu fui à porto Alegre, eu estava sentado ao lado do padre Eugenio Oates e tinha uma palestra acontecendo ali. Quando percebi e fiquei admirado. Ali tinha um intérprete e perguntei: Quem é esse fazendo sinais? Eu não o conhecia. Então, perguntei para Gladis Perlin que estava ao meu lado. Quem é ele? E me respondeu Ely Prieto e Ricardo Sander. Eles aprenderam em um curso lá Nos Estados Unidos. Aqui no Brasil nem tinha o sinal de “intérprete” como conhecemos. (tradução nossa).

Fonte: Blog Histórias dos surdos (2015)¹³.

Antônio Campos cita que os primeiros intérpretes que viu atuando no Brasil de forma sistemática em evento público, inclusive em dinâmica de interpretação em equipe, foram Ely Prieto e Ricardo Sander, ainda nos anos de 1980. Em outro vídeo histórico, Antônio Campos compartilha fotos de eventos em que ele denomina de “vídeo Intérprete de Língua de Sinais” e compartilha publicamente em seu canal do *Youtube* apresentando a foto desse evento em 1984, no Seminário Internacional de Educação Religiosa em Porto Alegre (RS).

¹³ Disponível em: <https://historiadesurdos.blogspot.com/2015/07/brasil-video-interprete-de-lingua-de.html?q=int%C3%A9rprete>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Figura 8 - Foto de Participação de Ricardo Ernani Sander e Antônio Campos de Abreu em evento



Fonte: Blog Histórias dos surdos (2015)¹⁴.

Da esquerda para direita: Antônio Campos, freira desconhecida, Ricardo Sander, Gládis Perlin (na época era freira) e freira desconhecida. Esse tempo revivido, recordado e que desponta nas narrativas é fruto da criação de uma temporalidade histórica. “Os visíveis indícios complexos do tempo histórico, na verdadeira acepção do sentido, são vestígios visíveis da criação do homem, vestígios de suas mãos e da sua inteligência: cidades, ruas, casas, obras de arte, técnicas, organizações sociais, etc” (BAKHTIN, 2011b, p. 225).

As narrativas, tais como estas, enunciadas com o intuito de recontar fatos vividos pelos sujeitos em acontecimentos históricos e sociais, tornam-se os meios pelos quais se historicizam o espaço e o tempo. Conforme Dias e Boas (2019), isso é frequentemente chamado de eventicidade histórica do acontecimento e se expressa a partir da enunciação, uma vez que,

¹⁴ Disponível em: <https://historiadesurdos.blogspot.com/2015/07/brasil-video-interprete-de-lingua-de.html?q=int%C3%A9rprete>

[d]ialogicamente, a referida enunciação encontra-se em relação de dependência com a eventicidade histórica, no interior da qual se forma, para se efetivar enquanto a sua representação irrepitível em interação ativa e responsiva com outros lugares e outras posições. Portanto, o acontecimento e o enunciado interpenetram-se ao se constituírem e se regularem nas produções ideológicas de sentido, em sua interdependência. A enunciação torna-se a unidade pela qual representam nossa existência em formação. (DIAS; BOAS; 2019, p. 88).

Na busca por estas pistas históricas, procuramos os discursos indicados por Ângela Russo. Além disso, na dissertação de Tiago Coimbra (NOGUEIRA, 2016), há uma síntese/tradução da entrevista de Ana Regina de Souza Campello concedida à Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (doravante Acatils)¹⁵.

Figura 9 - Transcrição de excerto da entrevista de Ana Regina de S. Campello



Elle relate que, em 1981, em um congresso de pessoas com deficiências, realizado em Recife, evento em que participavam também outros surdos, não havia intérpretes. Ely Pietro, como por um “milagre”, se aproximou dos surdos quando estavam reunidos em um grupo de trabalho do evento, informando que era ouvinte e que sabia a LS, e questionando se os surdos precisavam de auxílio. Então, a partir daquele momento, os surdos começaram a perguntar para ele o que as pessoas estavam falando e ele fazia a interpretação. Não se tinha a consciência, como informa Campello, de que aquela atividade era uma interpretação ou que Ely era um intérprete.

Fonte: Nogueira (2016, p. 76).

Novamente o nome de Ely Pietro é mencionado, relacionando a sua presença como um milagre. O aparecimento do intérprete na história dos surdos e da língua de sinais é compreendida na época como um trabalho de assistencialismo ou de cumplicidade fraterna, o que confere ao serviço de interpretação um espaço de não profissionalismo (COUTINHO,

¹⁵ Fonte: ENTREVISTA com Ana Regina e Souza Campello. Entrevista realizada por Silvana Aguiar dos Santos. Florianópolis, 2014. 1 vídeo (26min 56sec.). Publicado pelo canal Projeto Entrevistas ACATILS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BU2pEEEjltc>. Acesso em: 03 jan. 2022.

2000). Esse fato é mencionado por Ana Regina em entrevista quando diz “*Não se tinha a consciência de que aquela atividade era uma interpretação ou que Ely era um intérprete*” (NOGUEIRA, 2016, p. 16).

Destacamos que Ana Regina Campello e Antônio Campos não foram entrevistados para esta pesquisa. Por meio da tarefa de pesquisa de história da tradução, investigamos os documentos paralelos que remetem ao período histórico correlacionando com os discursos que emergiram nas entrevistas. A entrevista com Ely Prieto esclareceu mais alguns pontos sobre a constituição dos intérpretes nos anos de 1980 e o papel da escola de surdos para emergir esse novo profissional.

Quadro 10 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto

A história da educação de surdos tem uma tradição oral. Obviamente, houve uma transição depois e também no Brasil. Naquele tempo a educação era muito mais oralizada, mas a escola especial Concordia era uma escola de ponta, por conta dos contatos que se tinha com os Estados Unidos. [...] Havia toda uma conexão com os Estados Unidos. [...] Aí se trouxe um professor americano, pastor George Kraus, ele já é falecido hoje, ele veio em 1979 para dar um curso de linguagem de sinais, mas falar sobre comunicação total. Engloba a língua de sinais. Não só eu fiz, mas o Ricardo Sander, você deve ter entrevistado, foi um dos pioneiros comigo nesse trabalho na igreja luterana. E até hoje ele está envolvido com o trabalho com surdos, um dos pioneiros. Nossa história é de muito tempo atrás. Vários colegas, devia ter uns 20 alunos do seminário que participaram [...]. Ao final daquela semana nós nos formamos, ganhei o diploma, etc. Esse foi o meu primeiro diploma, primeiro certificado de educação de surdos, não sei quantos eu tenho. Estão todos em alguma caixa no Brasil em algum lugar. Depois disso eu fiz vários cursos para trabalhar com surdos, eu fiz até na Gallaudet University, que naquela época era Gallaudet College, eu fiquei dois meses em Washington DC estudando lá. Depois a coisa foi para um outro nível. Mas aquele foi o meu primeiro certificado de alguma formação com surdos, isso em 1979. Lá começou a coisa.

Fonte: Entrevista TILS Ely Prieto – 25-01-2021 - Tomada 1 - Vídeo 1 - 10:24.

Ely começa narrando a sua história com a língua de sinais pelo contato com surdos e logo em seguida enfatiza e se detém de forma detalhada a contar o que havia em se tratando de formação na época. O discurso era de aproximação das línguas de sinais na educação de surdos, da incorporação da comunicação gestual e da aceitação dos sinais.

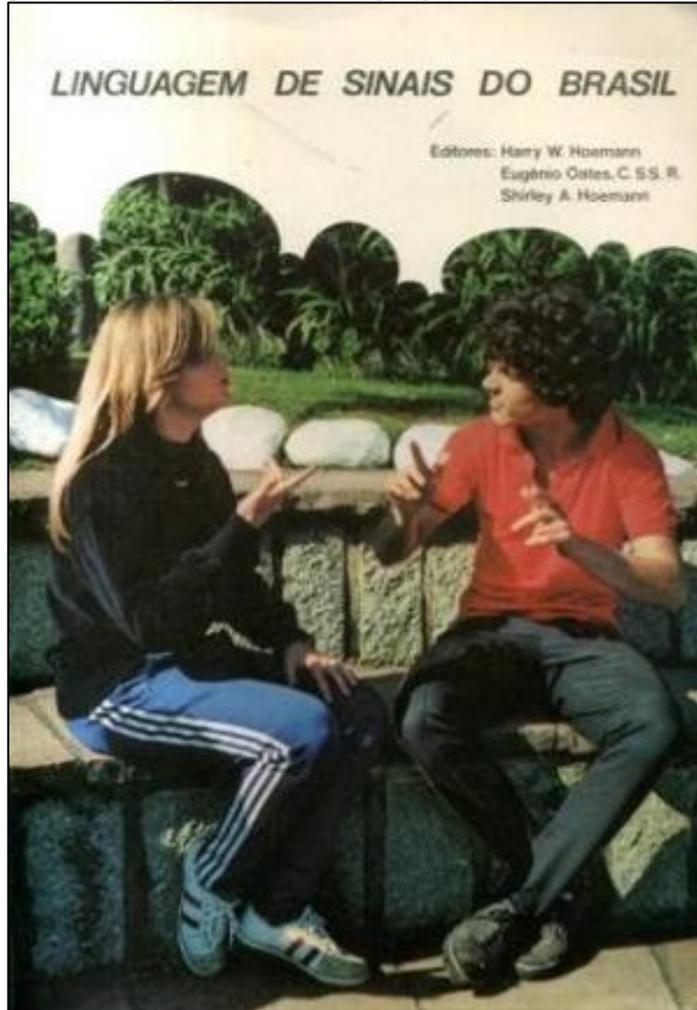
Segundo Volóchinov (2017), o sujeito reflete e refrata a existência em formação. De maneira dialógica, retoma o processo pelo qual se constituem os acontecimentos e os sujeitos que o afetaram. Ely nomeia os que contribuíram para a sua aprendizagem da língua de sinais e sobre os surdos. O enunciado, elaborado e expresso no momento da entrevista, encontra-se localizado em acontecimentos de interação real vividas pelo entrevistado, constituindo-se a partir da relação espacial e temporal. Estamos em 2021 conversando sobre fatos do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980. Ao evocar as memórias, o que o sujeito lembra ou o que “aparece” no momento da conversa não é planejado, se desencadeia naquele momento, naquele contexto único e irrepetível.

Logo, objetivamos analisar a constituição da palavra como produção ideológica no circuito da alteridade, nos atos processuais entre a palavra alheia e a palavra minha, configurando-se pelas suas refrações de sentido. Pode-se afirmar que o discurso científico, a partir de pesquisadores provenientes de instituições consideradas de ponta na pesquisa sobre educação de surdos, estavam direcionadas para a aceitação da língua de sinais. Ely traz para o seu discurso a palavra de poder da ciência, referenciando o professor George Kraus e a *Gallaudet University* (Universidade Gallaudet - localizada em Washington, D.C., capital dos Estados Unidos).

Os discursos de incorporação da língua de sinais não ficam apenas na palavra falada, mas também se materializam na palavra escrita, registrada em livro. Mais especificamente, ela se concretiza na publicação da obra “Linguagem de Sinais no Brasil”, logo no início dos anos de 1980 e publicado pela Escola Concórdia¹⁶.

¹⁶ A instituição foi fundada na década de 1960 pelo reverendo Dr. Martin Carlos Warth e por sua esposa, Naomi Hoerlle Warth. A aula inaugural da Unidade de Ensino Especial foi realizada no dia 5 de setembro de 1966, nas dependências do Seminário Concórdia, situado no bairro Mont'Serrat, na zona norte de Porto Alegre. Na época, a turma de língua de sinais contava com apenas três alunos. Em 1970, a escola passa a se chamar Centro Educacional para Deficientes Auditivos (CEDA), uma associação filantrópica que tinha como principal objetivo administrar o trabalho desenvolvido no local. Em 29 de abril de 1984, graças a doações recebidas da CBM – Christoffel Blinden Mission - da Alemanha e da MNF – Mill Neck Foundation - dos Estados Unidos da América, foi inaugurada a nova sede, localizada na Av. Dr. João Simplício Alves de Carvalho n.º 600, Bairro Jardim Ipiranga em Porto Alegre, RS, onde se encontra até os dias atuais. Desde 1996, já com o nome de Escola Especial Ulbra Concórdia, a unidade passou a integrar a rede de escolas da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/09/referencia-para->

Figura 10 - Capa do livro “Linguagem de Sinais do Brasil”



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Reverendo George Kraus, presidente da associação Amigos Luteranos dos Surdos (Mill Neck, Nova York), é citado nesse livro. Ele afirma que

[a] sugestão para um manual de Linguagem de Sinais do sul do Brasil foi feita na primavera de 1980 na Escola Especial Concórdia, uma Escola Luterana para os surdos em Porto Alegre. Como presidente dos Amigos Luteranos dos Surdos, dirigi um seminário naquela ocasião sobre o emprego da Linguagem de Sinais nos Estados Unidos tanto na comunidade adulta de surdos como nas escolas para deficientes auditivos. Durante debates com os professores e alunos da escola, descobri que não havia manual sobre a Linguagem de Sinais do sul do Brasil. A professora Naomi Warth, fundadora e coordenadora do ensino religioso da Escola Especial Concórdia, sugeriu que a organização que represento elaborasse um manual. (KRAUS apud HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983, p.7).

[pessoas-surdas-ha-54-anos-escola-concordia-pode-fechar-em-dezembro-ckevtbqg1002b01375j4qsat8.html](https://www.pessoas-surdas-ha-54-anos-escola-concordia-pode-fechar-em-dezembro-ckevtbqg1002b01375j4qsat8.html).

Acesso em: 03 jan. 2023.

Ely também se refere à Naomi Hoerlle Warth como um modelo de educadora de surdos, com o trabalho com a língua de sinais e a Escola Concórdia.

Quadro 11 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto



Eu, Luiz e Ricardo fomos escolhidos para ajudar Dona Naomi a dar aula de religião para os surdos.

Fonte: Entrevista TILS Ely Prieto – 25-01-2021 -Tomada 1 - Vídeo 1 – 19:34.

A refração de sentidos se materializa também na mistura entre o discurso científico e o discurso religioso ou místico. De um lado está o reconhecimento da língua de sinais como língua de fato e por outro da ocasionalidade de ser escolhido por fazer parte dessa história, por trabalhar com surdos. Em outras palavras, escolhido por Deus ou pelos surdos. Nesse contexto, a língua deve ser vista como uma herança cultural das comunidades de surdos. Como afirma Hoemann, Oates e Hoemann (1983),

Como resultado de seus estudos, linguistas estão convencidos que Linguagens de Sinais são línguas no sentido pleno do termo. Pessoas surdas que usam uma Linguagem de Sinais são capazes de desempenhar todas as funções sociais normais de comunicação que são associadas com o uso de uma língua. (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983, p. 22).

Essa contribuição do discurso científico e linguístico educacional a favor da língua de sinais consolida-se pela formação internacional dos educadores brasileiros. Em uma revista da Igreja Luterana encontramos mais sobre Naomi Hoemann.

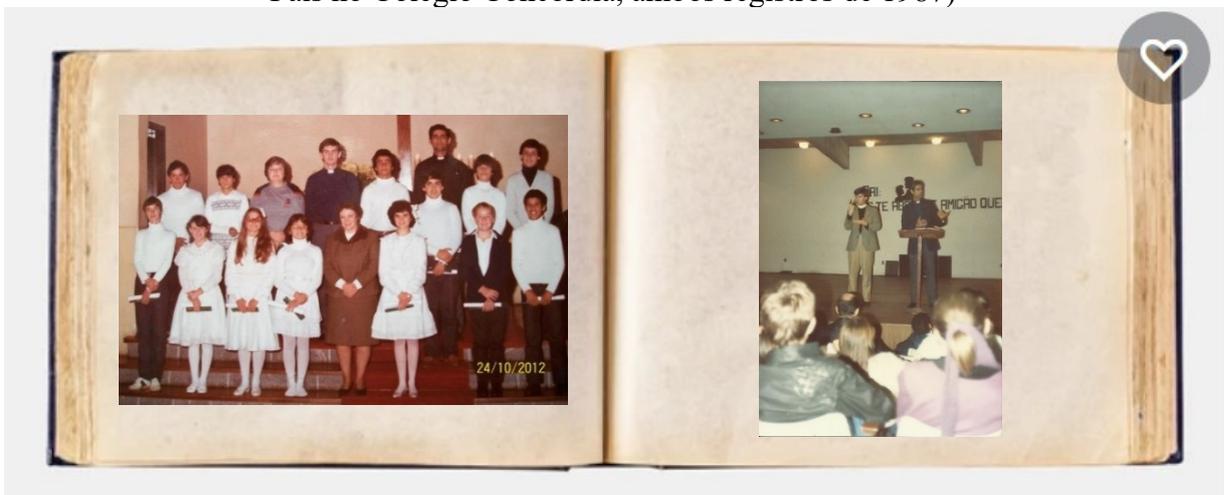
Estudou no *Central Institute for the deaf* em Saint Louis, Missouri, nos EUA. Entre os livros que escreveu estão “Manual de Confirmação para alunos surdos”; o livreto “Estou no hospital”; amigos do rei. Traduziu a série “John of Beverly” de educação religiosa para alunos surdos; traduziu e adaptou quatro livros da série “Histórias da Bíblia” para aulas de ensino religioso. Foi Coautora de capítulos de livros, entre eles “Linguagem de Sinais do Brasil (1983). (MESSAGEIRO LUTERANO, 2012, p. 30).

O trabalho de Naomi como referência na educação de surdos não se dava apenas como professora de religião, mas também como tradutora de livros. Podemos compreender que, como mestre de Ely e Ricardo Sander, Naomi Hoemann contribuiu para desenvolver as competências de tradução da Bíblia para a língua de sinais, dos ensinamentos religiosos

adaptando à comunidade surda local. Os surdos, por muitos anos reféns do preconceito, segregados da sociedade pela falta de língua em comum a partir de ações reais, de projetos de vidas dedicados a essa causa, sustentados por uma filosofia religiosa e científica, configuraram-se como a formação não só de novos educadores que aceitaram a língua de sinais, mas também de intérpretes da língua de sinais.

Para ilustrar esse trabalho, apresentamos a seguir duas fotos desse período. Na primeira, Ely Prieto e Ricardo Sander compõem um conjunto de pessoas em pé em frente à igreja. Os jovens de roupa branca são surdos que participavam de uma cerimônia de confirmação na igreja e ao centro a professora Naomi Hoemann, referência como educadora e tradutora. Na segunda foto (da direita), Ely estava proferindo uma pregação, em 1987, no dia dos pais e Ricardo Sander desenvolvendo a interpretação simultânea para a língua de sinais. Essa parceria durou alguns anos, até que Ely Prieto foi para os Estados Unidos continuar seus estudos.

Figura 11 - Álbum de fotografia página 1 (Foto da esquerda pastores em cerimônia de Confirmação na igreja luterana e foto da direita sermão interpretado em atividade do Dia dos Pais no Colégio Concórdia, ambos registros de 1987)



Fonte: Acervo pessoal de Ricardo Sander cedido para esta pesquisa.

O registro mais antigo que encontramos de Naomi foi a foto de inauguração da sede própria da Escola Especial Concórdia. Nessa ocasião aconteceu a apresentação do Coral em Libras com alunos. A professora Naomi Hoerlle Warth foi a regente dessa apresentação. Esse fato já indica a sua atuação também com a interpretação de músicas de português para a Libras nos anos de 1970. A seguir apresentamos uma foto desse evento. Naomi está ao centro da capela regendo alunos surdos de diferentes idades.

Figura 12 - Foto do coral em língua de sinais do colégio Concórdia



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3757928444220641&set=pb.100000105684939.-2207520000..&type=3>. Acesso em: 03 jan. 2023.

“No dia 10 de dezembro de 2011 [...] foi prestada uma homenagem à serva Naomi Horlle Warth, onde foi entregue uma medalha chamada *Servus Domini*. [...] que significa “Servo do Senho). A partir das narrativas e indicações de Ricardo Sander e Ely Prieto, podemos considerar Naomi Horlle Warth uma pioneira na interpretação para a Libras, na defesa da educação das pessoas surdas por meio da língua de sinais. Ela também foi homenageada em 1991 pela Assembleia Legislativa/RS; recebeu medalha “Educador Emérito” do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (1992); recebeu o Prêmio “Mulher Destaque” do Clube Soroptimista (1988); recebeu a medalha “John of Beverly” da ILDA/ Fundação Mill Neck, Nova Iorque, EUA (1977).

Figura 13 - Foto de Naomi Horlle Warth com a medalha recebida



Fonte: Mensageiro Luterano (2012, p. 30).

Ely narra suas diversas viagens, cursos e oportunidades de aprender mais sobre a língua de sinais, assim como a importância da Escola Concórdia para a promoção do intercâmbio entre diferentes educadores e a emergência da língua de sinais como uma das práticas mais inovadoras para a época.

Quadro 12 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto

A escola especial concórdia começou a oferecer seminários para a América Latina. Já em 1985 teve um seminário de educação religiosa para surdos, veio gente de todo o Brasil e também da América Latina, do Chile, da Argentina, do Uruguai.

Naquele momento a escola especial Concórdia era uma escola de ponta. Nesse sentido, nós estávamos treinando pessoas já para trabalhar com surdos. Eu já estava formado, também Ricardo já tinha estudado nos Estados Unidos, já tinha voltado. Aí Ricardo foi palestrando e eu fui palestrante, foi a primeira vez que tivemos tradutores num encontro desses. [...] Naquela época esse trabalho era voluntário, não se ganhava nada por isso.

Fonte: Entrevista TILS Ely Prieto – 25-01-2021 - Tomada 1 - Vídeo 1 - 32:10.

A formação mencionada por Ely é a formação teológica como pastor. Quando ele trata da aprendizagem da língua de sinais, das questões culturais da comunidade surda e dos modos de trabalhar com esse grupo minoritário emprega a palavra “treinamento”. Ou seja, fica evidente o embate entre a formação como intérprete pela vivência e pela ação intuitiva, observando outros atuando e modos de organização de eventos. Considerando que as nossas aprendizagens se dão pela experiência e pela ressignificação dessa experiência. Podemos pensar, portanto, outra evidência, a formação dos intérpretes pela prática, como mencionado no próximo excerto na entrevista de Ely.

Quadro 13 - Transcrição de excerto da entrevista de Ely Prieto

Depois a Feneis começou a participar de congressos mundiais, por exemplo a Regina veio para Finlândia [1987]. Eu fui o tradutor oficial dela na Finlândia. Então, eu fui para o congresso mundial na Finlândia e fui traduzir o congresso praticamente só para a Regina. Porque para ser o tradutor internacional você tem que falar uma das línguas faladas no congresso. Você deve saber mais ou menos como funciona isso. Por exemplo, eu participei do congresso mundial de surdos na Itália [1983]. Então, o país que sedia o congresso, uma das línguas oficiais é a língua do país que sedia. Então, na Itália havia quatro línguas que são faladas simultaneamente, a língua oficial do país, que no caso da Itália é italiano e aí eles oferecem três outras línguas que seria o inglês, o alemão e o francês. Quer dizer, o tradutor que traduz em qualquer país ele vai ter que falar uma dessas línguas.



Fonte: Entrevista TILS Ely Prieto – 25-01-2021 -Tomada 1 - Vídeo 1 – 41.29.

Consultamos a relação de congressos organizados pela federação mundial de surdos (*World Federation of the Deaf* - WFD) e no dia 28 de junho a 6 de julho 1983 o 9º Congresso Mundial da Federação Mundial de Surdos¹⁷ aconteceu em Palermo na Itália com o tema

¹⁷ “O Congresso Mundial da Federação Mundial de Surdos é realizado a cada quatro anos desde 1951. Organizado pela WFS e pelo país anfitrião, este evento tem a participação de milhares de surdos de todo o mundo. Para além da convocação da Assembleia Geral que orienta os próximos quatro anos da sua

“Surdez hoje e amanhã: realidade e utopia”. Nesse evento, Ely menciona ter assistido como participante. Por sua vez, no congresso seguinte, o 10º Congresso Mundial da Federação Mundial de Surdos, ocorreu de 20 a 28 de julho de 1987 em Espoo, Finlândia, com a temática “Um mundo - Uma responsabilidade”. Nesse evento, Ely participou como intérprete acompanhando a pessoa surda líder do Brasil, Ana Regina Campello.

Ely menciona também que a participação nesses eventos era financiada pela Feneis mediante a solicitação e verba federal que custeava as passagens de um representante surdo e seu intérprete brasileiro. Assim, a Feneis indicava quem seria o intérprete a desenvolver esse trabalho. É importante destacar que os intérpretes mencionados e que tiveram a oportunidade de desenvolver essas atividades em eventos internacionais, além do português e a Libras, também tinham competência para trabalhar com o inglês, principalmente. Destacamos esse fato, pois, no Brasil, já havia outros intérpretes atuando localmente nas associações e clubes de surdos, mas talvez não tivessem essa desenvoltura linguística e cultural para atuação em um congresso internacional.

Conseguimos compreender a amplitude e a profundidade da vida dos que atuavam como intérprete em tempos de falta de formação, muitas vezes sendo criticados e desqualificados pelo que faziam e acreditavam, por trabalharem com língua de sinais em tempos que a língua falada (português) tinha maior peso na educação de surdos. Essas práticas interpretativas se formam em processos pelos quais as vidas humanas se constituem e se determinam, em que os sujeitos surdos e ouvintes se percebem em relação a si e ao outro.

Retornando à entrevista com Ângela, ela ainda cita outros acontecimentos em sua constituição como intérprete que a marcaram significativamente. Um dos exemplos citados por ela foi o convite para a participação como intérprete no Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos em 1999.

atividade, o congresso é a ocasião para uma vasta programação cultural, incluindo peças de teatro, cinema, exposições, artes performativas e visitas locais de interesse”. Disponível em:

https://pt.frwiki.wiki/wiki/F%C3%A9d%C3%A9ration_mondiale_des_sourds#Congr%C3%A8s_mondial.

Acesso em: 03 jan. 2023.

Figura 14 - Carta convite



FENEIS

Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

Filiada a WORLD FEDERATION OF THE DEAF
Utilidade Pública Estadual Lei N° 2293/07/94 - RJ
CGC (MF) N° 29.262.052/0004-18
Registro do Conselho Nacional de Assistência Social / M.B.E.S. N° 28990014272/94
ESCRITÓRIO REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL:
Rua Vicente da Fontoura, 2630 Sala 203 - Petrópolis
90640-002 - Porto Alegre -RS - Brasil
Tel / FAX/ TDD: (051) 330 2933



Queridos colegas e amigos intérpretes

Espero que vocês estejam bem, com saúde, paz e esperança para este novo ano.

Esta carta tem por finalidade de agendar um final de semana para um retiro, para estudo e treinamento das palestras do V Congresso de Educação Bilingue.

O evento se chama V Congresso Latino Americano de Educação Bilingue para Surdos, a ser realizado no Salão de Atos da UFRGS/POA de 21 a 24 de abril próximo.

Vocês, os intérpretes, foram escolhidos pela sociedade surda da capital e pessoal da FENEIS/RS. Isto significa, confiança da parte deles no vosso trabalho e por parte de vocês, comprometimento para com a causa.

O serviço de intérprete será pago pela FENEIS.

Estou com todas as palestras do Congresso. Pretendo, dentro do possível, distribuir as palestras antes do retiro, se conseguir encontrar vocês.

Para responder: sugiro duas datas para um retiro 13/14 de março ou 27/28 de março.

Qual é a melhor data para vocês? A data mais votada deverá ser aceita pelos perdedores.

Local? Ainda não temos local. Mas sugiro um local diferente do nosso cotidiano. Talvez uma casa na praia(?) ou em Caxias(?) ou outra sugestão. (Penso que as praias do nordeste brasileiro ficariam um pouquinho longe).

Os intérpretes do Congresso são os seguinte:

- 1) Mônica
- 2) Klaus
- 3) Lodi
- 4) Ronice
- 5) Regina
- 6) Sandra
- 7) Marco
- 8) Wagner
- 9) Angela
- 10) Márcia
- 11) Ricardo

Obs: A Geralda, de Minas Gerais, também vai atuar como intérprete de espanhol – LIBRAS e de português – LIBRAS. Ela virá como intérprete do presidente da FENEIS. Os textos das palestras que ela vai traduzir estão sendo enviados para ela. O Luis Fernando, da FENEIS/RS vai atuar como intérprete na recepção do Congresso. Nós, os demais, iremos suar no auditório.

Beijos para todos.

Por favor me respondam. Não tenho e-mail de todos, assim passem estas informações adiante, para que todos os convocados possam me responder em tempo, até a data limite de 23 de fevereiro. Muito obrigado.

Ricardo Sander

Fonte: Acervo pessoal de Ângela Russo cedido para esta pesquisa.

Ângela apresenta os nomes dos intérpretes que compuseram essa equipe de trabalho tão importante para a sua constituição profissional, assim como indicado na carta (documento recebido por ela).

Quadro 14 - Transcrição de excerto da entrevista de Ângela Russo

A Feneis chamou surdos para que eles escolhessem quais intérpretes iam participar. Eu tenho a carta. Olha aqui ó a carta para atuar no evento. Nessa primeira carta é assim: Você foi escolhido. (garagalhadas)

Olha a lista: Monica Duso de Oliveira, Claus, Lodenir Karnopp, Ronice, Regina Maderon, Sandra Angelin, Marco de Seil, o falecido Wagner, eu, a Marcia Lunardi e Ricardo Sander. Além disso tinha a Geralda que é outra pessoa que não se pode esquecer de falar da Geralda. A Geralda é intérprete de Minas Gerais que acompanhava o Antônio em tudo que era lugar que ele ia.

Fizemos um retiro para estudar os materiais. Carlos Alberto e André Reichert também foram, eram os consultores surdos. Todos esses intérpretes participaram do curso de 1997 e esses surdos também foram professores desse curso. Fizemos o retiro para estudar os materiais.

Fonte: Entrevista TILS Ângela Russo - Tomada 1 - 03.06.2020 - Vídeo 1 - 28:59.

Ângela está mencionando o espaço do V Congresso Latino-Americano de Educação Bilingue para Surdos, em abril de 1999, na cidade de Porto Alegre/RS/Brasil, intitulado *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos*. Apesar do “retiro”, como mencionado por Ângela, como um espaço prévio de preparação para a interpretação, muitas coisas não estavam previstas e os intérpretes aprendiam a interpretar interpretando. Porém, ela ressalta que havia um sentimento de parceria de ação para o bem comum. O discurso inicial da carta é bem afetivo: “*Queridos colegas e amigos intérpretes*”. Seguido de “*Vocês, os intérpretes, foram escolhidos pela sociedade surda da capital e pessoal da Feneis/RS. Isto significa, confiança da parte deles no vosso trabalho e por parte de vocês, comprometimento para com a causa*” (excerto da carta convite).

“O mundo dos signos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93) nos constitui, pois “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). É pelo signo que formamos as ideologias. Assim, “tudo o que é ideológico possui significação sgnica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93), que se realiza em certo material, como a cor, o som, o gesto, etc. Assim, evidenciamos nesse documento, a carta convite, o signo ideológico que coloca os intérpretes em posição de escolhidos, do trabalho da interpretação com uma responsabilidade em relação a qualidade para a execução da tarefa de interpretação, mas também do envolvimento com a causa surda, lutando em conjunto para alcançar as reivindicações do movimento surdo, atribuindo aos intérpretes o pertencimento à comunidade surda.

Nesse evento foi produzido também um importante documento conhecido como *A educação que nós surdos queremos*, por lideranças surdas durante o pré-congresso que antecedeu o V Congresso. Segundo Lopes (2011, p. 33), apresentava esclarecimentos acerca da “forma como os surdos gostariam de ser narrados; diretrizes surdas para educação (desde a educação infantil); discussões acerca da Língua Brasileira de Sinais; o direito a intérpretes e a necessidade do reconhecimento, pelo Estado, da LIBRAS como uma língua oficial”.

A fim de contextualizar o período histórico do evento e das lutas das comunidades surdas Lopes e Thoma (2016) analisaram os documentos produzidos no evento, bem como aqueles posteriormente influenciados pelo evento.

Analisar os discursos sobre a educação bilíngue para surdos que circulavam no final dos anos de 1990, verificamos como recorrência discursiva a proposição, por parte das produções daquele período, do ensino da língua de sinais na primeira infância como justificativa para o desenvolvimento e aprendizagem de sujeitos surdos bilíngues. Para tanto, os discursos também orientam a necessidade das famílias receberem instruções e formações quanto a língua de sinais sob a argumentação de que o espaço familiar é o primeiro contexto bilíngue em que as crianças surdas estão inseridas. Outra recorrência discursiva trata do lugar da língua de sinais como a primeira língua das crianças surdas e a língua escrita, como segunda língua a ser desenvolvida no contexto escolar (LOPES; THOMA, 2016, p. 10-11).

Assim, os intérpretes foram se constituindo em meio a esses discursos de luta e de reivindicação por uma educação bilíngue. O significado do fazer não era apenas uma atividade técnica, mas sim uma ação humana, de alta importância para as crianças surdas e toda uma comunidade historicamente negligenciada e discriminada.

Apresentamos a seguir fotos do “retiro” com os intérpretes e os consultores surdos reunidos e logo em seguida os intérpretes atuando no evento.

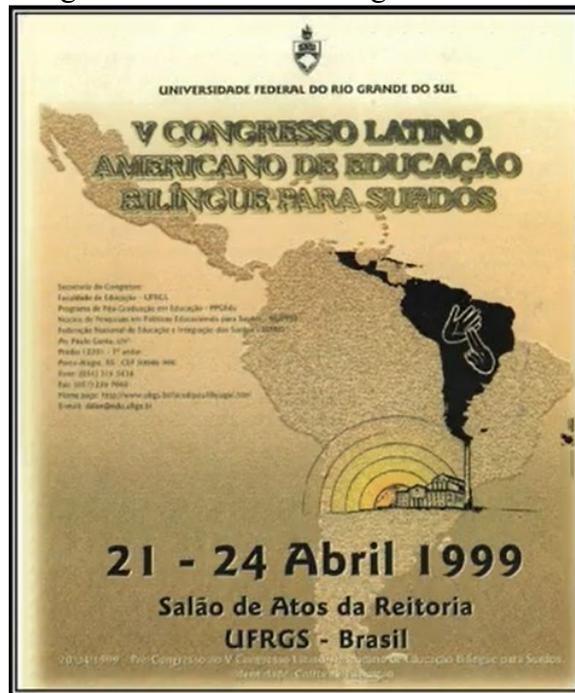
Figura 15 - Álbum de fotografia página 2 (Foto da esquerda: “retiro” de preparação dos intérpretes; foto da direita: intérpretes no Congresso de 1999)



Fonte: Acervo pessoal de Ângela Russo cedido para esta pesquisa.

A imagem do Congresso é “emblemática” e mais que um folder, tornou-se um ícone apresentando o mapa da América Latina e o desenho da Usina do Gasômetro (importante ponto turístico de Porto Alegre, localizado na orla do Rio Guaíba), sobreposta com duas mãos.

Figura 16 - Cartaz do Congresso de 1999



Fonte: <https://www.dailymotion.com/video/xmgus2>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Ângela também cita dois surdos como professores, consultores e que compunham a equipe de intérpretes, são eles: Carlos Alberto e André Reichert. A Figura 17 apresenta a

equipe de professores do curso de formação de intérpretes realizada no ano de 1997. Ano que antecedeu o Congresso Latino-Americano.

Figura 17 - Álbum de fotografia página 3 (Fotos da esquerda e da direita: professores do curso de intérpretes realizado em parceria pela Feneis e pela UFRGS, em 1997)



Fonte: Acervo pessoal de Ângela Russo cedido para esta pesquisa.

Na foto, da esquerda para a direita, os professores do curso: Carlos Skliar, Ronice Quadros, Ricardo Sander, Carlos Alberto e André Reichert. Historicamente, estes personagens vão se constituindo como referências para os novos intérpretes. Na segunda foto, os professores Ricardo Sander, Carlos Alberto e André Reichert conversam sobre uma dinâmica que estavam aplicando no curso de 1997. Na continuidade da entrevista, Ângela revela como “surgem” os primeiros intérpretes e de “onde vem” esse “ser intérprete”.

Quadro 15 - Transcrição de excerto da entrevista de Ângela Russo

Tinha o pessoal que tinha mais experiência, como o Ricardo e a Lodi. A própria Sandra, e a Ronice ficavam muito nas palestras das pessoas internacionais. A gente só com uma ou com outra internacional para não ficar tão pesado. Porque também tinha isso, era um evento que tinha português, Libras, ASL, inglês-português e espanhol-português, nesse aspecto também teve um aprendizado porque tudo era muito novo, hoje a gente fala ok! Mais um, né!?Tinha a experiência que o Ricardo tinha trazido de fora, que a Ronice e a própria Lodenir. Mas, a gente que era daqui, a gente não tinha muita experiência, a gente tinha acabado de sair do curso.

Fonte: Entrevista TILS Ângela Russo - Tomada 1 - 03.06.2020 - Vídeo 1 - 33:56.

Ângela conta que o curso de 1997 (curso de 80 horas) foi seu primeiro curso e antes disso os mais “experientes” foram se constituindo em experiências práticas. Ela ressalta que “*tinha trazido de fora*”, expressão essa que remete ao exterior, às viagens internacionais desses intérpretes. É importante mencionar que a vida nos anos 1980 era bastante diferente, principalmente, em relação ao intercâmbio internacional, à comunicação com outros países. Ângela contrapõe com “*a gente que era daqui*”, que indica que os intérpretes tinham pouco acesso à materiais e cursos, como também a viver experiências de interpretação como já acontecia em outros países.

Geralda também participou do evento, reconhecida como a intérprete de Antônio Campos de Abreu. Na Figura 18, apresentamos um recorte de jornal em que é publicada uma matéria sobre um seminário, destacando Geralda na mediação de língua de sinais e português.

Figura 18 - Recorte do jornal Correio do Povo



Fonte: Acervo pessoal de Geralda Eustáquia Ferreira cedido para esta pesquisa.

Era comum essa correlação do intérprete com os surdos. Geralda era, por exemplo, reconhecida como a intérprete do Antônio. Esse fato deu-se pelo conhecimento referencial ao que o sujeito surdo falaria, ao conhecimento de mundo em comum e aos sinais convencionados localmente (cidade de origem do surdo). Era habitual os surdos levarem os

seus intérpretes ou escolherem os intérpretes para interpretar sua fala, mediante também a escassa formação dos que assumiam esse papel em outra cidade, sentiam-se mais seguros ao levar seu intérprete pessoal.

Na carta convite, Geralda é mencionada como a intérprete que atuaria também com a língua espanhola: “*Obs: A Geralda, de Minas Gerais, também vai atuar como intérprete de espanhol – LIBRAS e de português – LIBRAS. Ela virá como intérprete do presidente da Feneis. Os textos das palestras que ela vai traduzir estão sendo enviados para ela*” (excerto da carta convite). Interessante perceber que no documento a especialização do profissional está no trabalho com as línguas de domínio. Por outro lado, no discurso falado, Geralda é mencionada como a intérprete do Antônio (surdo).

Outro intérprete bastante ativo no Congresso é Ricardo Sander. Ângela o menciona como seu professor e que assina a carta convite para sua experiência prática em um evento de tamanha importância. Então, Ricardo Sander, em sua entrevista nos revela de “onde vêm” esse conhecimento prático. Ele cita ter participado de evento em 1989 muito significativo para sua constituição como intérpretes de Libras. Abaixo apresentamos um excerto da entrevista.

Quadro 17 - Transcrição de excerto da entrevista de Ricardo Ernani Sander

Esta foto é um dos raros recortes que eu tenho do The Deaf Way, Evento cultural de língua e de cultura, celebração de língua e cultura nos Estados Unidos em julho de 1989. 1989. E esta é uma das salas onde houve minicursos ou minipalestras [...]. Neste evento Antônio de Abreu, Ana Regina Sousa Campelo e também o professor Fernando Valverde foram juntos, eu fui junto com eles. Foi patrocinado pela Feneis do Brasil e nós fomos por uma semana neste evento. o sinal é “SURDO W”. Anos mais tarde, a forma surda de ser, de ver, de existir. Por isso Deaf Way. E foi muito celebrado porque muitas discussões de várias áreas, não só linguísticas, mas educação, cultura, artes, muita arte. Então, foram um dos momentos que eu interpretei. Foi um momento de grande aprendizado para mim, foi uma construção, foi uma faculdade. Eu já tinha visto nos outros anos que eu morei lá e que viajei bastante em escolas para surdos, em associações, em igrejas para surdos, igrejas que trabalhavam com surdos, e surdos com formação. Eu já tinha visto muita coisa, o avanço a época, não só dos intérpretes, mas da própria comunidade surda em si.



Ricardo Sander cita essa viagem como um grande aprendizado com os próprios surdos brasileiros. A foto da esquerda do álbum o mostra com três surdos: Fernando Valverde, Ana Regina e Antônio Campos em um passeio pela cidade. Já na segunda foto observamos a sala do evento em que ele estava interpretando.

Figura 19 - Álbum de fotografia página 4 (Foto da esquerda: participantes brasileiros surdos e ouvintes nos Estados Unidos; foto da direita: tirada dentro de uma das salas do “The Deaf Way 1989”).



Fonte: Acervo pessoal de Ricardo Sander cedido para esta pesquisa.

Ricardo narra suas diversas viagens e oportunidades de aprender mais sobre as comunidades surdas, assim como os trabalhos de interpretação. Toda essa bagagem o faz ser reconhecido como o intérprete “predileto” de muitos surdos naquele período e para interpretação em eventos, principalmente, internacionais. Ele próprio tem uma hipótese das razões de ter sido escolhido pela comunidade surda para ser o intérprete de alguns desses eventos, mencionando as suas habilidades com a língua e a sua conduta ética.

Essa é a visão dele sobre as razões de ser escolhido para tal tarefa. Essa interpretação pessoal foi construída pautado no que os surdos lhe diziam, no vivenciamento que teve nesse evento internacional. Ricardo posiciona-se surpreso e lisonjeado pela confiança depositada em seu trabalho. Segundo Bakhtin,

[...] esse ou aquele vivenciamento interior e o todo da vida interior podem ser experimentados concretamente - percebidos internamente - seja na categoria do eu-para-mim, seja na categoria do outro-para-mim, isto é, como meu vivenciamento ou como vivenciamento desse outro indivíduo único e determinado. [...] O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso

praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que não pode completar-se. (BAKHTIN, 2010, p. 22-23).

Ricardo já se identificava como intérprete de Libras e português. A partir deste evento, também passou a ser considerado intérprete de inglês e alemão para a Libras. Sua identidade de intérprete foi sendo construída por suas ações e pelas pessoas surdas com quem convivia, na alteridade. Nessas relações foi narrado e narrou-se intérprete. Os eventos também nos constituem e marcam um tempo específico que discursivamente nos colocam em acontecimentos em relações com outros sujeitos que na extraposição internalizamos “o que somos”. Ele diz que “[f]oi um momento de grande aprendizado para mim, foi uma construção, foi uma faculdade”. Ricardo, metaforicamente, relaciona o evento com uma faculdade dada a grandeza do aprendizado.

Ao narrar sobre o seu aprendizado como intérprete, menciona o modelo que teve dos intérpretes dos Estados Unidos da América, ressalta os valores da época, tais como: simplicidade, humildade e ética.

Quadro 16 - Transcrição de excerto da entrevista de Ricardo Ernani Sander

A forma como os intérpretes atuavam, de forma simples, humilde, ética. Uma simplicidade, nada de discussões. Embora eu tenha visto e ouvido questões de política dentro da federação dos intérpretes. Me marcou profundamente, então, a época eu fui muito privilegiado por poder ir com esses 3 surdos que eram surdos famosos, conhecidos no Brasil, ainda hoje, [...] Mas, eu ser escolhido para ir com eles, vocês imaginam o orgulho para mim, a responsabilidade, [...]

Eu sabia por que eu tinha estudado nos Estados Unidos, eu tinha esse privilégio, eu tinha já viajado para a Europa. Em 84 fiquei um mês lá e tudo isso abre a cabeça da gente, você começa a ver coisas que a época não tinha acesso. Hoje em dia você clica em um botão e você pode ver qualquer parte do mundo, você pode conhecer línguas, você pode ouvir música, adquirir um livro. Então, pelo fato de eu saber alemão, inglês, especialmente, inglês abriu muito as portas para mim. Claro que junto estava Libras e português, e eu comecei a ter contato com Libras aos 20 anos de idade.

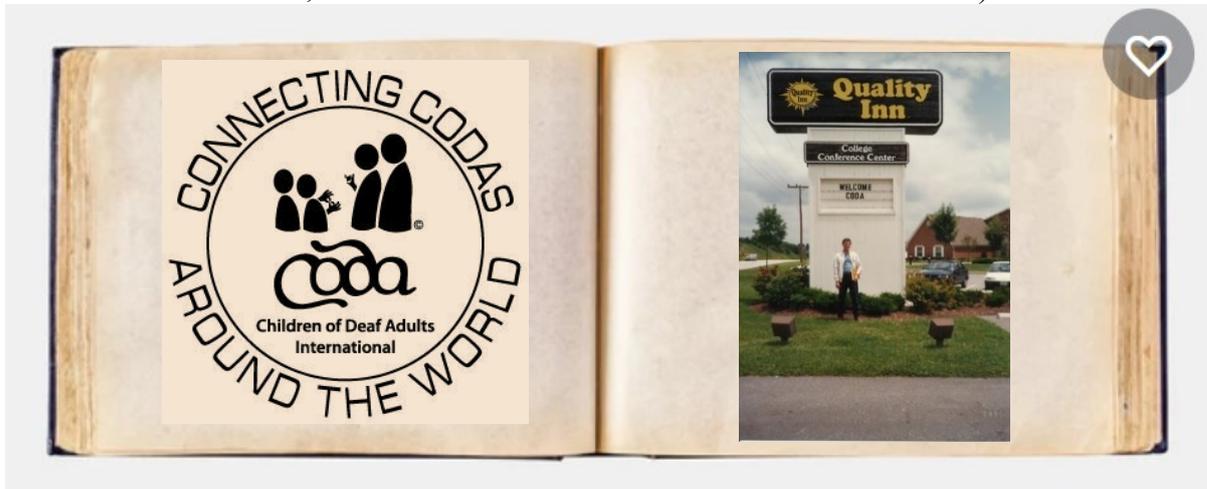


Dentre as viagens internacionais, Ricardo, rememorando suas experiências, cita um evento, a VI Conferência Nacional dos Codas, de 15 a 18 de julho de 1989 realizada no Auditório *College Conference Center do Hotel Quality Inn, MD*, EUA. Esse registro está em outro documento, a tese de doutorado de Ricardo Sander (2020) narra essa aventura e suas referências como intérpretes. Os filhos de surdos atuavam como referência em interpretação de línguas de sinais.

Na sequência, após o término do *The Deaf Way*, recebi o convite do professor da Universidade Gallaudet, também Coda, Eli Savanick, já falecido, para participar do Congresso Internacional dos Codas (1989). Foi uma honra para mim poder assistir a este evento. Um dos principais palestrantes convidados para o Evento foi o Coda Louie Fant, cujo título da sua fala foi “Blessings from My Parents’ Deafness” [Bênçãos da surdez dos meus pais], na qual fala do orgulho de ter pais surdos e da sua pessoa enquanto Coda.[...] Olhando para meu passado, no evento dos Codas de 1989, nos Estados Unidos da América, e somando à minha trajetória profissional na área dos surdos, reconheço a honra em ter participado como único brasileiro presente nesse encontro tão singular, cuja especificidade dos Codas me fez descobrir parte da minha subjetividade pessoal e profissional. É um olhar que dá início a novas compreensões, também na aceitação da minha constituição bilíngue. [...]. Aqui, lembro de um dos postulados de Arfuch (2010, p. 62) em relação ao espaço biográfico, pois, “[...] parte de uma decisão epistemológica, da não coincidência essencial entre autor e narrador”. Ao contrário dessa afirmativa, posso dizer que a minha trajetória epistemológica e profissional não é por acaso, nem da não coincidência. Há uma atuação constante na área e encontros diretamente ligados ao crescer bilíngue, educação bilíngue, educação de surdos, atuação na área da tradução/interpretação de Libras e pesquisa na área dos Codas. (SANDER, 2020, p. 18-20).

Ricardo narra a si como um sujeito bilíngue que se identifica com as questões linguísticas e sociais enfrentadas pelos ouvintes filhos de pais surdos. Ser bilíngue e a sua língua de herança, a língua da sua família, ser desprestigiada socialmente fere profundamente a sua confiança linguística. Novamente, na alteridade, na relação com os Codas, Ricardo se constitui como intérprete de Libras em busca de novas referências. Cita, então, Eli Savanick e Louie Fant como referências como intérpretes. Na página do álbum a seguir, apresentamos o logotipo da organização *Children Of Deaf Adults* e a foto do Ricardo em frente ao hotel onde aconteceu o evento.

Figura 20 - Álbum de fotografia página 5 (Foto da esquerda: apresenta a logomarca da entidade; foto da direita: com o TILS Ricardo Sander em frente ao local do congresso de Codas, realizado nos Estados Unidos da América em 1989)



Fonte: Acervo pessoal de Ricardo Sander cedido para esta pesquisa.

Em estudos antropológicos sobre a formação das comunidades surdas no Brasil e a construção do “personagem” intérprete de língua de sinais em diferentes cenários, Ricardo Sander é considerado um dos agentes fundamentais.

Sander é o pioneiro modelo, que ainda nos anos 1980 atuou sistematicamente em diversas instâncias da sociedade brasileira disseminando a comunicação total na qual os sinais são elementos importantes. Tornou-se famoso por sua interpretação pioneira do hino nacional. É o tradutor do código de ética dos intérpretes, originário dos Estados Unidos da América, posteriormente publicado no site da FENEIS, em O clamor do silêncio de 2002, na apostila de formação de Arriens e em Quadros (2004). Mais recentemente, foi o grande articulista político para a fundação de associações estaduais de intérpretes e a fundação da federação nacional (FEBRAPILS) da qual é presidente, esta filiada à Federação Mundial dos Intérpretes de Língua de Sinais, processo de filiação em que foi mediador chave. Além disso, foi um militante fervoroso e vitorioso no reconhecimento jurídico da profissão". (SILVA, 2012, p. 14).

Podemos concluir que Ricardo é influenciado por seus múltiplos outros que construíram ações, que o tocaram e o afetaram de alguma forma em toda a sua história de vida. Assim como ele, Ângela Russo é lembrada por toda sua atuação em diferentes instancias políticas, pois fez/faz parte da formação de muitos outros intérpretes no país, como mencionado também na entrevista por Ricardo, que a considera sua aluna e amiga.

Além de Ricardo, Geralda também relata ter aprendido muito com os surdos em eventos, reuniões e situações cotidianas. Esse ponto é bastante similar em todas as entrevistas. Os profissionais que queriam transformar sua prática se beneficiavam imensamente do apoio de intérpretes mais experientes e, na ausência desses, dos próprios surdos para quem

interpretavam. Geralda relata, por exemplo, que em Belo Horizonte (MG), teve como primeiro mestre Antônio Campo de Abreu (surdo), conhecendo-o em uma festa na escola de surdos em que ela trabalhava. Por anos teve contato com os surdos da cidade, envolvendo-se com a associação de surdos, aprendendo Libras pela imersão nessa comunidade. Depois, morou no Rio de Janeiro, na casa de com Ana Regina Souza Campello, por um ano para cursar a especialização em Educação de Surdos pelo INES/RJ, o que possibilitou aprimorar a sua língua de sinais, experienciando situações de interpretação Libras e português.

Quadro 17 - Transcrição de excerto da entrevista de Geralda Eustáquia Ferreira

Mato Grosso do Sul Shirley. É me convidou para um mês na universidade e pra ajudar a implantar a comunicação total. Naquela época a comunicação total era o “boom” né era o “must” e ai, vamos lá. Ficamos lá, Corumbá, fronteira com a Bolívia, Mato Grosso... do Sul, Campo Grande, vivendo aquelas coisas de índios surdos né foi assim uma.. foi fantástico. Enquanto isso, acompanhando Shirley, Ana Regina, Fernando Valverde, Antônio Campos principalmente, nessas incursões que eles faziam em... no Brasil inteiro [...]. E... mas eu aprendi muito língua de sinais: foi o meu grande mestre. [...] Assim, segurou as pontas quando eu tava debilitada, [...] com o braço quebrado, chorou comigo nas minhas dificuldades pessoais, chorei com ele... [...]o Antônio ele foi o grande mestre né e eu tenho muito que agradecer, porque ele me estimulou, ele me corrigiu, me chamou a atenção [...]. E isso me possibilitou a conhecer muito. [...] Nós conhecemos basicamente o Brasil de A a Z. E vimos a riqueza cultural sendo passada pros surdos [...] Isso é vitória. Não nossa, mas, a gente ver que num mundo tão grande de ouvintes as pessoas surdas, mesmo sendo minorias, lutaram muito pra alcançar o que elas alcançaram hoje. Fazer parte desse caminhar é uma coisa que me deixa muito feliz né... me... eu me valorizo por isso [...] pelas minhas pelezas, pelas minhas aflições né. E isso... [...] nada paga. [...] outra coisa que eu acho que... que é bacana pra ser colocada é que nesses lugares aonde a gente chegava, a gente encontrava surdos sempre com uma “muletinha”, entre aspas, chamada assim “esse é meu amigo, ele ouve, ele não é surdo-mudo não”. E... a... nós ainda não sabíamos que é esse “amiguinho”, essa “bengala”, hoje é o intérprete.



Geralda, neste excerto, relembra algumas viagens e nomes de surdos importantes na sua constituição como intérprete de língua de sinais. Menciona uma aproximação especial com Antônio Campos de Abreu, que foi presidente da Feneis pelo contínuo contato e diferentes experiências vividas. Aprendendo não só a língua de sinais, mas a atividade de interpretação simultânea.

Nesse contexto histórico de valorização da língua oral e da resistência das comunidades para o uso da língua de sinais, a educação, principalmente, passa a incorporar os sinais no ensino, utilizando a abordagem denominada Comunicação total. Era bastante comum o uso de sinais associados a fala. Ciccone (1990, p. 07 e 53) afirma que:

[...] dessa maneira, seja pela linguagem oral, seja pela de sinais, seja pela datilologia, seja pela combinação desses modos que, porventura, possam permitir uma comunicação total, seus programas de ação estarão interessados em “aproximar” pessoas e permitir contatos.

Facilitar ao surdo sua integração efetiva na comunidade em que ele vive, e na sociedade em que deve participar, com direitos e deveres; respeitada sua diferença, oferecendo-lhe as condições adequadas ao seu bom desenvolvimento psicolinguístico, facilitando-lhe, assim, o acesso ao saber daquela sociedade, através de um programa escolar eficiente.

A Comunicação total para a época foi um avanço. Geralda, que também trabalhava na educação, forma-se não só pela convivência com as comunidades surdas, mas também pelas leituras que desenvolvia da literatura internacional. Nesse sentido, Geralda vale-se de metáforas para se referir ao intérprete de língua de sinais: *“que é bacana pra ser colocada é que nesses lugares aonde a gente chegava, a gente encontrava surdos sempre com uma “muletinha”, entre aspas, chamada assim “esse é meu amigo, ele ouve, ele não é surdo-mudo não”. E... a... nós ainda não sabíamos que é esse “amiguinho”, essa “bengala”, hoje é o intérprete. Como na Comunicação total a língua de sinais é vista como um recurso, um apoio, algo provisório até o surdo adquirir a fala oral, ela denomina o intérprete como “muletinha”, “bengala” e “amiguinho”. Pode-se dizer que a visão que se tinha sobre os intérpretes estava associada a um recurso, a um suporte para um momento de interação.*

Assim, com a Comunicação Total, embora os sinais tivessem sido admitidos à escola para auxiliar a aquisição da língua falada e escrita, e não como uma língua em seu próprio direito, a língua falada sinalizada não parecia mais suficiente para a comunidade que acabava de abrir os olhos à riqueza da Língua de Sinais. Ainda mais agora que dados experimentais haviam se acumulado o suficiente para fornecer um arsenal de razões concretas para questionar metodologicamente a prática exclusiva da língua falada sinalizada em sala de aula e para considerar seriamente a perspectiva do Bilinguismo. (CAPOVILLA, 2001, p. 1486).

Os surdos mencionados na narrativa da Geralda são os líderes da Feneis, que também incorporam as discussões internacionais para o reconhecimento da língua de sinais e apontando para uma educação bilingue, assim como reivindicando intérpretes para a mediação entre surdos e ouvintes em diferentes esferas da sociedade.

Geralda foi uma educadora bastante curiosa e participativa, envolvendo-se em diferentes eventos e oportunidades de formação. No ano de 1990 ela envia um trabalho para o 17º Congresso Internacional de Educação de Surdos de Rochester em Nova York – EUA (*17th International congress on education of the deaf in Rochester, New York, USA*) organizado pelo Instituto Técnico Nacional para Surdos (*National Technical Institute for the Deaf - NTDI*)¹⁸. Esse instituto é considerado a primeira e maior faculdade tecnológica do mundo para estudantes surdos ou com deficiência auditiva. Geralda conta sobre essa experiência.

Quadro 18 - Transcrição de excerto da entrevista de Geralda Eustáquia Ferreira



Quando eu cheguei em Belo Horizonte estava tendo uma seleção para representar MG no NTID em Nova York. Lá vou eu escrever o meu texto [...] esperando a resposta do NTDI, consegui. Foi!!! Tinha uma possibilidade de ficar lá, eu consegui um visto de 6 anos [...]. Eu já tinha conseguido o que eu queria, publicar um trabalho nos Estados Unidos, fazer amizades, estudar, melhorar o eu inglês, fazer uma incursão na ASL e contato com intérpretes de gestuno do mundo inteiro. Ah! Foi muito bom, muito bom.

Fonte: Entrevista TILS Geralda Eustáquia Ferreira - Tomada 1 - Tomada 1 - 25.11.2020 - Vídeo 1 30:01.

Geralda reconhece a importância do outro em sua formação, dos surdos e ouvintes no seu aprimoramento em língua de sinais, assim como do estudo e aprofundamento do que se tinha de mais atual sobre a educação de surdos e língua de sinais. Menciona o potencial de diferentes experiências para a sua qualificação ao “*fazer amizades, estudar, melhorar o meu inglês, fazer uma incursão na ASL e contato com intérpretes de gestuno do mundo inteiro*”. A seguir, apresentamos algumas fotos do álbum de Geralda.

¹⁸ Disponível em: <https://www.rit.edu/ntid/>. Acesso: 03 jan. 2023.

Figura 21 - Álbum de fotografia página 6 (Foto da esquerda: Geralda em frente à entrada principal de evento realizado pelo NTDI em 1990; foto da direita: Geralda interpretando em Seminário Internacional em Belo Horizonte, no ano de 1999)

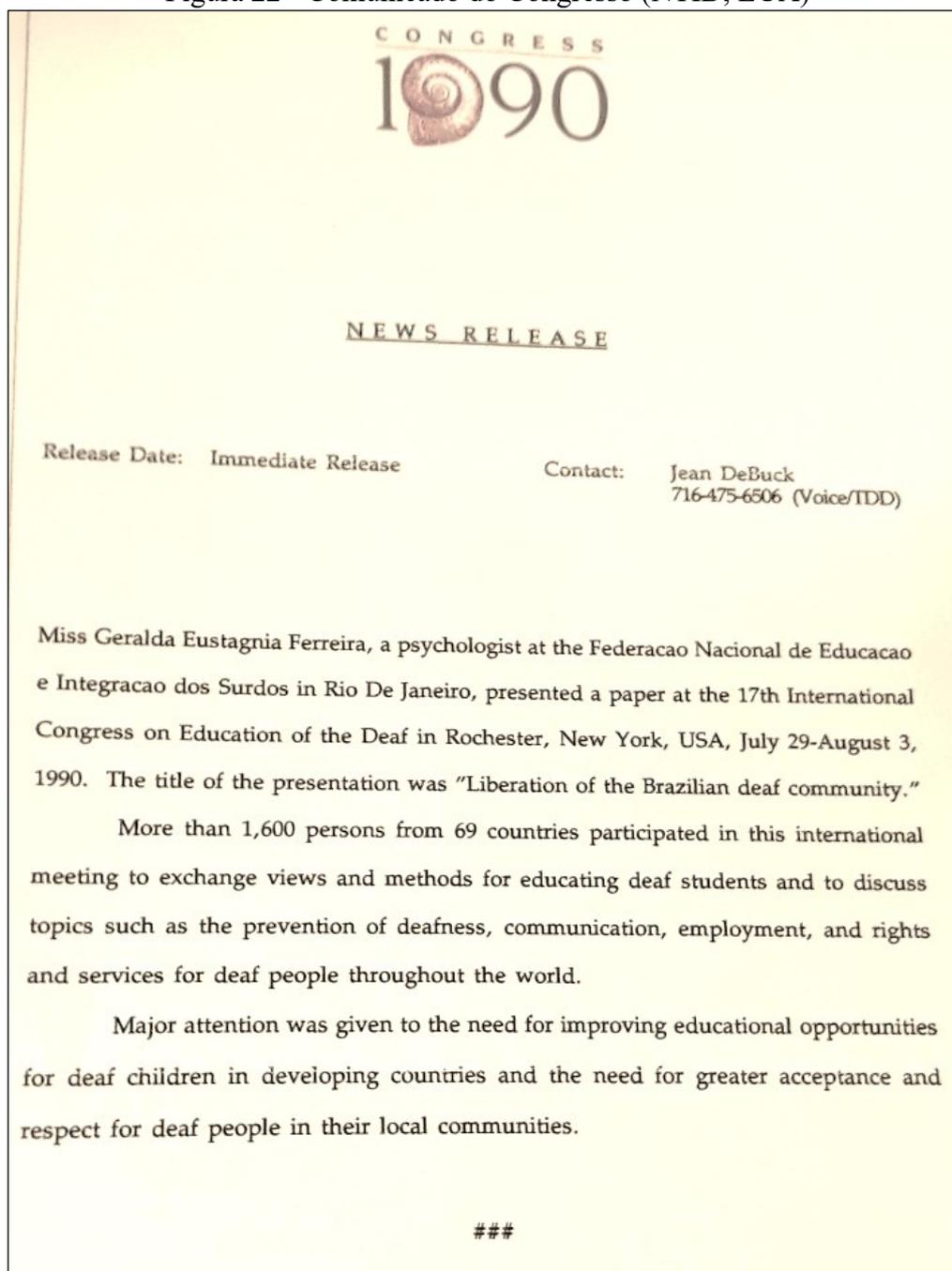


Fonte: Acervo pessoal de Geralda cedido para esta pesquisa.

A primeira foto refere-se a sua participação no evento internacional realizado pelo Instituto Técnico Nacional para Surdos (*National Technical Institute for the Deaf* – NTDI). Ela está em frente ao prédio da instituição onde aconteceu o congresso mencionado. Na segunda foto, Geralda está atuando como intérprete de Libras para português da palestra de Antônio Campos de Abreu no Seminário Nacional da sociedade inclusiva Belo Horizonte (29/09 a 02/10 de 1999).

Como mencionado por Geralda, esses eventos acadêmicos se constituíam como uma rica oportunidade para o contato com diferentes profissionais, inclusive intérpretes de línguas de sinais que já tinham a visão da interpretação como uma profissão. No documento sobre o evento (Figura 21), 1600 pessoas participaram do congresso pertencentes a 69 países diferentes. Circulando neste espaço diferente línguas de sinais. Podendo também conhecer sobre distintas experiências de educação de surdos em todo o mundo. Como mencionado no documento, Geralda é identificada como psicóloga e representando a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos.

Figura 22 - Comunicado do Congresso (NTID, EUA)



Fonte: Acervo pessoal de Geralda cedido para esta pesquisa.

O comunicado do evento enfatiza a possibilidade de troca o espaço de intercâmbio entre diferentes países. No discurso de Geralda enfatiza este aspecto, podemos concordar que

movimento interlocutivo é um acontecimento constituído pelos textos criados, pelos enunciados que são trocados. Os sentidos construídos emergem dessa relação que se dá numa situação específica e que se configura como uma esfera social de circulação de discursos. Os textos que dela emergem marcam um lugar específico de construção do conhecimento que se estrutura em torno do eixo da alteridade,

possibilitando o encontro de muitas vozes que refletem e refratam a realidade da qual fazem parte. (FREITAS, 2003, p. 9).

As vozes dos participantes desta pesquisa, ou seja, dos intérpretes convidados a narrar sobre suas histórias nas comunidades surdas, reverberam a valorização pelo contato com outros intérpretes, com diferentes experiências internacionais e com a aprendizagem pela vivência prática. Anteriormente, Ângela também citou Ronice Quadros como um nome que figura como uma importante intérprete do Brasil, atualmente, mais reconhecida pela sua atuação como formadora de intérpretes e pesquisadora. Ângela cita que ela era uma das intérpretes experientes e também dominava línguas estrangeiras para atuar nas palestras internacionais.

Assim, buscamos vestígios¹⁹ de suas viagens internacionais. A partir de palestras e publicações escritas de Ronice Quadros, procuramos informações sobre suas primeiras experiências em interpretação. Ronice é filha de pais surdos e tinha ampla circulação na comunidade surda no sul do país. Já nos anos de 1990 adentra ao meio acadêmico e busca uma formação como pesquisadora de línguas de sinais.

Em minicurso intitulado *Os 5 fundamentos da gramática da Libras* (empresa Signa Libras), Ronice Quadros conta um pouco de sua trajetória e indica que aprendeu muito em sua viagem para a *University of Connecticut* em 1997 e para a *Gallaudet University* em 1998²⁰. Ronice menciona que em conversa com Dennis Cokely,²¹ em sua visita a Boston, discutiram sobre formação de intérpretes e ele a orientou a procurar contribuir com a formação de tradutores e intérpretes em nível superior. Ela havia contado para Dennis do curso no ano de 1997 e ele foi enfático em afirmar que a formação dos intérpretes deveria ser em curso

¹⁹ Ronice Quadros não foi entrevistada nesta pesquisa, considerando que não foi inicialmente indicada pelo presidente da Feneis, sendo depois indicada pela primeira entrevistada. Diante do escasso tempo de produção da dissertação não foi possível desenvolver o contato com Ronice Quadros. Assim, procuramos outros documentos que tivessem informações sobre o seu histórico.

²⁰ Sobre Dennis Cokely, ver:

<https://news.northeastern.edu/2018/08/22/remembering-a-pioneering-american-sign-language-interpreter-northeastern-professor/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

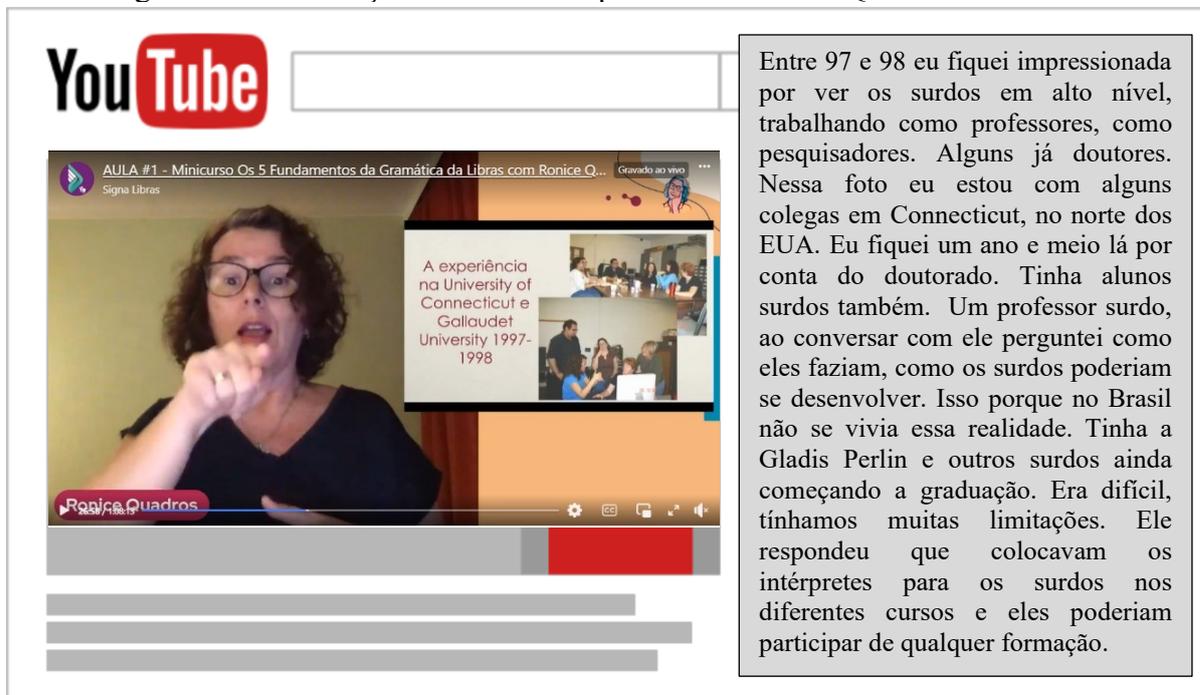
Como também a palestra: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=bjZWW1OTwSE>. Acesso em: 16 dez. 2022.

²¹ Dennis Cokely, distinto diretor do Programa ASL e Professor de Culturas, Sociedades e Estudos Globais da Northeastern University, EUA. Ele tem sido uma inspiração para intérpretes de todo o mundo e muitos de nós tivemos o privilégio de assistir seus treinamentos e palestras.

Agradeço do fundo do meu coração o seu incansável empenho -- especialmente em duas áreas: interpretação da linguagem gestual e sociolinguística das línguas gestuais. Algumas de suas obras foram traduzidas para o alemão e frequentemente usadas na formação de intérpretes

superior. Como conta Ronice, essa conversa contribuiu com a sua reflexão para o embrião e desenhar o curso Letras Libras para formação de tradutores e intérpretes no Brasil.

Figura 23 - Transcrição de excerto da palestra de Ronice Quadros no Youtube



Fonte: Imagens extraídas de palestra proferida por Ronice Quadros (2021)²².

Ronice apresenta-se surpresa e feliz com essas possibilidades e reflete sobre os modos de desenvolver algo similar no Brasil. Importante destacar que os processos de inclusão educacional mediados por intérpretes educacionais já estavam em percurso no Brasil, mas atingia, principalmente, alunos surdos matriculados na Educação Básica (ALBRES, 2015; FERREIRA, 2021; SILVA, 2022) e em projetos experimentais, mas não na pós-graduação.

As articulações internacionais com pesquisadores e formadores se consolidou ainda mais com a entrada de Ronice na universidade pública, mais especificamente na USFC, com a produção de eventos e projetos de parceria interinstitucional e com a internacionalização das experiências brasileiras. Nas fotos a seguir, apresentamos Dennis Cokely, convidado especial para palestra de abertura da 4ª edição do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e

²² Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?v=893199157912043&ref=watch_permalink. Acesso em: 16 dez. 2022.

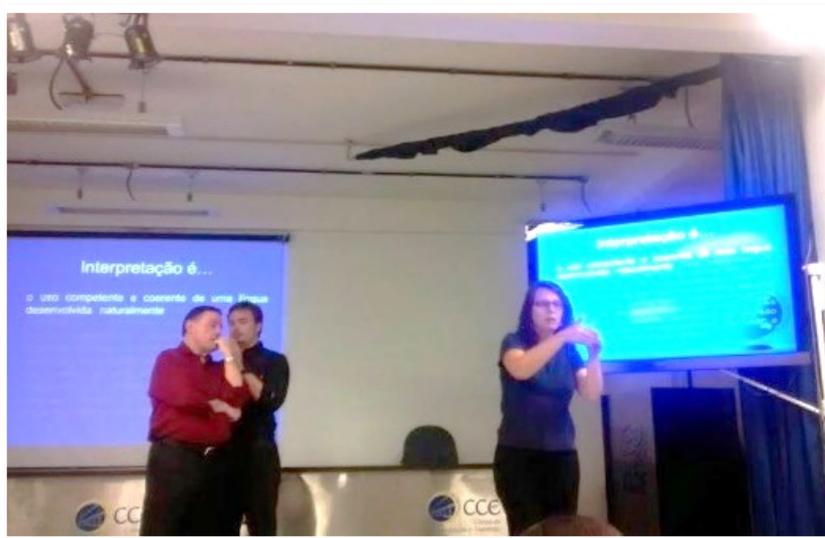
Interpretação de Língua de Sinais e Língua Portuguesa, doravante chamado de Congresso TILS, para realizar a palestra “50 anos de lições aprendidas”.

Figura 24 - Palestra de Dennis Cokely no Congresso TILS (2014) na UFSC



Fonte: Imagem extraída da palestra, cedida por Juliana Fernandes²³.

Figura 25 - Minicurso de Dennis Cokely no Congresso TILS (2014) na UFSC



Fonte: Imagem extraída do minicurso, cedida por Carla Sparano²⁴.

A Figura 25 ilustra Dennis Cokely em sua apresentação em ASL ao lado de Marianne Rossi Stumpf (surda) que o interpreta para a Libras. A Figura 23 refere-se ao Minicurso de Dennis Cokely – *Reflexões sobre a interpretação: Lições aprendidas* ao lado

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=860402297327361&set=a.660719160629010>

²⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10202847587691498&set=a.2002868232112>

dos dois intérpretes brasileiros, Fernando Parente e Ronice Quadros. Dennis Cokely faleceu no ano de 2018, mas com certeza deixou suas marcas na comunidade surda e de intérpretes do mundo e do Brasil. Além de suas palestras e minicursos, seus escritos são regularmente citados em trabalhos acadêmicos do Brasil (artigos, dissertações e teses). Pode-se afirmar que, além de incentivador por uma formação superior de intérpretes de línguas de sinais no Brasil, também contribuiu significativamente com as pesquisas nacionais.

O evento é realizado desde o ano de 2008, ano de criação do curso de bacharelado em Letras Libras (UFSC) e contou com inúmeras palestras internacionais e nacionais, como em minicursos de pesquisadores internacionais e brasileiros. Essa prática acontece desde a sua primeira edição até os dias atuais, em que completou sua sétima edição em 2022. Considerando o exposto até aqui, é possível avaliar que estes intérpretes brasileiros basearam sua organização, atuação e práticas fundamentados, principalmente, em experiências internacionais.

Muitos dos intérpretes de primeira geração, bem como a Feneis, trabalharam arduamente para a formação dos tradutores e intérpretes de Libras. Isso ocorreu por meio de cursos de capacitação, cursos livres, cursos de formação continuada envolvendo diferentes instituições religiosas (igrejas de diferentes denominações promoviam cursos de libras e de treinamento de intérpretes de língua de sinais) e associativas sem fins lucrativos, como as associações de surdos regionais ou a Feneis. Esse fato consta no histórico do projeto político pedagógico do Curso Letras Libras em sua primeira oferta.

Assim, a formação dos tradutores e intérpretes de Libras e português conquista outros espaços, acadêmicos e se pauta cada vez mais em estudos científicos. O curso superior de Letras Libras (Bacharelado) desenvolvido no Brasil esteve vinculado à UFSC.

A concepção do Curso de Letras Libras surgiu em 2002, quando o Laboratório de Ensino a Distância da UFSC entrou em contato com a professora Ronice M. de Quadros, o professor Vilmar Silva e representantes surdos da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Na época ainda não se tinha clareza quanto ao nível de formação que seria proposto. Em 2004, foi elaborado um projeto de criação do Curso de Letras Libras que tramitou institucionalmente pela Educação e pela Letras. Foi em 2005 que a criação do curso foi aprovada em todas as instâncias da UFSC, e foi decidida a submissão de um projeto para o oferecimento desse curso na modalidade a distância, com o apoio do Ministério da Educação. Neste mesmo ano, foi publicado o Decreto nº 5.626 que regulamentou a Lei de Libras 10.436/2002. Entre as várias ações previstas neste decreto, constava a criação de cursos de formação de professores de Libras. O Curso de Letras Libras Licenciatura atendia diretamente a esta demanda legal, passando, portanto, a ser apoiado pelo Ministério da Educação. (QUADROS; STUMPF, 2014, p. 10).

O objetivo delimitado nesta dissertação, isto é, analisar as narrativas de intérpretes de língua de sinais que atuaram nos anos de 1980 e 1990, foi alcançado. Não temos a pretensão de aprofundar as questões de formação institucionalizada e de história mais recente (anos 2000 em diante). Assim, conseguimos registrar e analisar neste capítulo discursos sobre a constituição como intérpretes de línguas de sinais na história das comunidades surdas brasileiras antes da formação superior estabelecida, contribuindo para o campo da história da tradução, mais especificamente dos que trabalham com língua de sinais.

5.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

De maneira geral, conseguimos perceber que os discursos que emergiram nas entrevistas com os TILS tratam de uma refração de discursos sociais formado nas comunidades surdas. Logo, o início como intérprete é atribuído a um fato ocasional, a um chamado divino ou a algo do destino. Nas entrevistas, a língua de sinais é indicada como algo exótico ou uma linguagem encantadora. Os surdos são concebidos como seres humanos que precisam de ajuda. Precisam de pessoas ouvintes que desenvolvam esse papel de mediadores linguísticos e culturais, por isso os sujeitos se lançam nessa tarefa. Dito de outra forma, nas narrativas, o início do contato com as comunidades surdas é interpretado como algo predestinado. Não há uma explicação objetiva da entrada nessa atividade, mas coincidentemente, todos os entrevistados identificam seu começo como algo que foge ao desejo pessoal. Simplesmente se vive a vida e em determinado momento da sua trajetória se conhece alguma pessoa que faz um convite, que os provoca a conhecer um mundo novo. Fatos da vida dos entrevistados os colocam em situações de encontros com surdos de forma despreziosa e paulatinamente seu interesse pessoal cresce, tornando a Libras um objeto de comunicação a ser conquistado e a interpretação um desafio a ser enfrentado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir pesquisa em ciências humanas utilizando a metodologia de história oral é extremamente desafiador. A estrutura de pesquisa com formatação de projeto e a delimitação de objetivos, métodos e princípios de análise são (re)construídos e ressignificados quando nos deparamos com as memórias e as narrativas dos participantes da pesquisa. Esperávamos focar na participação dos intérpretes nos movimentos sociais. Porém, quando do início da análise do *corpus* (composto por entrevista de quatro participantes), as histórias tomaram outros rumos. Como alinhar todas essas histórias? Os temas se abrem e o desafio cresce. Por muitas vezes, senti-me perdida. Precisei conversar inúmeras vezes com minha orientadora para tomarmos posição, bem como para estabelecer o melhor rumo para o desenvolvimento da análise.

É interessante observar que, uma vez desperto o interesse pela pesquisa histórica, novas informações sobre fatos do passado começam a vir à tona. Seja através de publicações ou “achados” que “caem” em nossas mãos, seja pelas conexões que são (re)estabelecidas entre os sujeitos da pesquisa com seus outros, com as múltiplas vozes que o constituem. Neste movimento que se inicia a partir do contato com as fontes, é preciso também saber dosar o quanto de cada fonte contribuirá para os objetivos da pesquisa, bem como delimitar muito bem o que se quer e o que se pode desenvolver nos limites temporais do mestrado. Este aspecto esteve presente o tempo todo, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, exigindo de nós o constante “voltar-se a si” e analisar se estávamos mantendo o rumo escolhido, se estávamos nos desviando dele ou se, por outro lado, a rota escolhida não estava sendo profícua e se fazia necessário recalculá-la.

Ao mesmo tempo em que fomos acessando essas novas “velhas” fontes, também estivemos imbricadas em uma pesquisa com sujeitos, constituídos na e pela alteridade com seus outros, mas ao mesmo tempo únicos, singulares. Foi preciso aprender a perceber os tempos individuais, as melhores formas de acordar as lembranças dos participantes. Além disso, é evidente que de um lado estavam os TILS, de outro, estávamos nós, eu e a professora orientadora, com nossas inquietações, com nossas próprias memórias, nosso tempo e disponibilidade (que nem sempre foram os mais adequados, mas sempre foram os possíveis), tudo isso em um contexto global de pandemia e de incertezas. Neste sentido, percebemos a unicidade de cada ser quando nos deparamos com as experiências individuais. Conforme Ponzio (2017),

Viver a partir desse mesmo, de seu próprio lugar singular, assevera Bakhtin, não significa viver para si, por conta própria; antes, é somente de seu próprio lugar o único que é possível o reconhecimento da impossibilidade da não-indiferença pelo outro, a responsabilidade sem álibi em seus confrontos, e por um outro concreto, também ele singular e, portanto, insubstituível. Eu não posso fazer como se eu não estivesse aí; não posso agir, pensar, desejar, sentir como se eu não fosse eu, e cada identificação de si mesmo falha em sua pretensão de identificação com o outro. Mas, ao mesmo tempo, não posso fazer como se o outro não estivesse aí, não um outro genérico, mas o outro na sua singularidade que ocupa um lugar no espaço-tempo e na medida dos valores que eu não posso ocupar, próprio pelo não-álibi de cada um no existir. [...] Esses são todos caracterizados em termos de alteridade e são eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro para mim. (PONZIO, 2017, p. 22-23).

Para os nossos olhares como pesquisadoras torna-se importante a compreensão da palavra enquanto um fenômeno ideológico formando-se nas e pelas relações dialógicas entre os sujeitos, em certas configurações com atribuição de diferentes papéis. São educadores, pastores, secretários, alunos dos surdos, amigos e ao mesmo tempo intérpretes. Os signos ideológicos, entre os quais se encontra o enunciado “eu sou intérprete de língua de sinais”, constituem-se em acontecimentos de interação, entre sujeitos organizados em sociedade, principalmente nas comunidades de surdos e com o peso da palavra dos surdos, como efetivamente os avaliadores, selecionadores e formadores de intérpretes a partir de eventos reais, refletindo-se e se refratando no processo de significação ideológica da existência. Dito de outro modo, aprende-se a língua de sinais no convívio com surdos.

Esta pesquisa teve a participação de quatro sujeitos, todos envolvidos na educação de surdos. Para Ely e Ricardo, a Escola Concórdia foi o berço para a aprendizagem da língua de sinais e os investimentos da igreja luterana oportunizaram os primeiros cursos. Esses TILS atuaram também na educação religiosa na escola. Geralda, em outro estado do Brasil, também uma educadora, atuava na escola pública de Minas Gerais, vinculada à secretaria estadual de educação. Foi buscar formação no Rio de Janeiro e em diversos cursos que frequentou. Ângela Russo também possui formação como professora, teve a oportunidade de formar-se em curso de extensão em 1997, o que considera como sendo o primeiro curso de formação de TILS do Brasil desenvolvido pela Feneis em parceria com uma universidade pública federal. Direcionou-se para a atuação como intérprete educacional já na universidade.

Apesar da língua de sinais ser preterida na educação de surdos nos anos 1980, ela se mantém nesse espaço de convivência. Provavelmente com meio de circulação mais restrito e controlado em escolas que ainda respiravam os ares do oralismo e aceitavam a língua de sinais como um recurso pedagógico com a abordagem de Comunicação total. Esta abordagem foi uma porta para a língua de sinais adentrar a escola. Como constatado, os intérpretes

aprenderam também pelo contato na comunidade escolar, vivenciando uma imersão linguística.

O aprimoramento e as primeiras experiências significativas como intérpretes acontecem com surdos adultos e líderes da comunidade surda, geralmente representantes da Feneis. Os fatos selecionados pelos sujeitos e que apareceram nas entrevistas já são eventos políticos e educacionais. Essa narrativa indica que, nesse momento, se veem de fato como intérpretes pelo aval e escolha dos surdos representantes da Feneis. As mediações entre Libras-português que fizeram no cotidiano das escolas, promovendo a interação entre um ouvinte e um surdo em uma conversa serviram como aprendizado, mas não são atribuídas pelos entrevistados como o início da interpretação, mesmo porque ainda não se viam como intérpretes.

É pela palavra do outro que assumem esse papel, resignificando o seu fazer, construindo os modos de operar com cada surdo para quem interpretavam. É comum o discurso de aprender com os próprios surdos a ser intérprete; de combinados específicos para delimitar a dinâmica a interpretação, alinhar termos e sinais como também a posição no espaço de interação. Nesta relação de valorações únicas e irrepitíveis que constituem a cada um de nós, participantes desta pesquisa, nos vimos refletidos e refratados uns nos outros. Sentimos uns pelos outros, sem, contudo, deixarmos de ter consciência do lugar que cada um de nós ocupa no campo da interação social que nos aproximou tanto.

Podemos concluir que as experiências narradas e as situações vividas pelos participantes indicam que as representações internas da constituição como intérpretes de Libras se deram nas comunidades surdas. Era prioritariamente neste contexto que os intérpretes eram escolhidos pela confiança e integridade que transmitiam. Mas, para além disso, há o papel ativo desses sujeitos que se lançam nas comunidades surdas e vivem uma imersão cultural e linguística tão intensa, que foi capaz de suprir a necessidade, na época, de uma formação acadêmica inexistente no Brasil. Assim, “o território social não é apenas a expressão exterior, mas também a vivência interior” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 211), ou seja, aquilo que o sujeito constrói internamente sobre si é marcado pela sua relação com o externo, com o outro, com o contexto. A formação acontecia observando intérpretes mais experientes.

No contexto nacional, aqueles que podemos identificar como sendo parte deste pequeno grupo de pioneiros precisaram encontrar seus modelos em intérpretes do exterior, o que foi possível graças às oportunidades que surgiram no decorrer de suas trajetórias de vida junto às comunidades surdas. Os discursos indicam que muitas ações que aproximaram e

fortaleceram TILS estavam relacionadas à vanguarda educacional protagonizada pelo Colégio Especial Concórdia para Surdos em Porto Alegre, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980, sendo que a consolidação da atuação de intérpretes vai acontecer a partir dos anos 1980.

Também ficou evidenciada a relevância para a constituição profissional dos TILS a realização do primeiro curso de formação de intérpretes no sul do país, organizado pela Feneis com a chancela acadêmica da UFRGS, no ano de 1997. Nas narrativas presentes nas entrevistas é notável o quanto a prática e a experiência são valorizadas nos discursos dos participantes da pesquisa, propiciando a construção de uma relação de alteridade, constitutiva dos intérpretes de língua de sinais no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. **Intérprete Educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva**. São Paulo: Harmonia, 2015.
- ALBRES, N. de A.; SANTIAGO, V. de A. A tradução e a interpretação para Libras em tempos de pandemia: políticas linguísticas e políticas de tradução. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 10, n. 1, p. 01–30, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/33839>. Acesso em: 2 mar. 2022.
- ALBRES, N. A. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: uma história contada com as primeiras pesquisadoras. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020. Disponível em: <https://insular.com.br/produto/estudos-da-traducao-e-interpretacao-de-linguas-de-sinais-contextos-profissionais-formativos-e-politicos/>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017a.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Waldemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017b.
- BERMAN, A. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine de Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2 ed. Florianópolis: Copiart, 2013.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória**. Tradução de tradução Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BRAIT, B.; NUNES, J. A. **Documentos oficiais em diálogo**. Eutomia, Recife, v. 21, n. 1, p. 144-168, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/237464/30543>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- BRAIT, B. **Análise e teoria do discurso**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-31.
- BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Casa Civil: Brasília, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Casa Civil: Brasília, 2002.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Casa Civil: Brasília, 2010.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** MEC: Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Casa Civil: Brasília, 2021.

BRITO, F. B. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais.** 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122013-133156/pt-br.php>. Acesso em: 19 mai. 2019.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, n. spe-2. p. 71-92, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/6KfHLbL5nN6MdTj3FLxpJ/?lang=pt>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais Brasileira.** Vol II: Sinais de M a Z. São Paulo, Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.

CARNEIRO, T. D. Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças na formação, atuação e status social. **Tradução em Revista**, v. 23, p. 2-19. 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32233/32233.PDF>. Acesso em: 13 mai. 2019.

CICCONE, M. **Comunicação total:** introdução, estratégia, a pessoa surda. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

COKELY, D. Shifting Positionality: A Critical Examination of the Turning Point in the Relationship of Interpreters and the Deaf Community. *In*: MARSCHARK, Mark; PETERSON, Rico; WINSTON, E. A. (eds). **Sign Language Interpreting and Interpreter Education: Directions for Research and Practice.** New York: Oxford University Press, 2005. p. 3-29. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/36478/chapter-abstract/321086120?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 20 ago. 2021.

COUTINHO. M. D. D. **Rever o Passado, Olhar o Presente para Pensar no Futuro.** *In*: ANAIS do Seminário Surdez: desafios para o próximo milênio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação dos Surdos, INES, 2000. **Anais [...]**, Rio de Janeiro, p. 77-79, 2000.

DIAS, F. L. de C.; BOAS, T. V. **Uma relação entre o cronotopo e a palavra**: apontamentos epistemológicos e esboços analíticos. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, v. 6, p. 75-97, jan./dez. 2019. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/2868/482483681>. Acesso em: 10 set. 2021.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 136 p.

DESLILE, J.; WOODSWORTH, J. **Os Tradutores na História**. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 359.

DRUGAN, J. Ethics and social responsibility in practice: interpreters and translators engaging with and beyond the professions, *The Translator*, 23:2, 126-142. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13556509.2017.1281204>. Acesso em: 27 out. 2021.

FENEIS. Capacitação de professores intérpretes de Libras. *Revista FENEIS*. ano IV, No 13. Janeiro/março 2002. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_13_f079e26cae49f7. Acesso em: 03 jan. 2023.

FERNANDES, M. B. Linguagem e Alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin. *Eutomia*, Recife, v. 21, n. 1, p. 169-184, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/237079>. Acesso em: 14 set. 2021.

FERREIRA, S. T. **Memórias da escola com intérpretes educacionais por uma aluna surda**: discursos, dialogismo e ideologias. 118 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PGET0527-D.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

FREITAS, M. T. A. **O Pensamento de Vigotsky e Bakhtin no Brasil**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de pesquisa*, n. 116, p. 21-39, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KnJW3strdps6dvxPyNjmvyyq/?lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2019.

FREITAS, M. T. A. A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas. *In*: 26. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Poço de Caldas, 2003. *Anais [...]*, Poço de Caldas, 2003. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/pesquisa_freitas_2003.pdf. Acesso em: 07 jul. 2019.

GALEFFI, D. A. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. *In*: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-73.

GIORDANI, L. F. **Educação de surdos e formação docente – o caso do curso pedagogia bilíngue online**. Publicado no canal TV UFBA. 1 vídeo (1h 29min), 23 de fev. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2fm_1921z3w&ab_channel=TVUFBA. Acesso em: 03 jan. 2023.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara maral. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOEMANN, H.; OATES, E.; HOEMANN, S. (orgs.). **Linguagem de sinais do Brasil**. Porto Alegre: [s.e.], 1983.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNG, A. P.; ALBRES, N. de A. A. Movimento em defesa das escolas bilíngues para surdos: o papel dos tradutores intérpretes de libras-português. In: Colóquio Internacional de Educação Especial, Florianópolis, UFSC, 2019. **Anais eletrônicos** [...], Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/cintedes-2019/trabalhos/movimento-em-defesa-das-escolas-bilingues-para-surdos-o-papel-dos-tradutores-int>. Acesso em: 22 dez. 2019.

LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEMOS, G. de S.; CARNEIRO, T. D. Panorama histórico de cursos de formação de Tradutores - Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa. **Belas Infieis**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-36. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/33393>. Acesso em: 09 ago. 2022.

LIMA, M. E. C. C. **Sentidos do trabalho – a educação continuada de professores**. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

LOPES, L. B. **Emergência dos Estudos Surdos em Educação no Brasil**. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172212/001058389.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 abr. 2019.

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOPES, L. B.; THOMA, A. da S. Discursos sobre a educação bilíngue na década de 1990 e efeitos nas políticas e práticas educacionais para surdos no presente. In: II Cintedi, 2016. **Anais** [...], Campina Grande, 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_ID3530_14102016230517.pdf. Acesso em: 24 mai. 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, R. S. A. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACEDO, R. S. A. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências**. Salvador : EDUFBA, 2009. 174 p. : il.

MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências**. Salvador : EDUFBA, 2009. 174 p. : il.

MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. Vygotsky e Bakhtin/Volóchinov: dialogia e alteridade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 103-115, 1º semestre, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4749>. Acesso em: 30 abr. 2019.

MASUTTI, M. L. **Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes**. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

MASUTTI, M. L; SANTOS, S. A. dos S. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R, M. de. (org.). **Estudos surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila C. Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016. 213 p. | il., grafs.

OLIVEIRA, M. B .F. de. Linguagem e Alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Revista Eutomia**, Recife, 21(1): 169-184, Jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/download/237079/30544>. Acesso em 23 jun. 2021.

OLIVEIRA, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PAGURA, R. **A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação dos intérpretes brasileiros**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/pt-br.php>. Acesso em: 15 mai. 2020.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A.

(orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 23-45

PEREIRA, M. C. P. **Interpretação interlíngua**: As especificidades da interpretação de língua de sinais. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 21, p. 135-156, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p135/7587>. Acesso em: 23 set. 2020.

PERLIN, G. Identidades Surdas. *In*: SKILIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 23-28.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 136-147, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/798>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PINILLA, J. A. S *et al.* A metodologia em História da Tradução: estado da questão. **Belas Infieis**, v. 6, n. 2, p. 223-255, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/11464/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In*: BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Waldemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 9-38.

PYM, A. **Method in Translation History**. Manchester: St. Jérôme. Radó. 1998.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC; SEESP, 2004. 94 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2022.

QUADROS, R. M.; SANTOS, S. A. dos. O Tradutor-intérprete de língua de sinais no Brasil: Ontem, hoje e amanhã. **LSI - Lengua de Señas e Interpretación**, v. 1, p. 91-114, 2010.
RAMOS, R. C. (2004), "Histórico da FENEIS até o ano de 1988". Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

QUADROS; R. M. de. STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. *In*: Ronice Müller de Quadros. (Org.). **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. 1ed., v. 1. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 9-35.

RAMOS, C. R. **Histórico da FENEIS até o ano de 1988**. Editora Arara Azul, 2004. Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

ROCHA, D.; DAHER, M. D. C.; SANT'ANNA, V. L. de A.. Entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. **Polifonia**, Cuiabá, v. 8, p. sem paginação, 2004.

ROCHA, S. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil**. Vol. 01, 2ª edição, Rio de Janeiro: INES. 2008. 140 p.

RODRIGUES, N. C. **A construção dialógica do discurso do professor de língua portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. 232p.

ROSA, A. da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 199 p. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2005. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/11>. Acesso em: 4 ago. 2020.

RUSSO, Â. **Intérprete de Língua Brasileira de Sinais: uma posição discursiva em construção**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. 133 p.

RUSSERL, D. **Sign Language Interpreters: Discover and Recover an Enduring Legacy?**. Disponível em: https://streetleverage.com/live_presentations/debra-russell-sign-language-interpreters-discover-recover-an-enduring-legacy/. Acesso em: 28 mar. 2019.

SANDER R. E. **Narrativas de filhos ouvintes de pais surdos** – CODAS, sobre o crescer bilíngue. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp). Marília, 2020. 273 p. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202404/sander_re_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 17 jun. 2021.

SANTOS, S. A. dos. **Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre as identidades**. 2006. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90455>. Acesso em: 10 mai. 2020.

SANTOS, S. A. dos. Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação acadêmica e profissional. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 26, p.145-164, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p145>. Acesso em: 28 mar. 2019.

SANTOS, S. A. dos. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. 2006. 313f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122677>. Acesso em: 10 mai. 2022.

SILVA, C. A. de A. **Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SILVA, C. A. de A. Igreja Católica e Surdez: Território, Associação e Representação Política. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1): 13-38, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/hHnRF8pmvSbMGCX3pkmfcBF/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SILVA, E. A. de O. da. **Estudos sobre interpretação educacional libras-português para crianças surdas na educação infantil**. 2022. 133 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PGET0538-D.pdf>. Acesso em: 18 out 2022.

SILVA, F. O. da. Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2012960, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89462860001>. Acesso em 14 abr. 2021.

SILVA-REIS, D.; BAGNO, M. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 81-108, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/NcZVg5KKxpvkJWqZDVX6jFN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. *In*: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 117-138.

SILVEIRA, R. M. H. Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. *In*: SILVEIRA, R. M. H. (org.) **Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação**. 2 ed. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

SOBRAL, A. **Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

STEINER, G. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005, pp. 533.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História oral**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Katerina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WITCHES, P. H.; MORAIS, S. de O. Interpretação de língua de sinais no Brasil de 1907 a 1959. **Revista Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/36074>. Acesso em: 10 out. 2021.

WYLER, L. **Línguas, poetas e bacharéis**. Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Mestrando: Ana Paula Jung
Profa. Orientadora: Dra. Neiva Albres de Aquino

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS/PORTUGUÊS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da profissão”**. Nesta pesquisa, pretendemos entrevistá-lo por ser TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E LÍNGUA PORTUGUESA (TILS) tendo como objetivo o registro histórico da participação dos tradutores e Intérpretes de Libras-Português (TILS) em eventos marcantes dos movimentos surdos. Neste sentido, sua participação será de grande importância, contribuindo com o registro histórico a partir da perspectiva dos TILS. As entrevistas terão duração prevista de 1 hora e serão filmadas.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer e analisar o que narram tradutores intérpretes da língua brasileira de sinais e língua portuguesa (TILS) em relação a sua participação em eventos marcantes e decisivos da história recente da comunidade surda brasileira e do movimento surdo organizado, investigando quais foram estes eventos, qual o cenário sócio-político no qual ocorreram, quem foram os principais TILS que estiveram presentes de maneira atuante, quais foram as condições de sua participação e qual sua relevância para os desdobramentos dos movimentos surdos nestes contextos históricos.

Este estudo se justifica pela necessidade de conhecer e registrar a participação dos TILS em eventos marcantes da história dos movimentos surdos brasileiros, coletando dados do contexto histórico de atuação destes atores sociais através de narrativas.

O estudo não deverá beneficiar você diretamente, mas a sua participação certamente contribuirá para o registro histórico dos intérpretes no Brasil. Além disso, o estudo deverá contribuir para a memória dos profissionais, contribuindo também com outros estudos que envolvem essa área.

Para participar desta pesquisa, o entrevistado não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Porém, o participante tem direito ao ressarcimento de qualquer despesa resultante de sua participação na pesquisa, cujos valores serão ressarcidos pelas pesquisadoras por meio de reembolso. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, pode solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente circunstanciada.

Os riscos envolvidos nesta pesquisa estão relacionados à possibilidade de sentir cansaço, aborrecimento ou constrangimento durante a gravação e ao responder à entrevista na sessão de gravação dos dados de fala e de imagem. Há possibilidade de sentir alterações na autoestima, que são provocadas pela evocação de memórias, bem como alterações na visão de mundo e de comportamentos em função de reflexões que envolvam questões profissionais. É possível que as gravações de áudio e vídeo ocasionem desconforto ou alterações de comportamento. Caso alguma destas situações citadas venha a ocorrer, a realização das entrevistas será cessada e reiniciada somente a partir da total dissolução do possível mal-estar, podendo ser remarcada para nova data ou, ainda, cancelada, acolhendo a vontade do participante voluntário seja ela qual for.

A qualquer tempo o participante tem o direito de desistir de participar da pesquisa e de retirar seu consentimento, sem qualquer prejuízo para si mesmo ou para a relação com as pesquisadoras.

A qualquer tempo você poderá contatar com as responsáveis pela pesquisa, através dos dados expressos a seguir:

Orientadora: Dra. Neiva de Aquino Albres Endereço: xxxxxxxxxxxxxxxx Bairro: xxxxxxxxxxxxxxxx Telefone: xxxxxxxxxxxxxx E-mail:neiva.albres@ufsc.br	Mestrando: Ana Paula Jung Endereço: xxxxxxxxxxxxxxxx Bairro: xxxxxxxxxxxxxxxx Telefone: xxxxxxxxxxxxxx E-mail: jung.ana@gmail.com
---	---

Você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) se achar que está sendo prejudicado ou que essa pesquisa está sendo conduzida de má fé: CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFSC. Reitoria II, 4º andar, Sala 401. Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade. Telefone: 3721-6094. E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade nº _____ fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa **“Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da profissão”** de maneira clara e detalhada.

Ao consentir minha participação nesta pesquisa, estou ciente de como esses dados serão utilizados, bem como da necessidade de uso dos registros de imagem e de depoimentos. Assim, autorizo, através do presente termo, a gravação em áudio e vídeo de meus depoimentos durante a realização de entrevistas decorrentes da pesquisa, sem qualquer ônus a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, autorizo a utilização das fotos, vídeos e áudios de meus depoimentos para fins científicos e de estudos através da publicação de livros e artigos, bem como da produção de material de multimídia, autorizando também a utilização de meu verdadeiro nome em favor da pesquisa acima especificada.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Nessas condições, declaro que concordo em participar.

Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Florianópolis, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) entrevistado

Assinatura do(a) Prof(a). Orientador(a)

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS
EM VOZ E/OU EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Mestrando: Ana Paula Jung
Profa. Orientadora: Dra. Neiva Albres de Aquino

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS EM VOZ E/OU EM
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Eu, abaixo assinado e identificado, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, seja este em voz (áudio) ou em Língua Brasileira de Sinais – Libras – especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa de Mestrado intitulada **“Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da profissão”**, AUTORIZO, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido às pesquisadoras Ana Paula Jung (mestranda) e Neiva de Aquino Albres (professora orientadora), bem como todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o vídeo-depoimento do acervo de pesquisa, tanto para a divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, *vídeos* e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus às pesquisadoras e à Universidade Federal de Santa Catarina ou a terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Nome:
Data de Nascimento:
CPF N°:
Endereço:
Cidade:
Telefone para contato:
E-mail:

Florianópolis, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do(a) entrevistado

Assinatura do(a) Prof(a). Orientador(a)

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS
EM VOZ E/OU EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

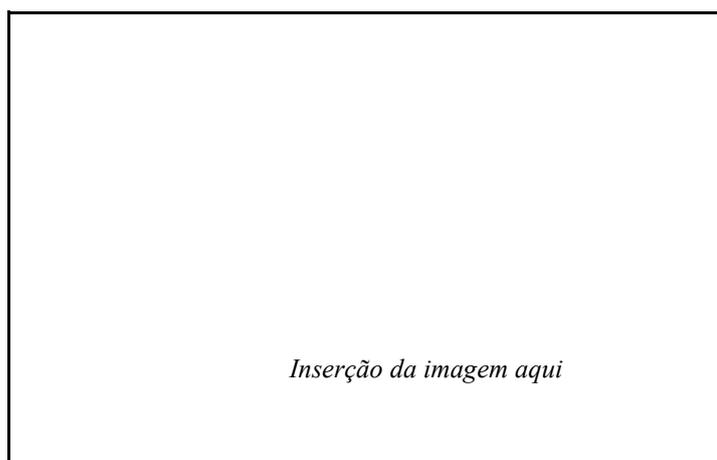


Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Mestrando: Ana Paula Jung
Profa. Orientadora: Dra. Neiva Albres de Aquino

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS EM
VOZ E/OU EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Eu, abaixo assinado e identificado, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do estudo, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa de Mestrado intitulada “**Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da profissão**”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de imagem(ns) compartilhada(s) por mim, na rede social “Facebook” e que se encontra reproduzida na dissertação da pesquisadora Ana Paula Jung, sob a orientação da Profa. Dra. Neiva de Aquino Albres (PGET/UFSC), AUTORIZO o uso da imagem disponível no link xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx para compor o acervo de pesquisa, tanto para a divulgação ao público em geral como para a formação de acervo histórico.

A imagem de que trata este termo é a seguinte, publicada na linha de tempo de minha rede social em xx/xx/xx:



A presente autorização abrange os usos acima indicados, tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, *vídeos* e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo, sem

qualquer ônus às pesquisadoras e à Universidade Federal de Santa Catarina ou a terceiros por estes expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade, preencho e assino a presente autorização.

Nome:
Data de Nascimento:
CPF N°:
Endereço:
Cidade:
Telefone para contato: ()
E-mail:

xxxxxxxxxxxxxxxx, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do Entrevistado

Assinatura da Prof^a Orientadora

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE D – QUADRO COM LEVANTAMENTO DE MARCOS HISTÓRICOS

Quadro 22 – Levantamento prévio de marcos históricos relacionados aos movimentos surdos brasileiros a partir dos anos 1980

Data/Período	Evento	Descrição
1987	Fundação da Feneis	Em 16 de maio de 1987 a Feneis é fundada, com os surdos assumindo a diretoria da entidade.
1999	V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos	Realizado na cidade de Porto Alegre, no ano de 1999, na UFRGS, e o denominado “Pré-congresso”, mobilização da comunidade surda na organização de demandas emergentes deste grupo para a educação, que deu origem ao documento “Que educação nós surdos queremos”.
24 de abril de 2002	Publicação da Lei nº 10.436	Reconhecimento da Libras – Língua Brasileira de Sinais – como língua da comunidade surda brasileira
2010	Conae – Conferência Nacional de Educação	Participação dos surdos na etapa nacional da Conae, realizada em março e abril de 2010, em Brasília, ocasião na qual um pequeno grupo de delegados surdos buscou legitimar suas propostas voltadas à educação bilíngue e que se configurou como disparadora, entre outras ocorrências, para a consolidação do Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda (2011)
2011	Movimento Surdo em Defesa da Educação e da Cultura Surda	Mobilização nacional da comunidade surda em Brasília, no Distrito Federal, protagonizada pela Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – e por diversas lideranças surdas brasileiras, com o objetivo de apresentar as demandas desta comunidade no que se refere ao direito à educação bilíngue, cumprindo uma extensa agenda que envolveu o Senado Federal, o CONADE (Conselho Nacional das Pessoas com Deficiência), a PGR (Procuradoria Geral da República) e o MEC (Ministério da Educação)
2011, 2012, ...	Setembro Azul	Criação e organização das ações do “Setembro Azul”, articulação do movimento surdo organizado, com vias a divulgar as pautas de debate e reivindicação da comunidade surda brasileira em todo o território nacional, envolvendo ações culturais, esportivas, sócias e educacionais (2011, 2012,)
2014	Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa do MEC	Construção coletiva sobre Políticas Linguísticas (elaborado pelo Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI)
2018	Campanha Presidencial	Mobilização de representações da comunidade surda brasileira durante a campanha eleitoral para a Presidência da República, onde a polaridade política nacional se manifestou também no contexto do segmento das pessoas surdas sinalizantes, culminando com entrega de propostas para ambos os candidatos que concorreram no segundo turno, realizadas por representantes distintos da comunidade surda, ocasionando uma mudança de comportamento das campanhas políticas com inserção se profissionais tradutores intérpretes de Libras em grande parte das aparições públicas realizadas pelos concorrentes (2018).

Fonte: Desenvolvido pela autora.

APÊNDICE E – LEVANTAMENTO PRÉVIO DE NOMES DE TILS

Quadro 23 – Levantamento prévio de nomes de TILS que tiveram atuação significativa junto aos movimentos surdos brasileiros a partir dos anos 1980

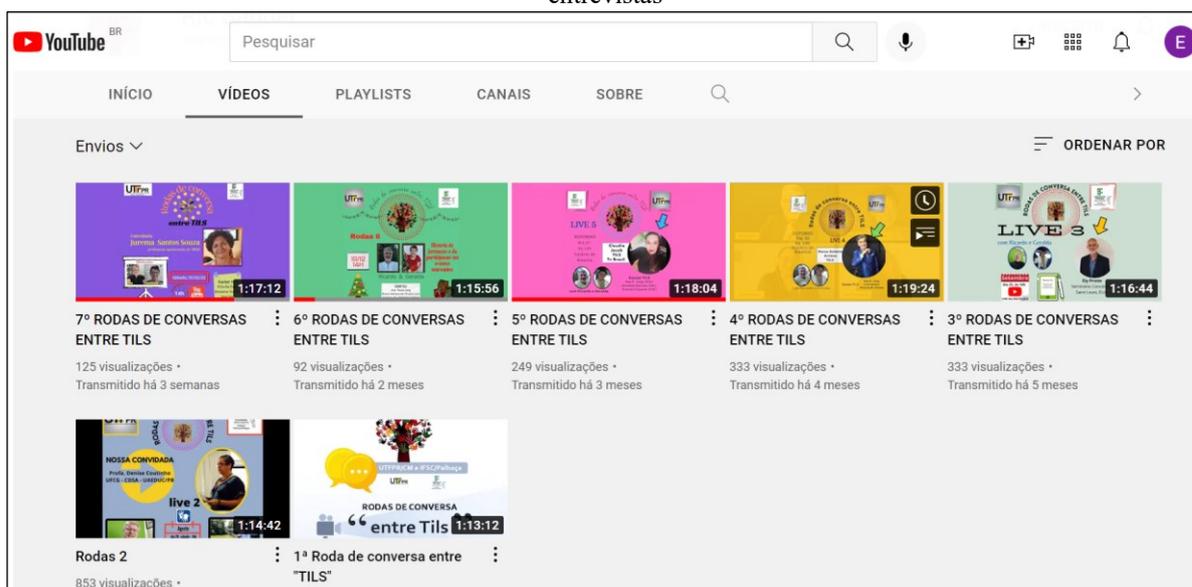
Nome do/da TILS	Região do Brasil	Participação em evento histórico ou contexto social junto ao movimento surdo
Geralda Eustáquia Ferreira	MG	Feneis (MG)
Ricardo Sander	RS/SP	Escola Concórdia de Porto Alegre (década de 1990); Feneis (RS); Febrapils
Eli Prieto	RS	Escola Concórdia de Porto Alegre (década de 1990)
Evanise Luz	RS	Escola Concórdia de Porto Alegre (década de 1990)
Dayse Garcia	MG	Feneis (MG)
Sonia Marta	MG	Feneis (MG); Febrapils
Regiane Lucas Garcêz	MG	Feneis (MG e nacional)
Denise Coutinho	PE	Feneis (nacional)
Cristiane Farias	CE	Feneis (nacional)
Tânia Madeira	RS	Feneis (RS) Atuante nos movimentos surdos (RS)
Fátima Furriel	RJ	Feneis (RJ) Lei de Libras – proposição da Deputada Benedita da Silva (RJ) INES (RJ)
Ester Tominaga	DF	Lei de Libras - Aprovação no Congresso (DF) Participação em desdobramentos dos movimentos surdos em Brasília (DF)
Ângela Russo	RS	Feneis/RS Atuante nos movimentos surdos (RS)
Adriana Arioli	RS	Participação no Pré-Congresso de Educação Bilíngue (Porto Alegre, 1999)

Fonte: Desenvolvido pela autora.

APÊNDICE F – APRESENTAÇÃO DOS CONTEÚDOS PROVENIENTES DO PROJETO DE EXTENSÃO “RODAS DE CONVERSA ENTRE TILS”

Projeto “Rodas de Conversa entre TILS”²⁵, na qual Ricardo Sander, Ana Paula Jung e Geralda Eustáguia Ferreira desenvolvem uma parceria para tornar público histórias de vida de TILS. Os TILS são convidados a contar um pouco mais sobre suas trajetórias de formação e de participação em eventos importantes para as lutas das comunidades surdas.

Figura 24 – Capa do canal do *Youtube* em que são transmitidas as *Lives* e onde estão hospedados dos vídeos as entrevistas



Fonte: produzida pela autora.

Quadro 24 – Relação de “lives” do Projeto “Rodas de Conversa entre TILS”

“Card” de divulgação das “lives”	Detalhes de cada “live”
	<p>“Live” 1</p> <p>Apresentação do Projeto “Rodas de Conversa entre TILS”, por Geralda E. Ferreira (Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais), Ricardo E. Sander (UTFPR) e Ana Paula Jung (IFSC e PGET/UFSC).</p> <p>Data de realização: 31 de julho de 2021. Tempo de duração: 01h 13min 12s Link da transmissão: https://youtu.be/CEkB3a9PaNE</p>

²⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCdZmed5wYllmcjkTpZbT_wQ/videos

 <p>UFPR Campus Mourão</p> <p>INSTITUTO FEDERAL Santa Catarina Campus Palhoça Bilingue</p> <p>RODAS DE CONVERSA ENTRE TILS</p> <p>NOSSA CONVIDADA Profa. Denise Coutinho UFCG - CDSA - UAEDUC/PB</p> <p>live 2</p> <p>Agosto dia 28, sábado - 14h YouTube Link na descrição</p> <p>Ricardo Ernani Sander</p> <p>Geralda Eustáquia Ferreira</p>	<p>“Live” 2</p> <p>TILS Convidada: Denise Coutinho (TILS e Professora - UFCG)</p> <p>Data de realização: 28 de agosto de 2021. Tempo de duração: 01h 14min 41s Link da transmissão: https://youtu.be/kf-hCSI3gE0</p>
 <p>UFPR</p> <p>INSTITUTO FEDERAL Santa Catarina Campus Palhoça Bilingue</p> <p>RODAS DE CONVERSA ENTRE TILS</p> <p>LIVE 3</p> <p>com Ricardo e Geralda</p> <p>Setembro dia 25, às 14h YouTube LINK NA DESCRIÇÃO</p> <p>Time de TILS Ana Paula Jung Angela Rosset Livia Gomes Oliveira</p> <p>Ely Prieto Seminário Concórdia, Saint Louis, EUA.</p>	<p>“Live” 3</p> <p>TILS Convidado: Ely Prieto (TILS, ThD e Pastor - Seminário Concórdia, <i>Saint Louis</i>, EUA)</p> <p>Data de realização: 25 de setembro de 2021. Tempo de duração: 01h 16min 43s Link da transmissão: https://youtu.be/mbdFmbT1wMI</p>
 <p>INSTITUTO FEDERAL Santa Catarina Campus Palhoça Bilingue</p> <p>UFPR</p> <p>Rodas de conversa entre TILS</p> <p>LIVE 4</p> <p>OUTUBRO DIA 30 ÀS 14H HORÁRIO DE BRASÍLIA</p> <p>Marco Antônio Arriens</p> <p>Equipe TILS Ana P. Jung (IFSC) Livia Gomes (UFAM) Priscila M. Simões (UFPR)</p> <p>com Ricardo e Geralda</p>	<p>“Live” 4</p> <p>TILS Convidado: Marco Antônio Arriens (TILS e Professor)</p> <p>Data de realização: 28 de agosto de 2021. Tempo de duração: 01h 19min 23s Link da transmissão: https://youtu.be/DL8VNkDG-yU</p>

 <p>LIVE 5</p> <p>NOVEMBRO dia 27 às 14h horário de Brasília</p> <p>Claudia Jacob TILS Tv Brasil</p> <p>Equipe TILS Ana P. Jung (IFSC) Jhonatas Narciso (EBC) Priscila P. Duarte (IFSC)</p> <p>com Ricardo e Geralda</p>	<p>“Live” 5</p> <p>TILS Convidada: Cláudia Jacob (TILS – TV Brasil)</p> <p>Data de realização: 27 de novembro de 2021.</p> <p>Tempo de duração: 01h 18min 03s</p> <p>Link da transmissão: https://youtu.be/otEoc0LKqqQ</p>
 <p>Rodas 6</p> <p>18/12 14H</p> <p>História de formação e da participação em eventos marcantes</p> <p>Ricardo & Geralda</p> <p>EQUIPE TILS Ana Paula Jung Bruno Adriano de Oliveira Lins Vanessa Ap. Palermo Campos</p>	<p>“Live” 6</p> <p>“História de formação e da participação em eventos marcantes”, por Geralda E. Ferreira (Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais) e Ricardo E. Sander (UTFPR).</p> <p>Data de realização: 18 de dezembro de 2021.</p> <p>Tempo de duração: 01h 15min 55s</p> <p>Link da transmissão: https://youtu.be/Zs2qmgofWzc</p>
 <p>Rodas de conversa entre TILS</p> <p>Convidada Jurema Santos Souza professora aposentada do INES</p> <p>Mediação:</p> <p>Sábado, 19/02/22</p> <p>14h</p> <p>Equipe TILS Priscila Paris Jhonatas Narciso Ana Jung</p>	<p>“Live” 7</p> <p>TILS Convidada: Jurema Santos Souza (TILS e Professora do INES)</p> <p>Data de realização: 19 de fevereiro de 2022.</p> <p>Tempo de duração: 01h 17min 11s</p> <p>Link da transmissão: https://youtu.be/sl6d4INsbrs</p>

 <p>Live 8</p> <p>Rodas de conversa Entre TILS</p> <p>Convidada TILS Ângela Russo</p> <p>Mediação Geralda E. Ferreira e Ricardo E. Sander</p> <p>Equipe TILS Ana Paula Jung (UFSC) Amanda Alfaia (FURG) Patricia Ughi (UFRGS)</p> <p>Sábado 26/03/22 14h</p>	<p>“Live” 8</p> <p>TILS Convidada: Ângela Russo (UFRGS) Data de realização: 26 de março de 2022. Tempo de duração: 01h 16min 01s</p> <p>Link da transmissão: https://youtu.be/QRh9O4ZAhpQ</p>
 <p>Live 9</p> <p>Rodas de conversa Entre TILS</p> <p>Convidada: Juliana Fernandes de Moraes TILS UNICAMP</p> <p>Mediação Geralda E. Ferreira e Ricardo E. Sander</p> <p>Equipe TILS Ana Paula Jung (UFSC) Aneliz B. A. Alencar (UTFPR) Francilley Domingues (SNE de Campinas)</p> <p>Sábado 30/04/22 14h</p>	<p>“Live” 9</p> <p>TILS Convidada: Juliana Fernandes de Moraes (UNICAMP)</p> <p>Data de realização: 30 de abril de 2022. Tempo de duração: 01h 17min 16s Link da transmissão: https://youtu.be/vKVC4omHXWo</p>
 <p>Live 10</p> <p>Rodas de conversa Entre TILS</p> <p>Convidada: Gildete da S. Amorim Mendes Francisco Professora da Universidade Federal Fluminense</p> <p>Mediação Geralda E. Ferreira e Ricardo E. Sander</p> <p>Equipe TILS Ana Paula Jung (UFSC) Salete Figueiredo (UFSC) Gilson Vilela da Silva (Freelancer)</p> <p>Sábado 28/05/22 14h</p>	<p>“Live” 10</p> <p>TILS Convidada: Gildete da S. Amorim Mendes Francisco (Professora da UFF)</p> <p>Data de realização: 28 de maio de 2022. Tempo de duração: 01h 15min 49s Link da transmissão: https://youtu.be/y0swmQNcGww</p>

 <p>“Live” 11</p> <p>TILS Convidada: Neiva de Aquino Albres (Professora e pesquisadora da UFSC)</p> <p>Data de realização: 30 de julho de 2022. Tempo de duração: 01h 15min 49s Link da transmissão: https://youtu.be/t4kPJrsEk6s</p>	
 <p>“Live” 12</p> <p>Convidada: Esmeralda Stelling (Professora aposentada, mãe de surdos e defensora da Libras – Niterói, RJ)</p> <p>Data de realização: 27 de agosto de 2022. Tempo de duração: 01h 16min 59s Link da transmissão: https://www.youtube.com/watch?v=eJ7DOn_dY1o&t=68s</p>	